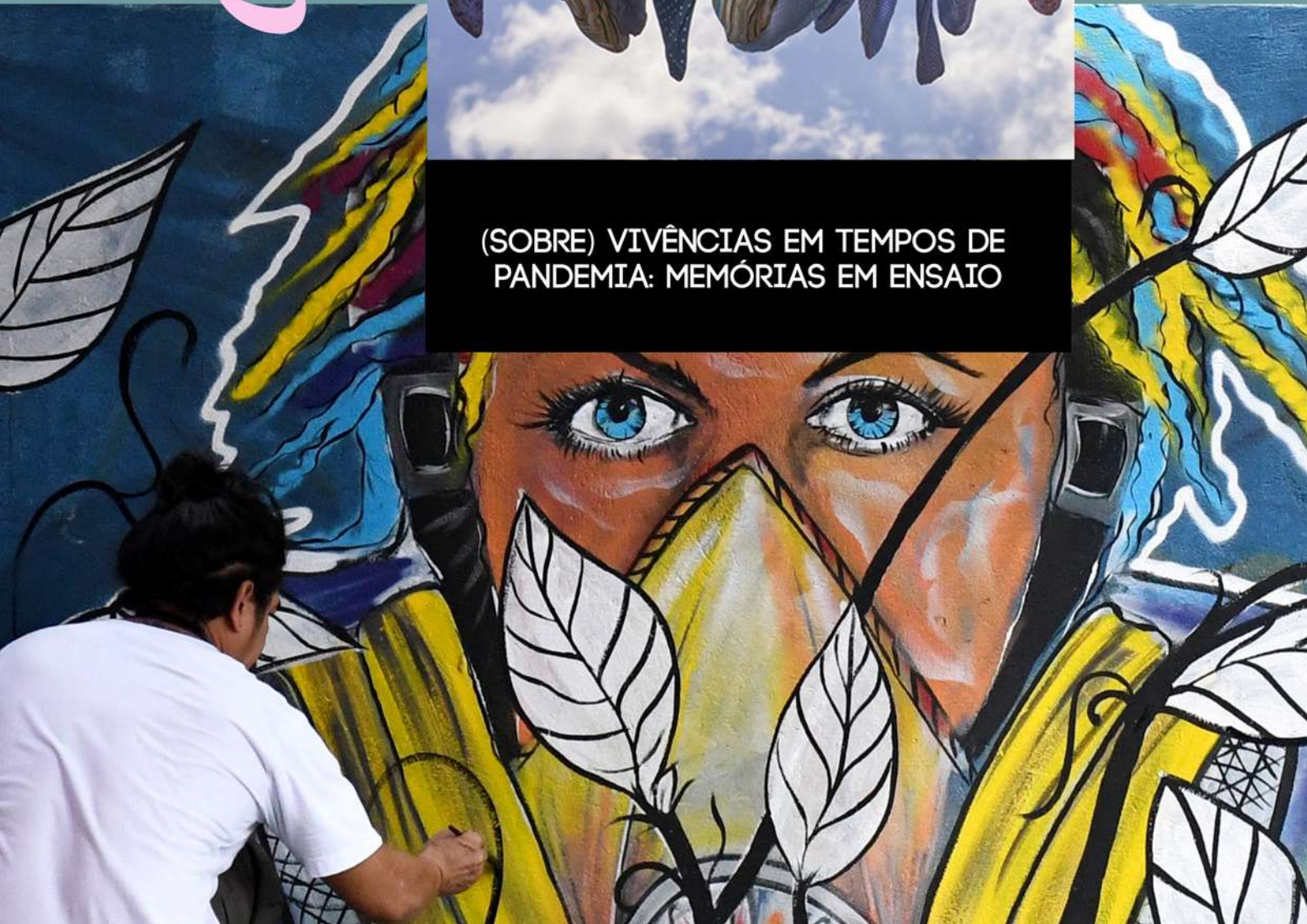


foto crono grafias

2021
E-ISSN 2595-3559



(SOBRE) VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE
PANDEMIA: MEMÓRIAS EM ENSAIO



Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraz@gmail.com
Fabrício Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
Joanna Sevaio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — jmsevaio@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Leonardo Palhano Cabreira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — leo.csociais@outlook.com
Manoela Laitano Chaves, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — manoelalaitano@gmail.com
Marcelo Fraga, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — mrsfraga@gmail.com
Matheus Cervo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — cervomatheus@gmail.com
Thiago Batista Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — thiago.batista@ufrgs.br

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará — Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647



Organização

Alexsânder Nakaóka Elias - Doutor em Antropologia Social (Unicamp) e pós-doutorando em Antropologia pelo Navisual/UFRGS
Daniele Borges Bezerra - Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPe), doutoranda em Antropologia (PPGAnt- UFPe), Brasil

Organização Assistente

Fabrício Barreto - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFRGS), Brasil

Fotos da Capa e Contracapa

Kaísa Andrade, Marcelo Alves, Jesus Marmanillo Pereira; Anelise dos Santos Gutterres, Priscila Moreira, Deia Corazzini, Cândido e Julio Pazmino

Diagramação e Editoração

Felipe da Silva Rodrigues - Mestrando em Planejamento Urbano Regional (PROPUR/UFRGS), Brasil

foto *crono* grafias

(SOBRE) VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
MEMÓRIAS EM ENSAIO

Sumário

vol.07 num.16

(SOBRE) VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: MEMÓRIAS EM ENSAIO

EDITORIAL: (Sobre) vivências em tempos de pandemia: memórias em ensaio Alexsânder Nakaóka Elias Daniele Borges Bezerra	06	Del autoconfinamiento y otras compañías Mauricio Sánchez Álvarez	120
De repente, a cidade estranha Ariadne Grabowski	16	WANDERLUST Tayná Almeida de Paula	144
Seu Zé dos Cavalos Miriam Adelman	30	Uma rua em pandemia: reconfigurações do espaço no Calçadão da Rua Andrade Neves em Pelotas Guilherme Rodrigues de Rodrigues Hamilton Oliveira Bittencourt Junior	158
A pandemia pelos muros de Imperatriz: Fotoetnografia e caminhadas com um artista de rua Jesus Marmanillo Pereira	48	Agnès Varda em Curitiba: montagem de pesquisa Ana Claudia França	170
Pandemic Coverage: Media bias over minorities Williana Lima Costa	64	Ecdise e recolhimento, ou tudo que nasce é rebento Anelise dos Santos Gutterres	186
Discursos pandêmicos das ruas de Porto Alegre Fabíola de Carvalho Leite Peres	82	Antes o em-casa não existia — 21 dias de pandemia e mais Wagner Ferreira Previtali	204
Etnografia do abandono e do esquecimento José Duarte Barbosa Júnior	104	Grafias-rastro como reinvenção das vivências pandêmicas Daniele Borges Bezerra Alexsânder Nakaóka Elias	224

ApresentaçãoAlexsânder Nakaóka Elias¹Daniele Borges Bezerra²**vol. 07 num. 16****(SOBRE) VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
MEMÓRIAS EM ENSAIO**

Ce qui se passe chaque jour et qui revient chaque jour, le banal, le quotidien, l'évident, le comum, l'ordinaire, l'infra-ordinaire, le bruit, de fond, l'habituel, comment en rendre compte, comment l'interroger, comment le décrire? (Perec, 1989, p.11)³.

A ideia deste dossiê surgiu a partir da experiência coletiva do projeto “Pandemia de Narrativas”, uma iniciativa do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da Universidade Federal de Pelotas (LEPPAIS⁴-UFPel) que, por meio da criação de um perfil no Instagram, começou a (a)colher expressões narrativas sobre as vivências durante a pandemia de Covid-19. A motivação inicial que levou à criação do projeto foi a sensação compartilhada por alguns membros do laboratório, durante a primeira etapa da pandemia, sobre a necessidade de exprimir e tornar tangível as emoções provocadas pelas incertezas e angústias iniciais.

1 - Doutor em Antropologia Social(Unicamp, 2018) / Mestre em Fotografia e Cinema (Unicamp, 2013) — Pesquisador do LA'GRIMA/Unicamp; NAVISUAL/Ufrgs e LEPPAIS/UFPel; alexdefabri@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0001-6746-0464>;
<http://lattes.cnpq.br/9631991512840338>

2 -Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural, Coordenadora Adjunta do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/UFPel); borgesfotografia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6278-3838>;
<http://lattes.cnpq.br/0831071373455034>

3 - “O que acontece todos os dias e que se repete todos os dias, o banal, o cotidiano, o óbvio, o comum, o ordinário, o infra-ordinário, o ruído de fundo, o usual, como relatar, como questionar, como descrever?”. (Livre tradução).

4 - O Laboratório, que já tem mais de uma década, foi criado e é coordenado pela professora Cláudia Turra Magni.

Assim, as grafias tornaram-se uma vez mais um terreno de experimentação e expressão, na tentativa de compreender o que estava em curso em termos sanitários, mas, sobretudo, em seus atravessamentos afetivos, éticos e políticos. Desde então, o projeto passou a estimular tanto a reflexão sobre essas experiências compartilhadas, em suas distintas nuances e profundidades simbólicas, quanto a produção de memórias, a partir de trabalhos poético-reflexivos gerados por múltiplas grafias. A proposta, que surgiu voltada para a comunidade em geral, alcançou um engajamento destacado de pessoas do campo das artes e da antropologia, áreas pelas quais os proponentes do referido projeto de extensão⁵ transitam. A partir desta iniciativa, percebemos a necessidade e a relevante procura por canais de expressão por parte da sociedade (não) acadêmica, o que nos levou, enquanto organizadores deste dossiê, a propormos uma chamada que abrigasse narrativas visuais sobre os atravessamentos provocados pela pandemia, em articulação com a produção de memórias. O distanciamento social nos compeliu a um tipo de comunicação e proximidade limitados, o que evidenciou a busca por outras formas de contato e expressão, mas também de dispositivos para a elaboração das experiências que surgem com o longo e (aparentemente) interminável período de exceção em que vivemos. Trata-se de resistir e criar formas para (re)existir durante a crise político-sanitária ocasionada pela pandemia da Covid-19, aliada a um governo federal negacionista, anticientificista e genocida.

Ao nos vermos forçados a alterar as nossas formas de interação, faz-se essencial refletirmos sobre as vivências que se tornam “estratégicas” (Certeau, 1998) nesse período, bem como sobre as formas de expressão e (super) vivências (Benjamin, 1987; Warburg, 2000) daqueles (as) que, respeitando as orientações sanitárias da Organização Mundial da Saúde (OMS), mantém o distanciamento social, modificando suas rotinas e abdicando do convívio com amigos, colegas de trabalho e familiares, em favor da saúde e segurança coletivas. Ao levarmos em consideração, também, o modo como a “duração das memórias” (Rocha e Eckert, 2013), sejam elas individuais e/ou coletivas, permite acessar contextos e reviver experiências compartilhadas, mostrou-se pertinente mensurar a potência das narrativas como parte de um processo de transcendência do tempo, pensadas aqui como um empreendimento catalisador e (res)significante de memórias em processo sobre a pandemia.

5 - O Pandemia de Narrativas foi idealizado pela artista e pesquisadora Daniele Borges Bezerra, durante seu estágio pós — doutoral em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt- UFPel), juntamente com um grupo de graduandos do curso de Antropologia da UFPel, vinculados ao LEPPAIS. Foram eles: Wemilly Soares, Mateus Pereira, Amanda Winter e Vitória de Lima. Após um ano de atuação — alguns membros saíram, outros entraram — o projeto continua, assim como a pandemia, fazendo-nos repensar a vida, ela mesma colocada em quarentena, sitiada, enquanto o vírus e suas variantes representarem um risco mortal.

Ou seja, memórias de vivências que se articulam como “constelações de imagens” (Durand, 1993; 2004), assumindo formas narrativas que têm a potência de tornarem-se rastros duráveis, com “efeito-signo” (Ricoeur, 1997). Nesse sentido, o conjunto de ensaios visuais que apresentamos no presente dossiê constitui uma curadoria de narrativas que possuem a imagem fotográfica como principal forma de expressão, registro e produção de sentidos, constituindo, assim, uma interface entre as vivências e as memórias, ou seja, um tipo de (foto)elicitación (Banks, 2009) das experiências de (sobre) vida (Pelbart, 2007) que narram e fazem narrar.

Apreciando e respeitando o escopo e o ineditismo editorial da revista “Fotocronografias” no campo da Antropologia, aqui representada pela editora-chefe Cornélia Eckert e pelos editores associados Fabrício Barreto e Felipe Rodrigues, a quem somos imensamente gratos pelo convite, apoio e parceria, buscamos apresentar ensaios que revelam, também, outras formas de expressão ou “grafias” (Ingold, 2012), além da fotografia. Assim, linguagens como o desenho, a colagem e o grafite/pichação⁶ são articulados a partir da metodologia das “montagens” visuais (Warburg, 1929; Eisenstein, 1929, 1942), compartilhando com os (as) leitores (as) “memórias em ensaio” compostas pelos atritos e intersecções entre imagens e textos. A tarefa e o dever deste dossiê é compor, assim, um arquivo imagético cuja relevância se apresenta urgente e necessária, visto que “a questão do arquivo não é uma questão do passado, mas uma questão de futuro, a questão do futuro mesmo, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã” (Samain, 2012).

Em “De repente, a cidade estranha”, produzido por Ariadne Grabowski na cidade de Curitiba, a autora nos apresenta imagens do cotidiano confinado a partir de sua ótica, com destaque para a contemplação da cidade a partir de uma memória que é composta pelo distanciamento social. Ariadne investe, por meio de um texto potente e de imagens muito sensíveis, na experiência e “recordação dos espaços que se tornaram comuns na rotina de muitos que vivem nos centros urbanos durante a pandemia”. As fotografias, ainda, remetem ao estilo modernista, salientando as formas geométricas e investindo em tons pastéis.

6 - Salientamos que não compreendemos pixo, pichação e grafite como equivalentes, mas como linguagens que estão inseridas em circuitos ideológicos distintos, sendo o grafite reconhecido como manifestação artística democrática, onde a rua torna-se um “lugar de exposição” para todos, envolve processos longos e uma gama de materiais específicos. E o pixo, considerado uma contravenção, é questionador e subversivo por natureza, envolvendo atitudes rápidas e materiais mais acessíveis. São, portanto, tomadas de posição que incorporam e expressam distintas dimensões políticas.

No ensaio intitulado “Seu Zé dos Cavalos”, Miriam Adelman adentra em duas combinações binominais que são muito caras à Antropologia desde os primórdios da disciplina. Ao propor uma documentação das relações entre humanos e cavalos, expressão na figura de “Seu Zé” e de seus familiares, retratadas também na área urbana do município de Curitiba, o trabalho dá a ver as ambíguas fronteiras, ou melhor, as intersecções entre humano-não humano e rural-urbano. Em relação à imagética, chama a atenção a presença de texturas nas fotografias, que, aliadas à variação entre planos tradicionais e outros menos convencionais, revelam uma expressividade muito potente.

Enfatizando a cidade e suas relações poéticas com os cidadãos, Jesus Marmanillo Pereira irá perambular pela urbe para revelar “A pandemia pelos muros de Imperatriz: Fotoetnografia e caminhadas com um artista de rua”. Este ensaio, resultante de uma etnografia por ele realizada em Imperatriz-MA, evidencia a relação entre o grafite/pichação e a pandemia a partir da interlocução com o artista Haresh Koury. Construído nas intersecções entre duas formas de grafia, a fotografia e o grafite/pichação, o conjunto visual nos oferece um potente apelo reflexivo e estético, com cores vivas que expressam a dimensão política, a(r)tivista e de movimento condizentes com a arte de rua em suas potências democrática, subversiva e de resistência.

Imperatriz-MA é precisamente o cenário onde Williana Costa cria “Pandemic Coverage: Media bias over minorities”, narrativa composta por imagens e textos bem articulados, na qual irá demonstrar “o aumento gradativo do comércio informal na cidade” ao longo da pandemia. Com um forte engajamento político, Williana mostra que os trabalhadores que estão em situação de vulnerabilidade social, nas chamadas zonas sociais periféricas, foram retirados das ruas por agentes públicos, tendo sua renda familiar extremamente prejudicada e sua sobrevivência colocada em xeque. Além disso, a autora expõe como a situação de liminaridade dessas pessoas serve para alimentar os mass media locais, em um processo de espetacularização e sensacionalismo “que visa exclusivamente a obtenção de audiência”, uma questão ética salutar a ser realçada. As fotografias são muito tocantes não só pelo tema, mas devido aos seus aspectos estéticos, como as texturas, os gestos e as expressões faciais dos/as interlocutores/as “mascarados/as”, tomados como protagonistas desta narrativa.

Fabíola Carvalho de Leite Peres investe na mesma linha política, urbana e artística ao criar “Discursos pandêmicos das ruas de Porto Alegre”.

Ao deslocar-se pelas ruas da cidade onde reside, deixando-se afetar (Favret-Saada, 2005) por imagens que antevê, a autora produz fotografias que revelam outras formas de expressão visual que, com ela, coabitam a cidade de Porto Alegre-RS. São pichações⁷, lambe-lambes e cartazes com dimensões estéticas (cores, contrastes e movimentos) acentuadas, que ensejam um despertar político contra os desmandos do governo federal. As imagens e os textos, pensados em consonância, procuram identificar as narrativas urbanas na pandemia, “reforçando seu potencial contra-hegemônico” a partir do olhar sensível e engajado de Fabíola.

A temática do urbano — e as formas de habitá-lo em um período de exceção — é precisamente o mote da obra “Etnografia do abandono e do esquecimento”, de José Duarte Barbosa Júnior. A partir de fotos realizadas entre 2020 e 2021 na cidade de Natal/RN, o autor busca refletir sobre o (des)confinamento a partir de saídas etnográficas realizadas tanto por meio de caminhadas quanto pelo pedalar da sua bicicleta. Aqui, a relação entre cidade e imagens se faz nítida a partir do movimento de fotografar para “reconhecer essa cidade que surgia abandonada e esquecida em um conjunto de unidades dispersas”. Seu olhar, impresso nas escolhas e nos enquadramentos, destaca a cidade enquanto ente narrativo do espaço quase desabitado, símbolo de um tempo de suspensão, a vida recolhida no interior das casas.

No ensaio “Del autoconfinamiento y otras compañías”, Mauricio Sánchez Álvarez alia uma narrativa visual potente com um texto poético e sensível, dispostos em uma montagem instigante. Tal composição “verbo-visual” (Bateson & Mead, 1942) mostra, com fotografias e versos de sua autoria, o seu cotidiano em confinamento na Cidade do México. Tais narrativas do “infra-ordinário” (Perec, 1989), remetem e são familiares às vivências pelas quais muitos de nós estamos passando, contribuindo para a produção de uma memória sobre o período de excepcionalidade coletivamente experienciado em nível transnacional. Mas também problematizam, a partir de um olhar sobre o familiar (Velho, 1980), as implicações afetivas provocadas pela pandemia, numa tentativa de narrar dimensões ordinárias da vida, competentes em revelar o (extra)ordinário, conectando-se, assim, com as experiências de outros (as) em condições similares às suas.

“Wanderlust”, de Tayná Almeida de Paula, busca dar a ver a (re)invenção do cotidiano de Mayara, em tempos de prolongado isolamento social. Tendo como articulador do ensaio a palavra “Wanderlust”, termo alemão tatuado

na pele de sua interlocutora e que significa “o sentimento incontrolável de querer viajar e explorar o mundo”, a autora compõe uma série de retratos no ambiente íntimo da casa, ressaltando a contradição pela qual Mayara passa, entre o desejo “de querer estar fora e (o) dever estar dentro”. Além disso, Tayná resalta questões fundamentais para as práticas da fotografia e da etnografia, ao se posicionar como “fotógrafa de rua” impossibilitada por motivos éticos, expressos no recolhimento como forma de cuidado com o outro, que a impedem de exercer o seu duplo trabalho em campo.

Guilherme Rodrigues de Rodrigues e Hamilton Oliveira Bittencourt Junior co-produzem “Uma rua em pandemia: reconfiguração do espaço no Calçadão da Rua Andrade Neves em Pelotas”. Este ensaio visual é resultado de uma itinerância pela Rua Andrade Neves, localizada na cidade de Pelotas/RS, especificamente em uma região comercial chamada “Calçadão” e o desdobramento da dissertação em antropologia defendida por Guilherme no início de 2021. Por meio de montagens muito bem articuladas com o texto, os autores partem de uma prancha composta de fotografias de acervo do período da grande epidemia de gripe espanhola (1918), na qual as pessoas também precisaram fazer uso de máscaras como medida profilática, para então apresentar o ambiente de grande circulação na cidade, agora reconfigurado pela presença destes aparatos de segurança e a sua comercialização. Uma dinâmica que altera a visualidade do calçadão, mas não sua forma de habitar, ressaltando a manutenção de “um fluxo intenso de circulação, gerando oportunidade de comércio para os vendedores ambulantes” que reinventam suas ofertas, evidenciando o comércio de rua como sobrevivência urbana em tempos de pandemia.

Ana França apresenta, em “Agnès Varda em Curitiba: montagem de pesquisa”, estimulantes colagens produzidas no último ano de seu doutoramento, que coincidiu com o início da pandemia, em 2020. Na sua investigação, limitada pelo confinamento social, investigou mulheres que atuavam no circuito de cinema de Curitiba-PR entre os anos 1976 e 1989, compondo estimulantes montagens, metodologia cara ao cinema de Varda (e à prática fílmica, em geral), a partir de recortes de fotografias e textos, incitando a nossa imaginação enquanto forma de enfrentamento da Covid-19. O ensaio também coloca em evidência os desafios do trabalho de campo antropológico em tempos de pandemia, resultando numa alternativa, solução criativa encontrada pela autora, para dar seguimento a sua pesquisa, tendo como base o princípio da montagem, que não deixa de ser uma “montage affect” (Piault, 1995)⁸.

“Ecdise e recolhimento, ou tudo que nasce é rebento”, de Anelise dos Santos Gutterres, é um potente conjunto verbo-visual composto por imagens poéticas e expressivas, impregnadas pelas experiências de vida da autora e de sua família, “uma narrativa bioinspirada, onde a passagem do tempo é buscada nos gestos e fragmentos conectados por linhas fantasmas de universos em transformação”. Por meio da articulação criativa entre fotografia, desenho e pintura, a obra nos oferece texturas, camadas que instigam o acionamento de outros sentidos, além da visão. Trata-se de atribuir um sentido “antropoético” à passagem do tempo e às experiências (Brandão, 2005; Gheirart, 2015). Vida vivida e vida que “brota”, portanto, tendo na criação sensível uma tomada de posição ético-poética que assume a dimensão política.

A correlação entre fotografia e outras formas de expressão ressurgem em “Antes o Em-Casa Não-Existia”, de Wagner Ferreira Previtali. Aqui, as fotos assumem o seu papel primário ao registrar uma história contada por meio dos desenhos do autor. Contudo, esse caráter indicial é rapidamente superado, pois a composição expressa, com tenacidade estética e comunicacional, os “modos de conhecer e de habitar o território” em meio às reconfigurações cotidianas causadas pelo distanciamento social. Nas montagens, as imagens se chocam e se complementam, nos fazendo pensar sobre o tempo e o aspecto ordinário do dia a dia. Nesse sentido, a fotografia coloca em relação elementos sensíveis do cotidiano, representados pelo desenho e o “real” experimentado pelo autor, que passou a dedicar sua atenção às situações pouco valorizadas por ele antes da pandemia. Além disso, a obra surge como uma espécie de “diário gráfico” marcado por uma espécie de suspensão espaço-temporal tornada visível pela repetição/ritornelo.

Por fim, “Grafias-rastro como reinvenção das vivências pandêmicas” constitui uma curadoria na qual oferecemos, a partir de pranchas visuais, uma reelaboração “poliestética” (política-ética-estética) de obras produzidas por autores(as) do Brasil e de outros países, com o intuito de articular os rastros e vestígios das memórias individual e coletiva em tempos de liminaridade. Para tanto, partimos de obras publicadas pelo projeto “Pandemia de Narrativas: vida em quarentena”, que tem o Instagram como seu meio privilegiado de documentação e compartilhamento das vivências em tempos pandêmicos e de necropolítica.

Este dossiê compõe, portanto, uma espécie de inventário de memórias em

construção, que narram acerca de experiências que ainda estão sendo elaboradas, tanto em nível individual quanto em âmbito científico. Desde olhares intimistas a engajamentos sociais, os ensaios relacionam micropolíticas cotidianas e macropolíticas sociais como meio de comunicar e instigar pensamentos. Nesse movimento de produzir sentidos e transmitir experiências a partir da produção de narrativas, há imagens que expressam por si só e outras que têm seus sentidos ressaltados pela articulação com as palavras. Algumas histórias tratam do tempo vivido a partir da sobreposição dos distintos rastros, como palimpsestos que surgem no intuito de narrar para não esquecer. Outras são formas que seus autores(as) encontraram de atribuir sentido aos seus dias. Enquanto conjunto, as narrativas aqui apresentadas propõem refletir sobre os pontos de contato entre vivências que se articulam como uma constelação de memórias, orbitando, um pouco, em cada um de nós.

Referências

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinese Character: A photographic analysis*. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114–119.

BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Tradução: José Fonseca. São Paulo: Artmed editora, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Escrito com o olho –anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e idéias. In: ECKERT, Cornélia; NOVAES, Caiuby (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luisa Carvalho da. *Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre, UFRGS, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução: Paula Siqueira. *Cadernos de campo*. nº 13, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>. Acesso em: 19 de jun. de 2017.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Tradução: Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. *O imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução: René Eve Levié, 3ª Ed., Rio de Janeiro: Difel, 2004.

EISENSTEIN, Serguei. *A forma do filme*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editora, 2002a (Original publicado em 1929).

_____. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002a (Original publicado em 1942).

GHEIRART, Oziel. *O tratado antropeótico*. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP), São Paulo, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, 2012, p. 25–44.

PELBART, Peter Pál. Vida nua, vida besta, uma vida. *Trópico*, p.1–5, 2007. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>. Acesso em 19 de jun. de 2021.

PEREC, Georges. *L'infra-ordinaire*. France: Seuil, 1989.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. *Visualidades*, Goiânia, v.10. n.1, p. 151–164, jan-jun de 2012. VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

WARBURG, Aby. *Der Bilderatlas Mnemosyne* (sob a direção de Martin Warnke e de Claudia Brink). Berlim: Akademie Verlag, 2000 (Original publicado em 1929).



De repente, a cidade estranha

Resumo: Este ensaio fotográfico, produzido em Curitiba no decorrer da pandemia da Covid-19, pretende apresentar imagens do cotidiano confinado com destaque para o ato de contemplação da cidade. Apresento este registro como uma memória dos dilaceramentos e rupturas, dos abismos e distanciamentos sociais e como uma recordação dos espaços que se tornaram comuns na rotina de muitos que vivem nos centros urbanos durante a pandemia.

Palavras-chave: pandemia; cotidiano; contemplação.

Suddenly, the strange city

Abstract: *This photographic essay, produced in Curitiba during the Covid-19 pandemic, aims to present images of the confined daily life with emphasis on the act of contemplating the city. I present this record as a memory of the lacerations and ruptures, of the chasms and social distances and as a reminder of the spaces that become common in the routine of many who live in urban centers during a pandemic.*

Keywords: *pandemic; daily; contemplation.*

¹ - Mestra em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na linha de pesquisa Mediações e Culturas. Possui formação em Bacharelado em Design pela UTFPR, com habilitação em design gráfico e de produto. Graduação-sanduíche em Ingeniería en Diseño Industrial y Desarrollo del Producto na Universidad de Sevilla (US) pelo Programa Ciência sem Fronteiras (CsF). O presente foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES). afsgrabowski@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5142973056705772>
<https://orcid.org/0000-0001-5263-4783>

“São aqueles momentos mansos em que, de uma janela ou da mesa de um bar, ele vê, de repente, a cidade estranha, no palor do crepúsculo, respirar suavemente como velha amiga, e reconhece que aquele perfil de casas e chaminés já é um pouco, e docemente, coisa sua. Mas há também, e não vale a pena esconder nem esquecer isso, aqueles momentos de solidão e de morno desespero; aquela surda saudade que não é de terra nem de gente, e é de tudo (...)” (BRAGA, 1954).

Era o dia 16 de março de 2020, por volta das onze horas da manhã, quando uma voz familiar do telejornal anunciou as suspensões e medidas de isolamento referentes à contenção da pandemia da Covid-19. O modo de sentir o mundo e as sociabilidades mudou, desde então. Na rua, permissão para breves passeios higiênicos. Em casa, conversas em telas e outros aparatos tecnológicos. Seja como for, o que se anunciava na ocasião, de certo modo, eram questões de saúde pública que se misturavam com afetos e formas sensíveis de experimentar a presença do outro. Passamos a perceber o mundo a partir do confinamento. Com isso, pergunto-me: como narrar a respeito da contemplação da cidade, observada agora a partir do ponto de vista do distanciamento social? Como abordar as ausências que despontaram, e ainda despontam, deste período?

Certa vez, ao olhar a cidade, lembrei-me de “A viajante” do cronista Rubem Braga (1913–1990), trecho que abre este ensaio. Publicado em 1954 pelo “Jornal Manchete” no Rio de Janeiro, e atualmente disponibilizado pelo Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, a crônica é um breve ensaio lírico construído a partir dos momentos de “contemplação da cidade”, ato que se tornou habitual para aqueles que vivem em apartamentos e conjuntos habitacionais numa realidade de distanciamento social. Braga se refere às memórias de viagens e exílios, mas expressa, em alguma medida, um sentimento que é acionado pela ideia da contemplação e descreve um momento difícil de definir gramaticalmente.

Inspirada por esta descrição foi que procurei registrar tais momentos de reflexão e alargamento do tempo, ou ainda, perceber na familiaridade destes espaços “aquela saudade que é de tudo”. Nos detalhes das imagens produzidas em minha casa — localizada no centro de Curitiba, na Rua Tibagi — circunscritas por um cotidiano confinado, um aspecto me chamou atenção:

o caráter da contemplação. Explico: as fotografias, enquanto um conjunto narrativo, revelaram uma memória dos dilaceramentos e rupturas, dos abismos e distanciamentos sociais, como uma recordação dos espaços que se tornaram comuns na rotina de muitos que vivem nos centros urbanos durante a pandemia. Observar a vizinhança supõe um vínculo coletivo com a experiência da pandemia e reconfigura, entre outros aspectos, nossa relação com os espaços domésticos, com os arredores, com a cidade e com o tempo.

Ainda, a ausência das pessoas nas imagens ressalta, no meu próprio ato contemplativo, a memória das perdas sociais. Afinal, a fotografia também se apresenta como um “recurso não só do que se quer lembrar, mas também do que se quer esquecer lembrando” (MARTINS, 2013). A proposta era simples: “focalizar os espaços diários, de onde vão saindo as lembranças do cotidiano sob a forma de ralos, cortinas, plantas das áreas comuns, antenas parabólicas enferrujadas pelo tempo, tudo simples, ordinário, sensível, humano” (diário de campo, nov., 2020). Mas as roupas estendidas no varal, as janelas vazias e os sapatos agora reservados do lado de fora de casa evidenciam, também, vestígios de uma presença que falta. Denunciam, em alguma medida, que até o momento da escrita deste ensaio, em números absolutos, o Brasil mantém-se como o segundo país com mais mortes por Covid-19 no mundo².

Esperançosa, contudo, ainda sem saber o que fazer com a sensação de ausência e de saudade quando vou à janela do apartamento e contemplo a cidade a abrir-se para todos os lados, arrisco-me a conjecturar que nos separamos temporariamente para podermos nos reencontrar. Porque o encontro exige desencontro³, porque sem a ausência não existe a presença.

2 - Foram 270.656 desde o início da pandemia, de acordo com boletim do Conselho Nacional de Secretários da Saúde (Conass).

3 - É possível que eu não consiga dizê-lo sem ouvir mentalmente a eloquência de Vinícius de Moraes e Baden Powell no trecho “A vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, de “Samba da benção”, canção composta em meados de 1960.

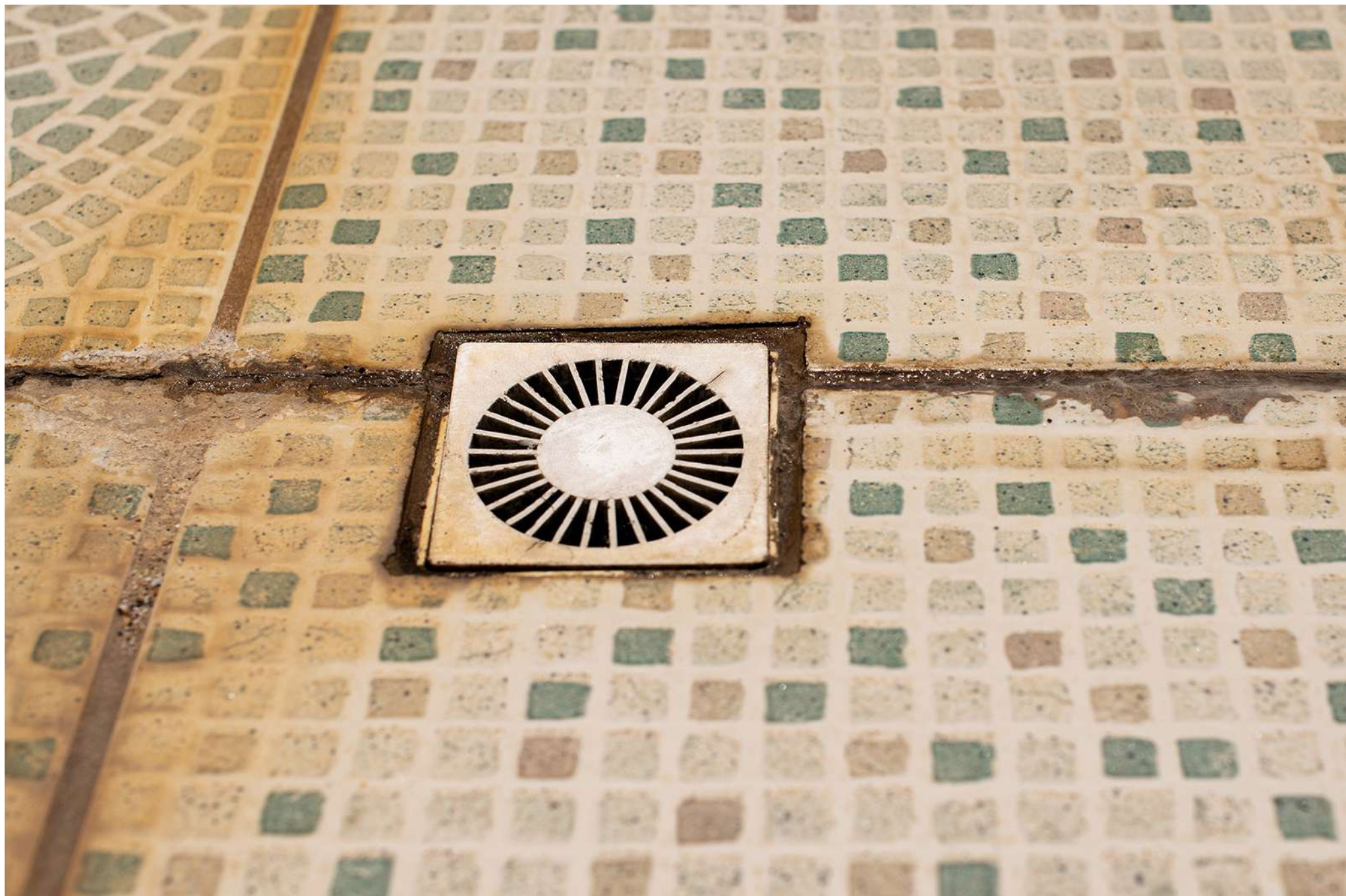
Referências

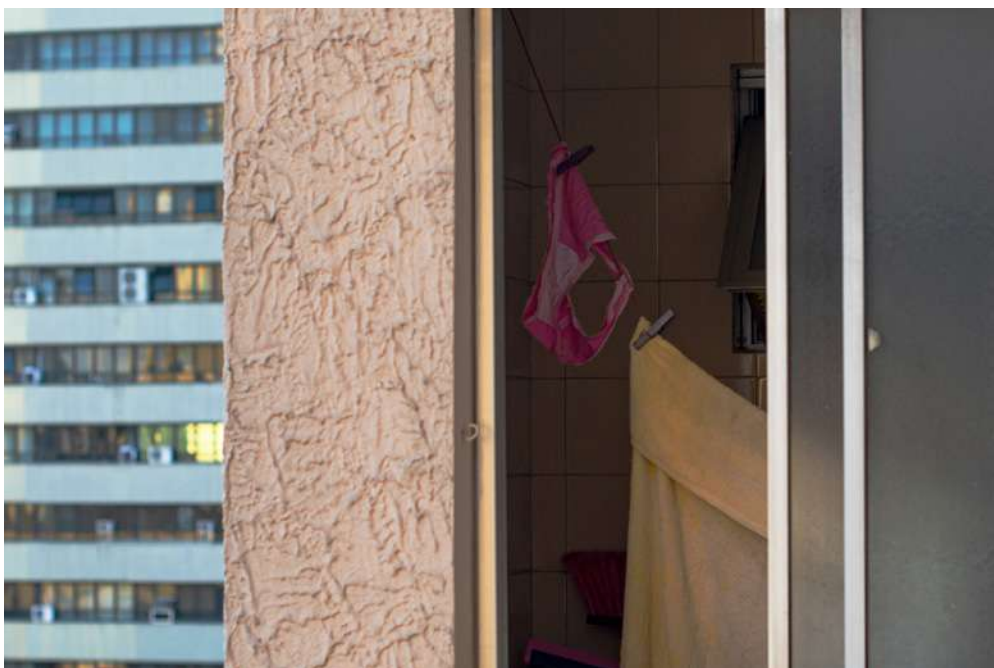
MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Editora Contexto, 2013. pp. 43–47.

BRAGA, Rubem. A viajante. Manchete. Rio de Janeiro, 12 jun. 1954. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/11538/a-viajante>. Acesso em: 24 fev. 2021.











Seu Zé dos Cavalos

Resumo: As onze fotos que aqui apresento fazem parte de um projeto em andamento, de documentação das relações entre humanos e cavalos em áreas urbanas e semi-urbanas em diversas regiões do Brasil. O projeto revela, entre outras coisas, as ambíguas fronteiras entre o rural e o urbano, e reitera a necessidade humana de ter membros de outras espécies animais nas suas vidas.

Palavras-chave: cavalos e humanos, rural e urbano, cavalos na cidade

Seu Zé and his horses

Abstract: *The eleven photos I present here are part of an ongoing project that documents human-horse relationships in urban and semi-urban areas in different parts of Brazil. It highlights, among other things, the blurred boundaries between rural and urban, and the human need to have members of other animal species present in their lives.*

Keywords: *horses and humans, rural and urban, horses in cities*



1 - Professora sênior da Universidade Federal do Paraná, Programas de Pós-graduação em Sociologia e em Estudos Literários. Bolsista Sênior UFPR pelo PPGSociologia, e Bolsista Produtividade CNPq, nível 2.
miriamad2008@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1512074830811621>
<https://orcid.org/0000-0003-4482-2578>

“O que faria ele sem seus cavalos?”, pergunta dona Benedita, a companheira do ‘Zé dos cavalos’. Ela explica que também montava — como amava a vida do campo !- quando era menina. Moram em um bairro do norte de Curitiba há mais de 30 anos. Durante muitos anos, Seu Zé trabalhava como mascate de mercadorias usadas, percorrendo a região então pouco urbanizada com cavalo e charrete. O casal continua cultivando uma vida que para alguns vizinhos atuais, pode parecer um resquício de tempos passados, e um que não produz nostalgia ou respeito em todo mundo. Dona B. conta, por exemplo, que há um homem que reclama “da sujeira” dos cavalos (hoje são sete) que eles mantém. O casal, junto com filhos e netos, moram em um dos muitos bairros da cidade que ao longo das últimas décadas vão sendo profundamente modificadas — casinhas de madeira cedendo pouco a pouco a condomínios e sobrados de classe -média alta ou baixa, ruas que antes eram de terra sendo cobertas primeiro com anti-pó e depois, camadas de asfalto — que também, com a passagem do tempo e das águas, vão se tornando irregulares e esburacadas, mas sem deixar de permitir o aumento do trânsito dos automóveis. Mas Seu Zé e seus cavalos resistem: as torres de luz e o morrinho que as abriga formou uma barreira não intencional ao apagamento de suas condições de sobrevivência — e para a garotada que mora aí perto, poder subir num dos animais em um sábado ou domingo ensolarado, como o dia de hoje, é um grande luxo, um prazer e talvez um paradoxo da vida nos interstícios.

Anacronismo, uns poderiam dizer, pois pode parecer que se trata de apenas de os vestígios do rural em uma grande metrópole brasileira, algo que permanece como lembrança de décadas passadas — antes do chamado Milagre Brasileiro, que fez parte da passagem do país pelos tristes tempos da ditadura militar- quando boa parte da população se concentrava em áreas rurais, por vezes remotas. Mas, na realidade, em uma nação que possui a quarta maior população de cavalos do mundo, a cidade e o campo sempre abrigam muitos equinos, e basta um par de olhos bem abertos para perceber isso.

Assim, cavalos encontrados em contextos urbanos brasileiros hoje continuam a auxiliar os humanos no trabalho, como vêm fazendo há vários séculos. Ainda mais, eles fazem parte das atividades de lazer, muitas vezes mantidos por pessoas que vivem nos arredores de áreas urbanas para participar de cavalgadas de final de semana ou competições de rodeio, ou sendo resguardados na condição de magníficos animais de estimação, tornando-se orgulho e alegria de crianças e adultos.

Desde minha primeira descoberta da onipresença equina na região sul desta nação sul-americana, onde moro há trinta anos, fui cativada por estes perceptíveis momentos de interação entre humano e equino que não sem certa frequência fazem parte de rotinas urbanas, mas também podem aparecer de maneiras ou em lugares completamente inesperados. Felizmente, encontrei muitos cavalos que são amados e bem cuidados, mesmo quando seus próprios cuidadores humanos são obrigados a viver em meio à escassez e à precariedade. Nos tempos de pandemia em que estamos submersos, a conexão com os cavalos pode servir para evitar sentimentos de desespero, como talvez o esteja fazendo para algumas das crianças do bairro de Seu Zé, que se deleitam em andar a cavalo e conviver com estes animais, privilégio extraordinário em meio a um cenário de gentrificação que pode em breve dar fim ao pequeno enclave comunitário. E para algumas pessoas, como o próprio Seu Zé, esses cavalos se tornam sua razão de existir, testemunho pungente de nossa complexa conexão com nossos ‘outros’ não humanos.

“What would he do without his horses?” asks Dona Benedita, the common law partner of ‘Zé dos cavalos [Zé of the horses]. She explains that she also rode — how she loved country life! — when she was a girl. Benedita and Zé live in a neighbourhood northern region of Curitiba, where Zé once made a living as a peddler of used goods, making his way around the then barely urbanized region with horse and cart. They have now spent more than thirty years there, working, raising a family and observing the intense change brought about as more of the metropolitan area has been urbanized, including neighbourhoods like their own, situated on the jagged edges of gentrification processes, a mix of middle class residences and ramshackle constructions which bring the word favela to mind. The couple, along with their children and grandchildren, have managed to get by, resisting the onslaught of ruthless patterns of urban development spearheaded by the interests of a lucrative construction industry. An affluent neighbour has complained about manure and animals, but the kids in the hood who happily hop onto one of Seu Ze’s horses and head off over the hills where the power lines impose building restrictions are the happy beneficiaries of their persistence, and what seems like an anachronism.

Anachronism, because these vestiges of the rural in a major Brazilian metropolis hark back to a long-gone decades — before the so-called Brazilian Miracle that was part of the history of the country’s passage through sad times of military dictatorship — when most of country’s population was concentrated outside its cities. But in reality, in a nation that boasts the fourth largest horse population in the world, both city and country abound with equines, and one needs only a pair of well-opened eyes to realize this. Furthermore, the equines found in urban Brazilian contexts today continue to aid humans in work and leisure, as they have done for several centuries. Yet more than anything else, these horses are partners in leisure activities, often kept by people who live on the outskirts of urban areas for weekend riding or rodeo competition, or kept as those most magnificent of pets who become the pride and joy of children and adults.

From my first discovery of the equine omnipresence in the southern region of this South American nation where I have now spent almost thirty years of my life, I have never ceased to be captivated by these human-horse interactions that are sometimes a part of urban routine, but may also pop up in completely unexpected ways or places. Happily, I have found many horses that are well-loved and cared for, even when their own human caregivers have been obliged to live amidst scarcity and precariousness. In the pandemic times in which we are currently submerged, a connection with horses can be a life-saver, as it perhaps is for some of the children in Seu Ze’s neighbourhood, who revel in what had become an extraordinary privilege in the midst of a gentrifying scenario that may soon sweep their enclave away. And for some of these humans, like Seu Zé himself, these horses have become their reason to exist, poignant testimony of our complex connectedness to non-human others.















Jesus Marmanillo Pereira ¹

A pandemia pelos muros de Imperatriz: Fotoetnografia e caminhadas com um artista de rua²

Resumo: O presente ensaio resulta de uma etnografia realizada entre os meses de fevereiro de 2020 e abril de 2021, dando especial atenção à relação entre graffiti e a pandemia, na cidade de Imperatriz-MA. Para tanto, traz a seleção de dez fotografias produzidas durante esse tempo de convivência com o artista de rua Haresh Koury. Tais imagens resultam de um processo compartilhado de exploração urbana: caminhadas e intervenções que demonstram a cidade de Imperatriz a partir de perambulações teóricas e da experiência de campo.

Palavras-chave: Caminhadas, graffiti, Imperatriz

The pandemic through the walls of the Imperatriz: Photoethnography and walks with a street artist

Abstract: This essay is the result of an ethnography carried out between the months of February 2020 and April 2021, giving special attention to the relationship between graffiti and the pandemic, in the city of Imperatriz-MA. For that, it brings a selection of ten photographs produced during this time of interaction with the street artist Haresh Koury. Such images result from a shared process of urban exploration: walks and interventions that demonstrate the city of Imperatriz from theoretical perambulations and field experience.

Keywords: Hiking, graffiti, Imperatriz

1 - Filiação: Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (LCH), Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS da Universidade Federal do Maranhão) e Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba (PPGAS-UFPB). Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (LAEPCI-UFMA), membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções (GREM-UFPB) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem (GREI-UFPB).

jesusmarmans@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1961690584395600>

<https://orcid.org/0000-0001-5220-5567>

2 - Pesquisa financiada pelo edital N° 002/2018 — APOIO À PROJETOS DE PESQUISA — UNIVERSAL da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão — FAPEMA

Motivado por uma oficina realizada no Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NAVISUAL-UFRGS) durante o ano de 2020, decidi sistematizar dez fotografias que apontam para momentos ocorridos entre fevereiro de 2020 e abril de 2021. Trata-se de um período pandêmico no qual acompanhei, “de perto”, o trabalho do artista Haresh Koury no centro da cidade de Imperatriz-MA. A fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) e as caminhadas (DIOGENES, 2015, ROCHA e ECKERT, 2020) orientaram as experiências de: 1) explorar a cidade e mapear as artes produzidas por ele; 2) aproximação e acompanhamento na produção de graffiti dos artistas Salvador Dali e da Frida Kahlo, na escadaria do bairro Beira Rio durante o carnaval de 2020; e 3) acompanhamento de uma série de produções relacionadas aos temas da pandemia, natureza, homenagens a personalidades falecidas, mundo do skate, entre outros.

Cada uma das imagens possibilitou trilhar em um duplo caminho: o primeiro demonstrava, , que as intervenções artísticas faziam da cidade um lugar de crítica e reflexão sobre o contexto pandêmico, outro, sinalizava um conjunto de sociabilidades nos âmbitos da prática do graffiti e skate local.

No âmbito da estética e da política, as produções do artista trazem um tipo de “partilha” do sensível (RANCIERE, 2005), já que “embaralham” as formas de viver e fazer “palavras” e imagens na cidade. Trata-se de uma arte que atribui sentido à comunidade em torno do debate sobre a falta de vacinas e de valorização da saúde.

Elas geram o compartilhamento quando trazem as temáticas abordadas para lugares comuns e acessíveis, redistribuindo significados, espaços e atividades que conectam ao graffiti aos temas atuais. Por outro lado, representam uma seleção de ideias que transitam entre o mundo da arte urbana e os temas de protesto, deslocando os significados e contextos que não ocupariam tais lugares, se não fosse à intervenção do artista. Esse segundo aspecto pode ser notado nas escolhas e na produção dos esboços das artes que sinalizam referências a ele próprio e a seus diálogos com diversos outros artistas.

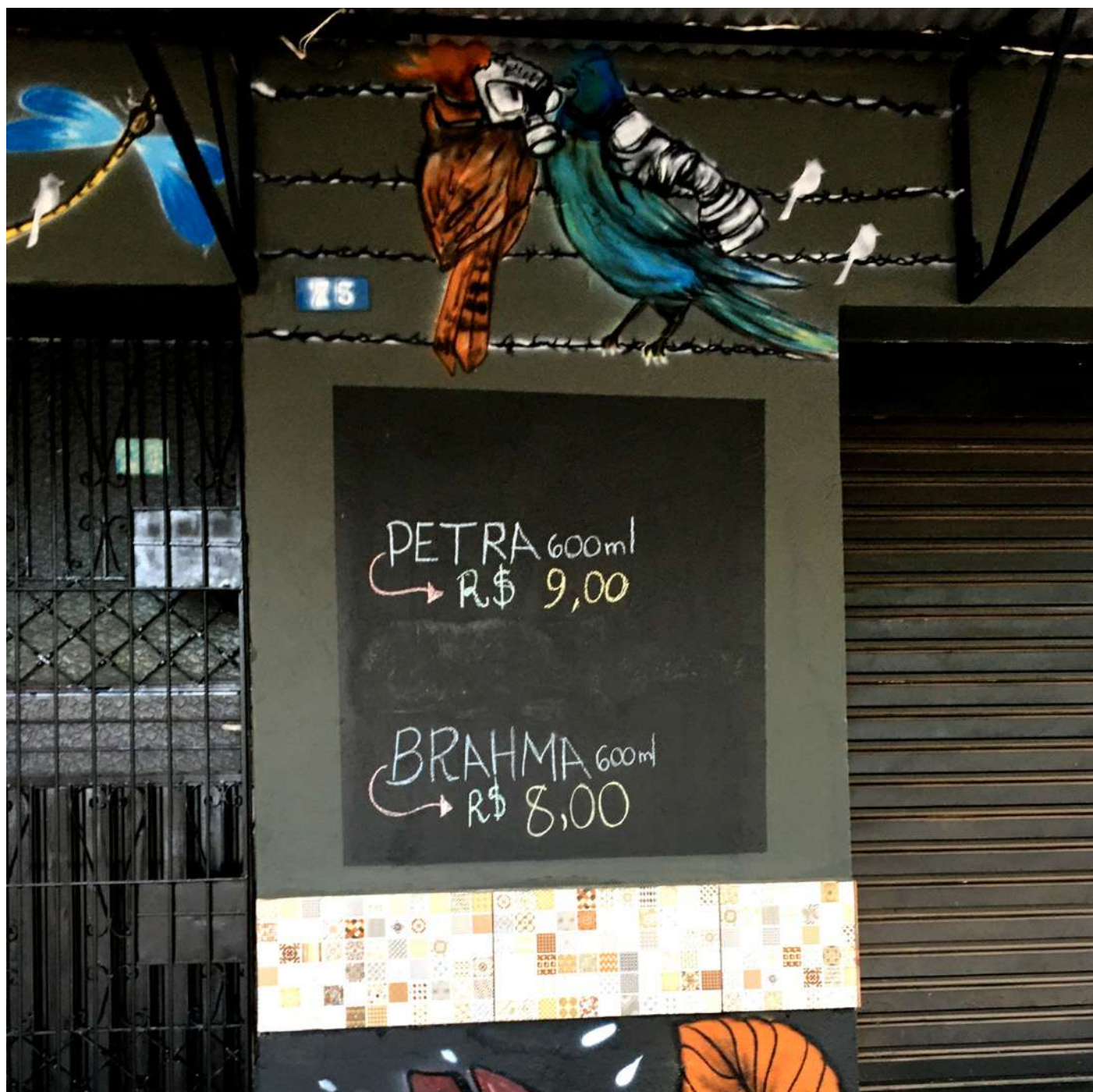
Enfim, as caminhadas e diálogos possibilitaram perceber que escadarias, bares e praças, muros e casas abandonadas remetiam ao cotidiano de transeuntes, pessoas em situação de rua , usuários de drogas, skatistas estudantes, entre outros. Tal como a arte de rua, as caminhadas foram fortuitas, fragmentadas em instantes de encontros e desencontros, porém perenes na repetição cotidiana transcrita nos muros por meio dos graffiti, expressada nas redes sociais e na repetição dos itinerários urbanos. Assim, as caminhadas deixaram marcas coloridas nesses lugares. Cores que conectam edificações, ruínas e muros aos olhares, sentidos e formas de viver na cidade. Finalizando, é possível ressaltar o viés de Simmel (1998) ao notar que a arte urbana se insere nas formas arquitetônicas da cidade, conectando-se ao fluxo da natureza e compondo uma imagem emoldurada (e integrada) com a vida e o ruir da cidade, transformando, assim, a tensão em unidade.

Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Tomo Editorial, 2004.
- DIOGENES, G. M. S. Entre cidades materiais e digitais: esboços de uma etnografia dos fluxos da arte urbana em Lisboa. *Revista de Ciências Sociais (UFC)*, v. 46, p. 43–67, 2015.
- ECKERT, CORNELIA; ROCHA, A. L. C. A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. *Hawo — Revista do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil*, v. 1, p. 1–52, 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: Estética e Política. São Paulo: ed.34.2005.
- SIMMEL, Georg. A ruína. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB. 1998. P. 137–144.













Pandemic Coverage: Media bias over minorities

Abstract: In view of the gradual increase in informal commerce in the city of Imperatriz-MA since the beginning of the pandemic, when countless workers were removed from the streets, their income and routine being harmed, especially street vendors, street vendors and informal traders who fight for survival, it was noted that these have served to feed the mainstream media, with their images explored through sensationalism that aims solely at obtaining an audience.

Keywords: Pandemic, informal, workers, television.



This essay results from studies related to the Sociology of Communication discipline and aims to demonstrate the daily lives of informal workers who work in peripheral neighborhoods and in the center of the city of Imperatriz-MA. It is an exercise of reflection on the invisibility of vulnerable populations, during the context of covid-19.

Pierre Bourdieu (1997), the field would be marked by an invisible structure that characterizes and points out the conditions and positions of television stations, emphasizing mechanisms that weaken the profession's autonomy, the spheres of cultural production and, mainly, the political and democratic life of viewers, starting from this reference and from the observation of the main newscasts in Imperatriz, the second largest city in the state of Maranhão, with more than 200 thousand inhabitants, we find that:

The first was JM TV, a newscast from TV Mirante, affiliated with Rede Globo, which runs from Monday to Friday in two editions: the first showing at noon, and the second edition at 7pm. The newscast inserts in its blocks news about economics, education, infrastructure, cooking, health, utilities and interviews. And in all of them there is information and bulletins about the Coronavirus in the main cities of Maranhão. The main issues are the partial results of deaths and the progress of vaccination.

And the second analysis about the newscast Na Hora D, from TV Difusora, affiliated with SBT, broadcast at noon, with forty minutes duration. In this, as well as JM TV, during the blocks of each story, information about the situation of the pandemic in the city is presented. However, the exhibitions have considerably longer time compared to JM TV.

According to data released by the City Hall, on April 28, 2021, Empress reached the mark of 765 deaths from Coronavirus, with 14526 active cases confirmed in the laboratory. Two weeks prior to this period, the occupancy rate of the ICU (Intensive Care Unit) beds for Covid-19 reached 95%.

Meanwhile, the media described above, during their journalistic broadcasts are relentlessly emphasizing the oscillation of local commerce, the business class, the opening and closing of companies by virtue of decrees, has neglected the group of informal workers.

Such groupings are passively cited as a result of the worsening of unemployment related to the pandemic, associated with the theme of emergency aid or in the collection of public and disciplinary policies, such as, for example, the construction of adequate spaces to avoid the spread of formal workers by city and make it possible for these workers to concentrate. Thus, we have a group of workers without faces, color, autonomy or characteristics that are fully linked and operationalized in various fields of political and economic dispute. It is worth mentioning that:

The access to television has as its counterpart a formidable censorship, a loss of autonomy connects, among other things, to the fact that the subject is imposed and that the conditions of communication are imposed, and above all, that the limitation of time imposes on the discourse such restrictions that it is unlikely that anything can be said. (Bordieu, 1996, p.19)

And this, for the author, is part of the process of standardization. There is also, what he classifies as circulating information, which means that journalists copy each other, studying the competition in an attempt to always stay ahead. He also says that television is subject to marketing strategies to keep itself in full swing. In this, we can reflect on the relationship between business and health interests that generate a polarization that makes peripheral populations even more unviable, when it generates a shift from the opposition society / virus to the tension economy / collective health. The TV has a mechanism that Bourdieu (1997) calls to hide / show, which implies showing something different from what should be shown, or showing what should be shown, making the information sound insignificant, totally changing the meaning through of the narrative. And that is exactly what happens with informal workers.

Therefore, this essay aims to concisely present the scenario of the reality faced by informal workers, who are overshadowed by the mainstream media and the impact of the pandemic in this sector in which they are on the margins of protection and social protection. Unprotected and vulnerable, young people and children are exposed to risks and consequences that go beyond the economic. With no right to ensure that they remain at home with the minimum of dignity in this pandemic period, they risk their lives in search of sustenance.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar (1997)













Discursos pandêmicos das ruas de Porto Alegre

Resumo: Este ensaio reúne imagens fotográficas capturadas durante trajetos realizados por mim em Porto Alegre nos, até então, treze meses de pandemia da Covid-19. Através das fotografias de pichações, lambe-lambes e cartazes, o ensaio procura identificar as narrativas urbanas na pandemia, reforçando seu potencial contra-hegemônico, enredadas por minhas percepções em meio ao isolamento.

Palavras-chave: pichação, arte de rua, pandemia, política, Bolsonaro.

Pandemic speeches from the streets of Porto Alegre

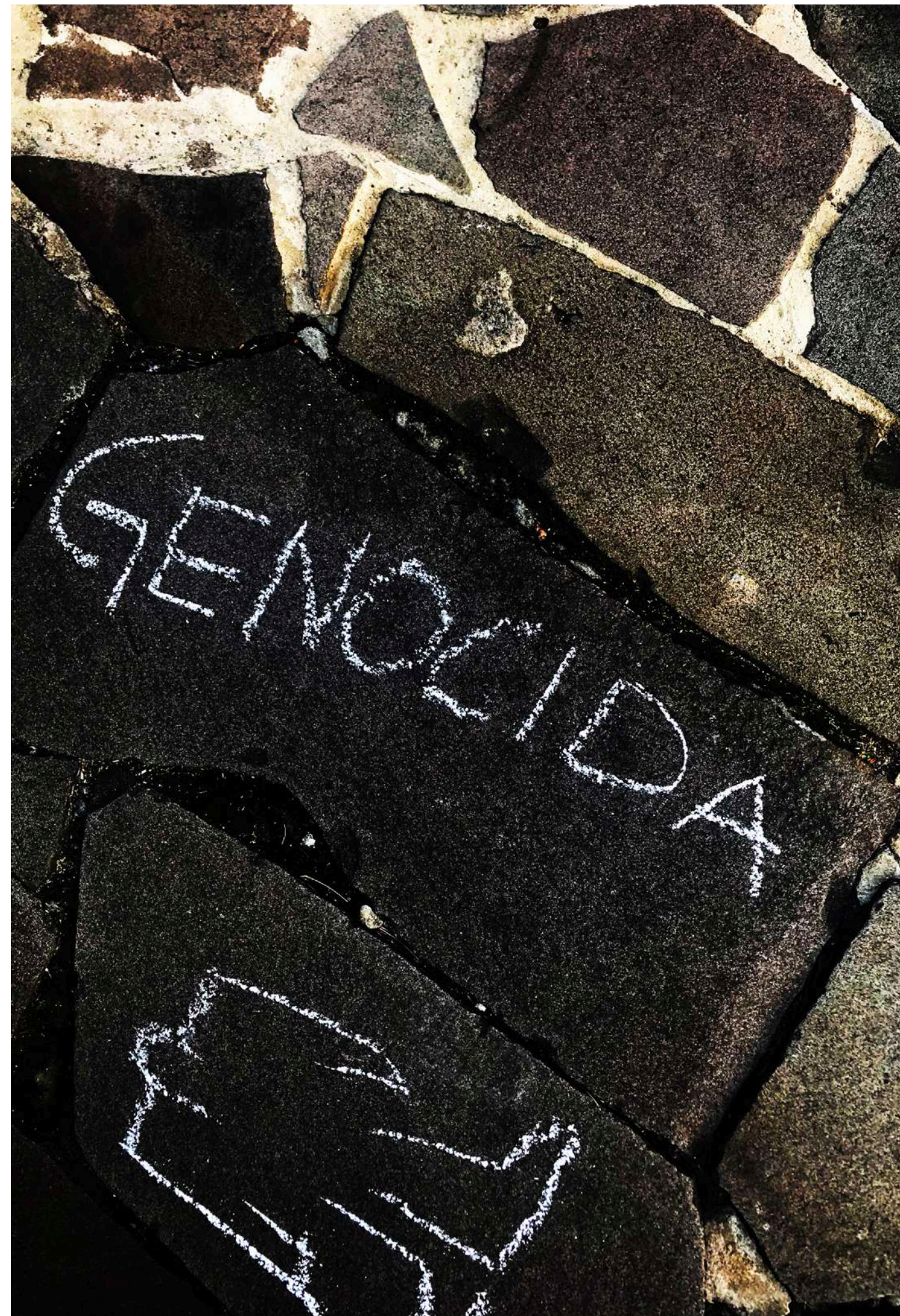
Abstract: This essay brings together photographic images captured during paths taken by me in Porto Alegre in the, by then, thirteen months of the Covid-19 pandemic. Through photographs of pichações, lambe-lambes and posters, the essay tries to identify urban narratives in the pandemic, reinforcing its counter-hegemonic potential, entangled by my perceptions amidst the isolation.

Keywords: pichação, street art, pandemic, politic, Bolsonaro.



Encontrei, em março de 2020, na calçada em frente ao edifício em que moro, escrita, em giz branco, a expressão “fique em casa”. Em meio a um momento em que assistíamos (e ainda assistimos) diariamente alguns dos representantes políticos do país deslegitimando o distanciamento social, o isolamento e os cuidados sanitários, presenciar tal mensagem em minha calçada, localizada em uma área nobre de Porto Alegre (Bairro Petrópolis), me surpreendeu. Um ano depois, em março de 2021, fui surpreendida novamente com outra escrita em giz, há poucos metros de onde estava localizada a primeira. Dessa vez, o giz gritava “Bolsonaro genocida”.

A mudança do discurso em minha calçada, passado um ano de pandemia e, na época, mais de 307 mil mortes por Covid-19 no Brasil, reflete o crescimento da insatisfação de parte da população (54%, segundo pesquisa Datafolha de 2021) com a postura do presidente da república perante a pandemia.



Fotografias capturadas em março de 2020 e março de 2021, respectivamente.

As palavras em giz em frente à minha porta foram apenas os primeiros discursos pandêmicos com os quais tive contato. Durante estes “andares” e “dirigires”, principalmente nos últimos quatro meses, vi, com frequência, expressões artísticas (pichações, cartazes, outdoors, lambe-lambes) com explícito teor político. Percebi, assim como Rink et al (2018, p. 342), que “o meio urbano está repleto de pinturas e inscrições de caráter crítico, [...] que revelam preocupações e questionamentos relativos ao meio social”. Os autores ainda comentam o caráter contra-hegemônico da arte de rua, como um tipo de “arte revolucionária, pois suas intervenções constituem uma forma de desobediência ao pensamento social dominante” (RINK et al, 2018, p. 335).

Assim como Pereira (2012), diferencio as pichações (com CH) que fotografei e estão reunidas neste ensaio, das pixações, que ainda representam a maioria das intervenções nas ruas de Porto Alegre. A pichação, grafada conforme a norma culta, representa, segundo o autor, qualquer mensagem escrita legivelmente nos muros e edificações da cidade, enquanto a pixação, ou “pixo”, se refere às assinaturas, desenhadas com letras estilizadas, contorcidas e de difícil leitura para quem é alheio a essa cultura. Diferentemente da pixação que conheci durante a adolescência (ainda que de longe, sem coragem para o ato, assistindo colegas pixarem) que apenas abarcava assinaturas estampadas em muros, há alguns anos, percebo uma maior quantidade de pichações com cunho político e ideológico nos muros, paredes e postes de Porto Alegre.

Além da pichação, os lambe-lambes estampando mensagens de crítica ao atual presidente da república e às suas políticas de enfrentamento à pandemia, e frisando a importância da luta pela ampla vacinação da população,

criaram paredes coloridas de denúncia em meio às paisagens cinzas da exaustão, do pavor e da ansiedade que se tornaram meus companheiros inseparáveis nessa pandemia. Ao mesmo tempo, essas intervenções dividem a rua com narrativas de fome e desemprego, contadas através de pedaços de papelão e faixas de lona em boa parte das sinaleiras das grandes avenidas por onde transitei. É, para dizer o mínimo, irônica, a existência de tantas intervenções nas ruas em um momento de quarentena e isolamento social. E acredito que esta seja exatamente a provocação de tais formas de expressão.

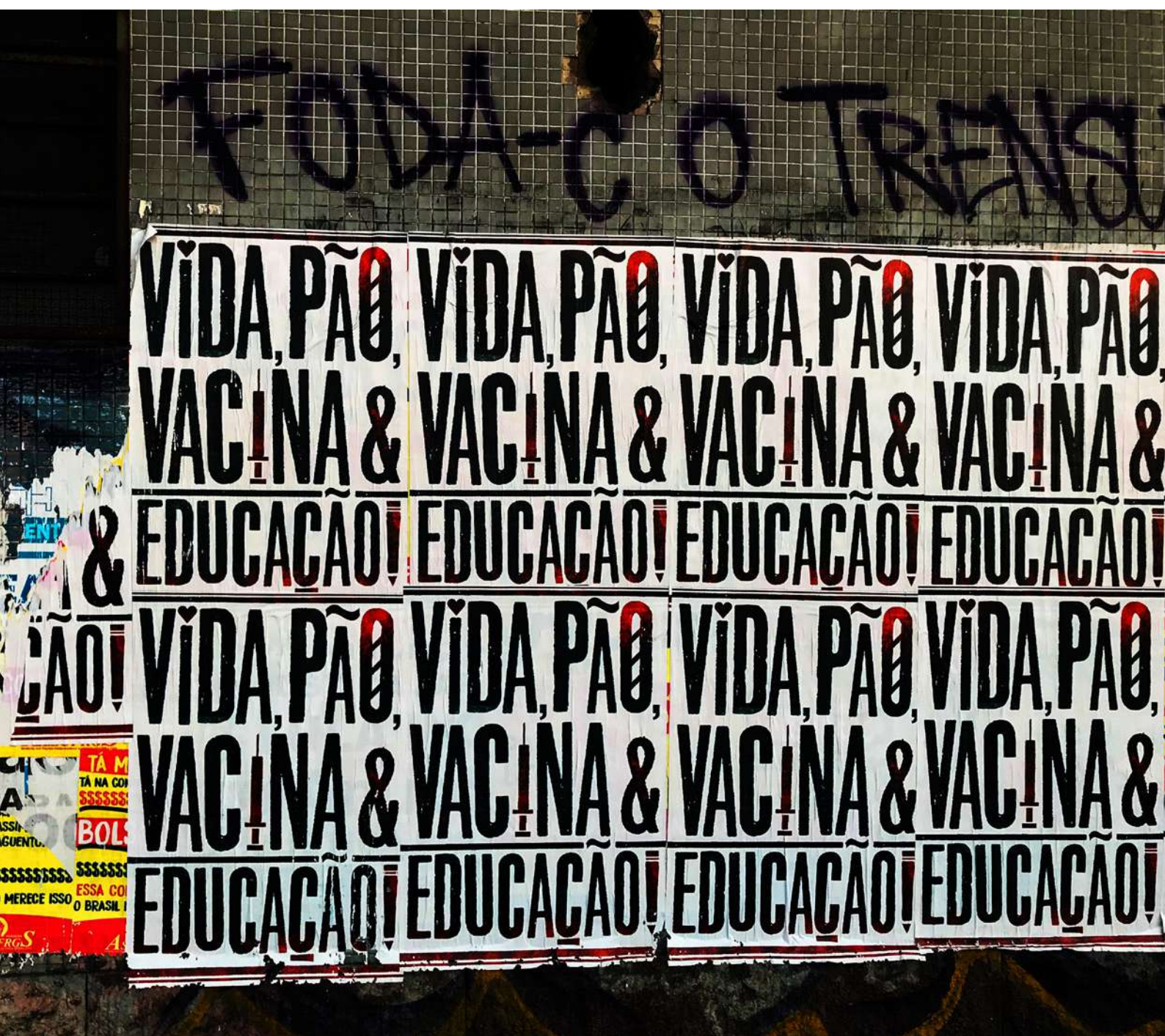
Referências

- DATAFOLHA. Maioria (54%) agora reprova trabalho de Bolsonaro na pandemia. 17 mar. 2021. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/03/1989226-maioria-54-agora-reprova-trabalho-de-bolsonaro-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 15/04/2021.
- GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico* v. 45, n. 2, pp. 188–208 (maio-agosto/2020).
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação. *Cadernos de Arte e Antropologia*, n° 2/2012, pag. 55–69.
- PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Mapa de bairros. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=132. Acesso em: 20/04/2021
- RINK, Anita; VASQUES-MENEZES, Ione e METTRAU, Marsyl Bulkool. Estudo Fotográfico da Arte Urbana: da Aventura Proibida ao Engajamento Político. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2018, vol.38, n.2.











LIBERTAÇÃO ANIMAL

SEM BRUSSES SEM MESTRES

PAIDEMIA NOS MATA É O PROGRESSO!

• NOMEAÇÃO DOS APROVADOS EM 2015 E NOVO CONCURSO PÚBLICO JÁ

SINDISPREV
SINDICATO DOS TRABALHADORES FEDERAIS DA SAÚDE, TRABALHO E PREVIDÊNCIA NO RS

FENASPS

sem fechar o INSS

589

O PIOR VÍRUS
É ACREDITAR
NA DEMOCRACIA

LEIAQUASAB.
BLOGSPOT.COM

TICA
LOSS

Etnografia do abandono e do esquecimento

Resumo: Este ensaio é composto por fotografias realizadas entre os anos 2020 e 2021 na cidade do Natal/RN — Brasil. Buscou realizar uma reflexão antropológica e fotográfica no quadro do confinamento/desconfinamento durante a pandemia da covid-19. Sair de casa implicou caminhar e pedalar para fotografar e reconhecer essa cidade que surgia abandonada e esquecida em um conjunto de unidades dispersas. Resumidas fotograficamente, após esse exercício de imersão em diferentes níveis da paisagem, essas unidades pareciam durar diferencialmente no tempo.

Palavras-chave: etnografia de rua, covid-19, abandono, esquecimento, imagens da cidade.

Ethnography of abandonment and forgetfulness

Abstract: This essay consists of photographs taken between the years 2020 and 2021 in the city of Natal/RN — Brazil. Carry out an anthropological and photographic reflection in the context of confinement/de-confinement during a covid-19 pandemic. Leaving home implied walking and cycling to photograph and recognize this city as arise abandoned and forgotten in a set of scattered units. Summarized photographically, after this exercise of immersion in different levels of the landscape, these units seemed to have different durations in time.

Keywords: street ethnography, covid-19, abandonment, oblivion, images of the city.

1 - Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/IFRN-CN) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN).
duarte.junior@ifrn.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/6542228199752323>
<https://orcid.org/0000-0001-5671-5687>



Este ensaio é o resultado de reflexões antropológicas, fotográficas e imagéticas sobre a cidade, a partir da experiência de confinamento/desconfinamento e deslocamento na cidade do Natal/RN — Brasil, 2020–2021. Trata-se, mais especificamente, de uma abordagem dos cantos, ângulos e situações a partir da qual percebe-se o abandono e o esquecimento. Essas categorias vieram à tona depois que a pandemia da covid-19 nos obrigou ao confinamento, interrompendo e modificando grande parte dos fluxos cotidianos das cidades. Essa reflexão também veio no esteio de pesquisas e discussões que já pensavam os processos em curso na cidade de Natal anteriores à pandemia e já sinalizavam o abandono e a desvalorização de prédios e regiões.

Partindo de casa, quando foi preciso, e depois que por uma única vez as taxas de contaminação e morte diminuíram, propus uma etnografia visual do tempo presente. Uma série de deslocamentos por ruas, avenidas, centros comerciais e bairros históricos permitiu atravessar uma paisagem visual marcada por prédios abandonados, imóveis à venda e lojas fechadas. Alguns prédios históricos até pareciam intactos, enquanto outros sucumbiram à ação do tempo impulsionados pelo abandono. Compondo esse mesmo tecido visual que chamamos paisagem urbana, as plantas e o mato desenharam texturas nas superfícies, em grades e fiações. Nos meses em que ainda se respeitava minimamente o imperativo de ficar em casa, olhar para a rua implicava em ver as pessoas traçando trajetos, cruzando uma paisagem desacelerada, engolidas por um deserto de sociabilidades ao qual sucumbiu suas linhas costumeiras.

Em **caminhadas exploratórias** para fotografar e reconhecer essa cidade esquecida, para além da minha própria casa e do bairro em que resido, consciência do presente, vi minhas próprias memórias engolidas pelo “progresso”. Visitando bairros tradicionais, como a Lagoa Seca, o Alecrim, a Cidade Alta, a Ribeira e as Rocas, busquei reviver minhas memórias e as lembranças da minha família, ao mesmo tempo em que busquei ir além da “ilusão biográfica” tentando capturar pela fotografia os rastros de uma história compartilhada. Revivi ao nível das lembranças coisas que aparentemente nunca vou

esquecer, marcadas como estão, nesse laço entre os tecidos mnemônicos e o tecido visual da cidade. Ao buscar o logradouro no qual habitou meu bisavô nos anos 1940 no bairro do Alecrim, mas sem obter muito sucesso para minha pesquisa genealógica, razão da busca, pensei sobre coisas que, aparentemente, nunca vou entender, memórias que a cidade talvez nunca vá recuperar. Após alguns meses de caminhada a pé, passei a utilizar também a locomoção à bicicleta conectada ao ato fotográfico. Capturei as imagens de uma cidade que foi se apresentando como um conjunto de unidades dispersas e resumidas em detalhes que duram diferencialmente no tempo como uma janela, um barco, uma cruz, um pássaro. Essas e as outras coisas fotografadas na cidade do Natal/RN — Brasil, durante a pandemia da covid-19 entre 2020 e 2021, evocam conexões, redes e proximidades relativas, das pessoas entre si, das coisas entre si, delineadas nesse quadro de abandono e esquecimento.

A **imersão na paisagem** urbana possui, nessa perspectiva, níveis, graus e intensidades relativas. Diferenças na percepção do ambiente e da paisagem, na recepção das suas imagens, nos apresentam formas diversas de contato e compreensão, que acionam também memórias e afetividades diversas. Compõe esse quadro não apenas os prédios e os monumentos, mas também as ruínas, os tocos e a lama, indicadores em vários níveis do cruzamento das trajetórias que constituem a lembrança e a experiência sensível de habitar o mundo, especificamente o mundo urbano. As conexões estabelecidas pela visão, pela memória e pela imaginação que constituem as coisas que nós “lembramos” constituem, junto às desconexões estabelecidas pelas mesmas faculdades, a experiência visual urbana. Há ruas que conectam, mas há ruas sem saída que nos fazem retornar; há praças e descampados, mas há muros que nos obrigam a contornar e até estabelecer outro caminho; há equipamentos urbanos que “sempre” estiveram lá, mas por alguma razão não estão mais. Pode o abandono e o esquecimento que denunciemos, por vezes em nossa indignação, e a experiência da pandemia e do confinamento/desconfinamento, compor as lembranças desse tempo?

Referências

ALMEIDA, Cândido Mendes. Atlas do Império do Brazil. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomatico, 1868.

BARBOSA JÚNIOR, José Duarte. Passado e presente precários: imagens do centro histórico da cidade do Natal/RN ontem e hoje através de sobreposições fotográficas. Trabalho apresentado à disciplina “Espaço e sociedade no Brasil Urbano”/PPGAU/UFRN, 2017.

_____. Favela não é o lugar, são as pessoas. Desconstruindo entre lugar e violência no Sarney e no Japão. Natal/RN: PPGAS/UFRN, 2013. (Dissertação).

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gill, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

CORADINI, Lisabete; BARBOSA JÚNIOR, José Duarte. A cidade e suas imagens. Natal/RN: EDUFRN, 2014.

INGOLD, Tim. Being alive: Essays on movement, knowledge and description. Londres: Routledge, 2011.

_____. The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill. Londres e Nova York: Routledge, 2002.

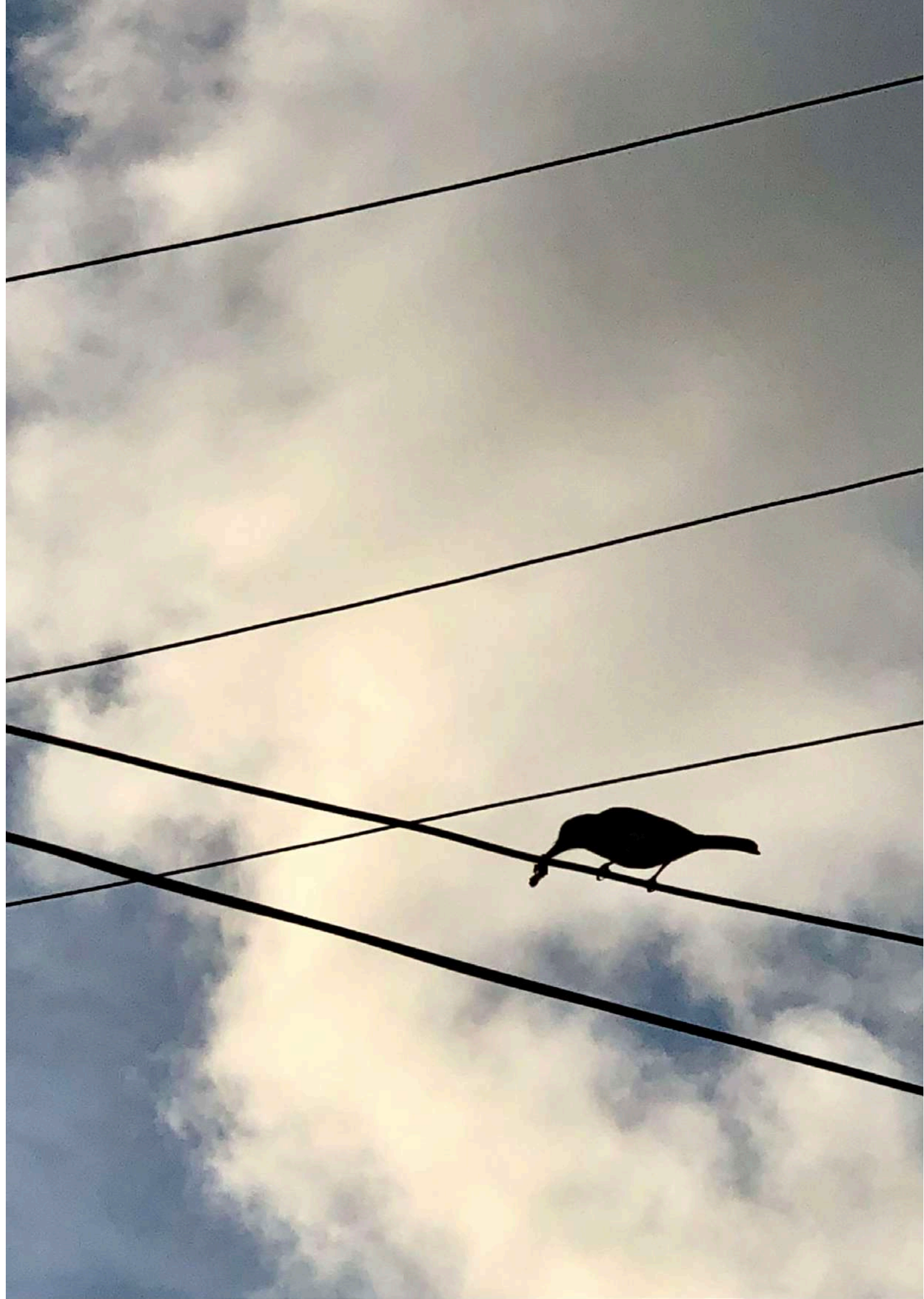
LATOUR. Bruno. La crise sanitaire incite à se préparer à la mutation climatique. In.: Le Monde, 25 de março de 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2013.

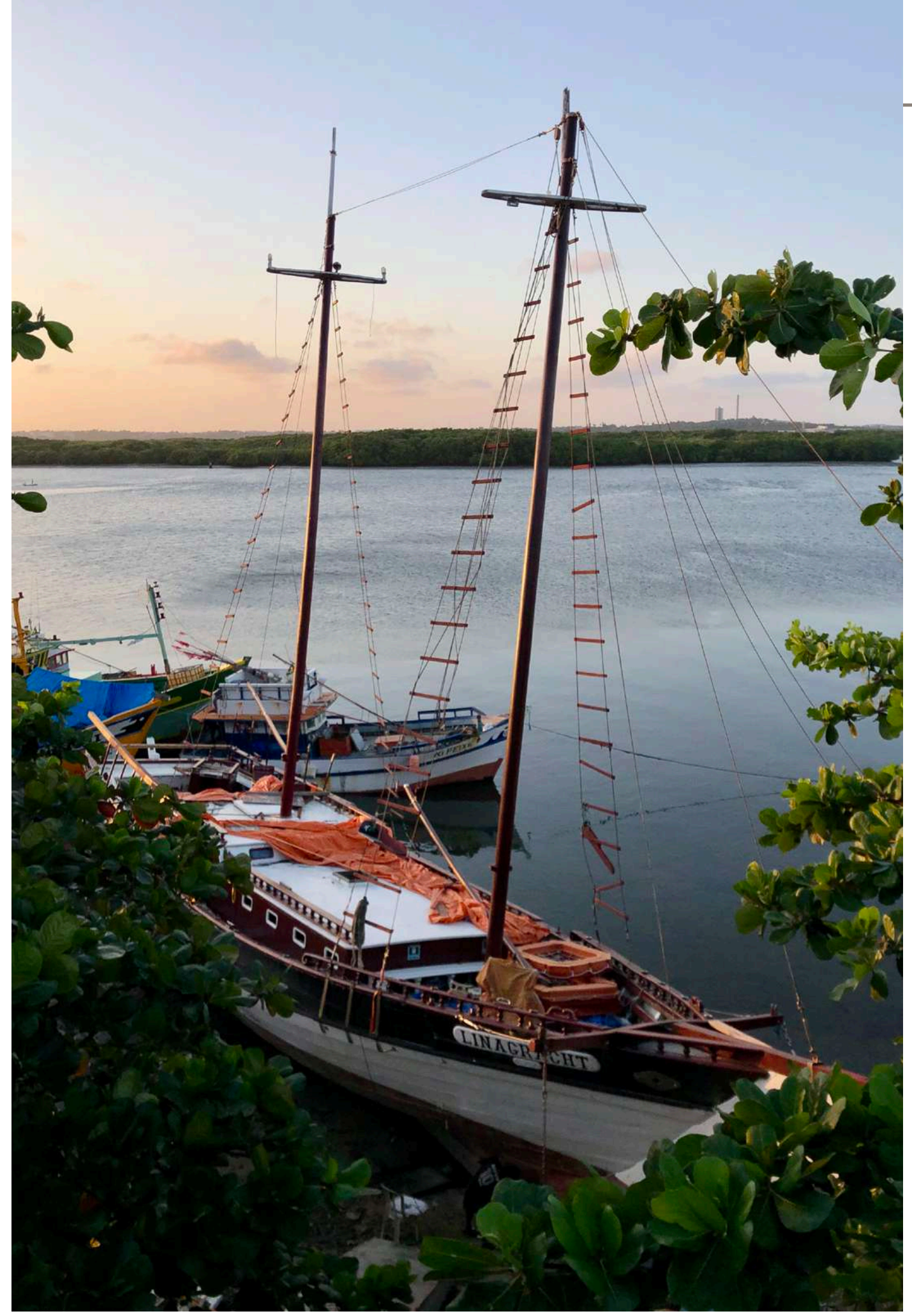
_____. Imagens do tempo nos meandros da memória: Por uma etnografia da duração. Iluminuras, 2000, 1, n. 1, 2000.

SIMMEL, Georg. Filosofia da Paisagem. In: Política e Trabalho, n. 12. João Pessoa/PB: UFPB, 1996.

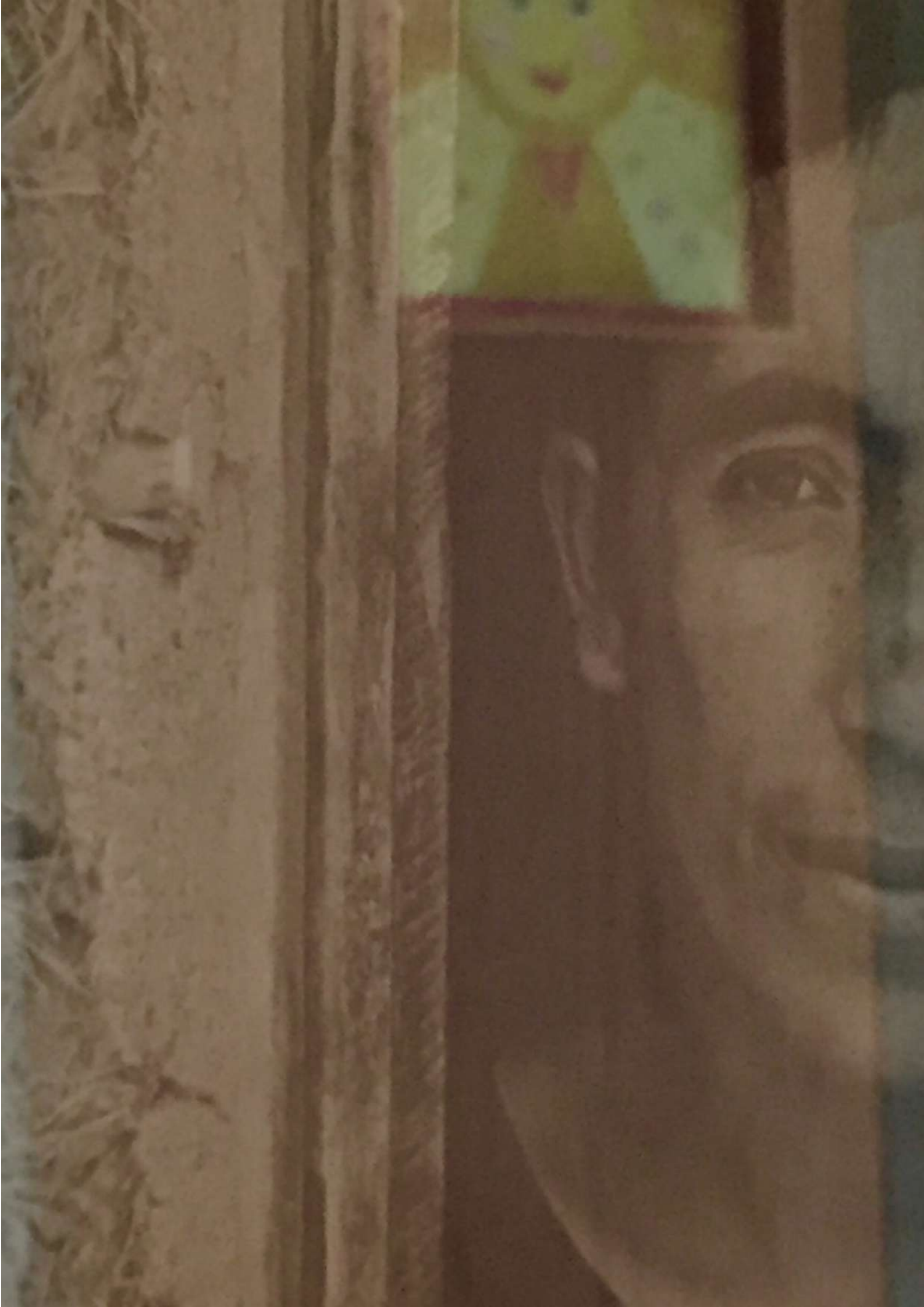












Del autoconfinamiento y otras compañías

Resumen: Este ensayo visual narra las vivencias personales del autor durante los primeros meses de la pandemia Covid-19, que pasó encerrado en su departamento de la Ciudad de México, sin recibir visitas (salvo compras) en compañía de sus cuatro gatos. Se muestran expresiones tanto de soledad y angustia como de estrecho compañerismo con esas cuatro criaturas, además de los pocos contactos con humanos que mantuvo a través del internet. Una suerte de visión agri dulce de esa época.

Palabras clave: antropología audiovisual, covid-19, experiencias socioculturales

About self-lockdown and other companionships

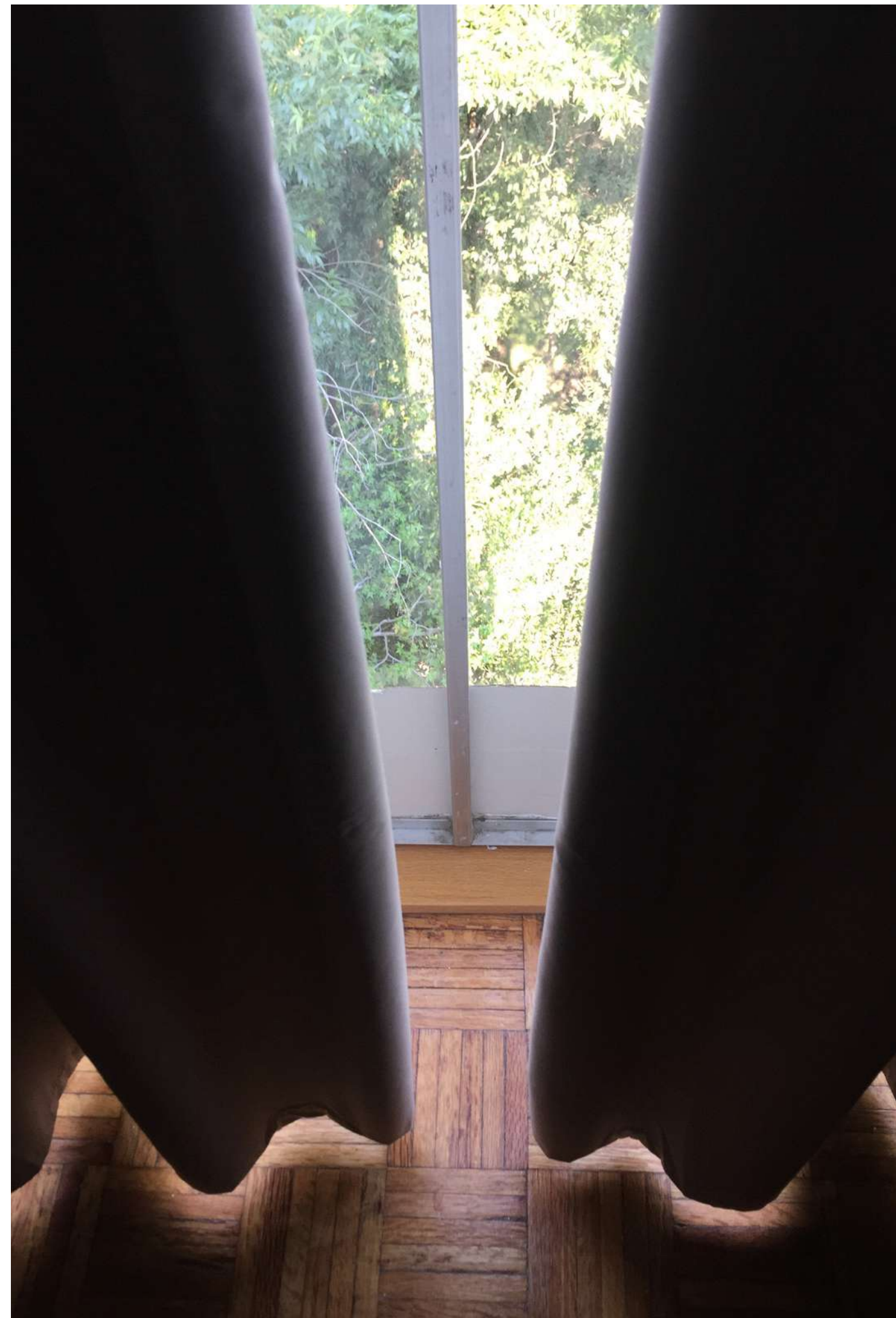
Abstract: This visual essay narrates the author's personal experiences during the initial months of the Covid-19 pandemic, which he spent in lockdown, alone in his apartment in Mexico City, without receiving any visitors (except for purchases), and in the company of his four cats. In an intent to portray those days in bittersweet terms, the essay shows expressions of, on one hand, loneliness and anguish, and on the other, the close companionship with the felines, as well as the few contacts with humans established by means of the internet.

Keywords: audiovisual anthropology, covid-19, sociocultural experiences

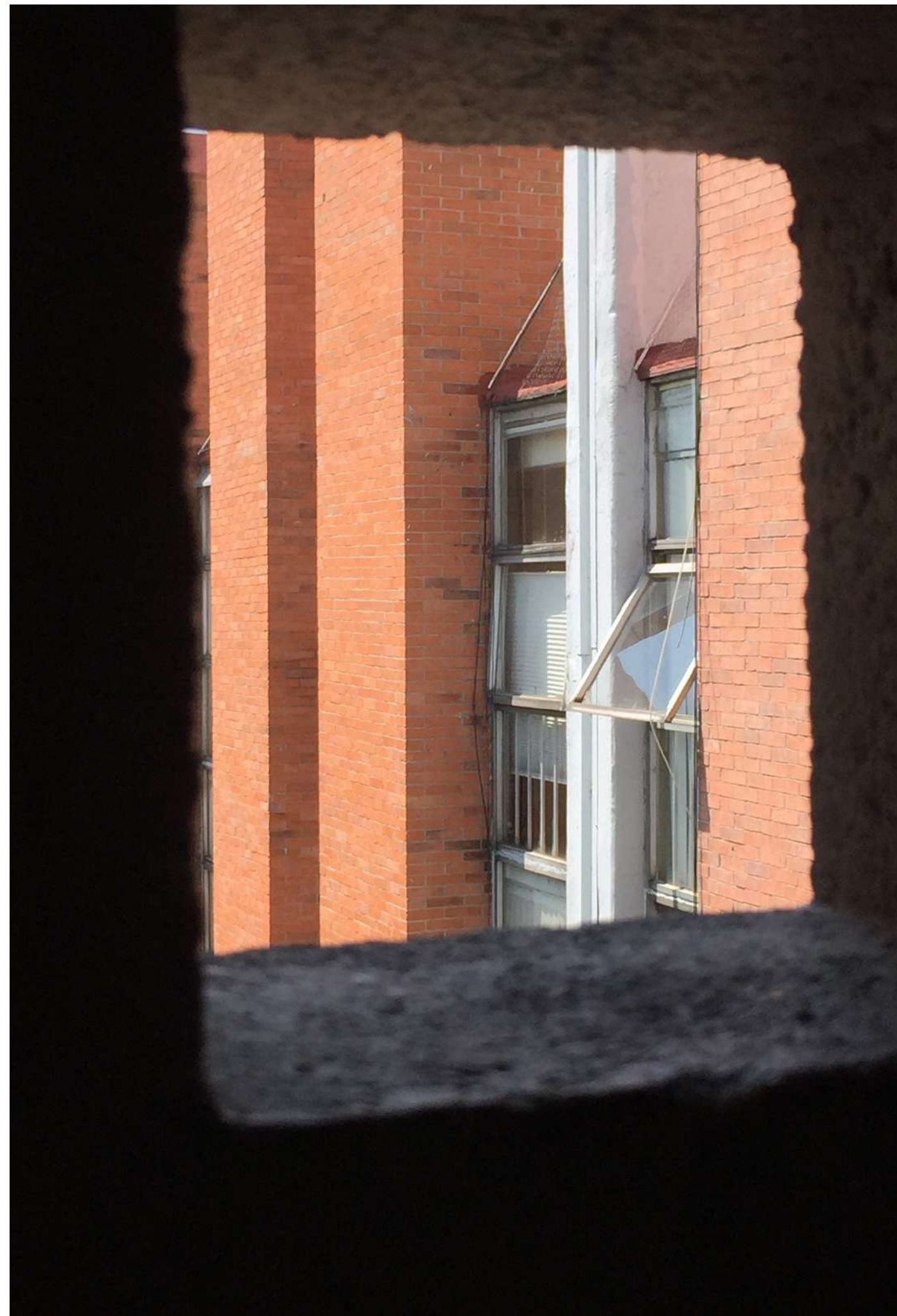


Parece un día cualquiera, pero no lo es.
El ecosistema es el mismo. En realidad,
este ecosistema es mi único territorio.
De aquí no se sale. Tampoco entra nadie.

Por fortuna, tengo ojo. Y aún entiendo
que hay un adentro y un afuera.



El afuera es más que la pared del vecino.
Es la frontera que no se atraviesa
fácilmente. Más allá, hay un riesgo
invisible y devastador. Refugiate,
protégete, y en caso de contacto
(que los habrá), purifícate. Todo con
tal de seguir en la vida, que ha
cambiado irremediablemente.



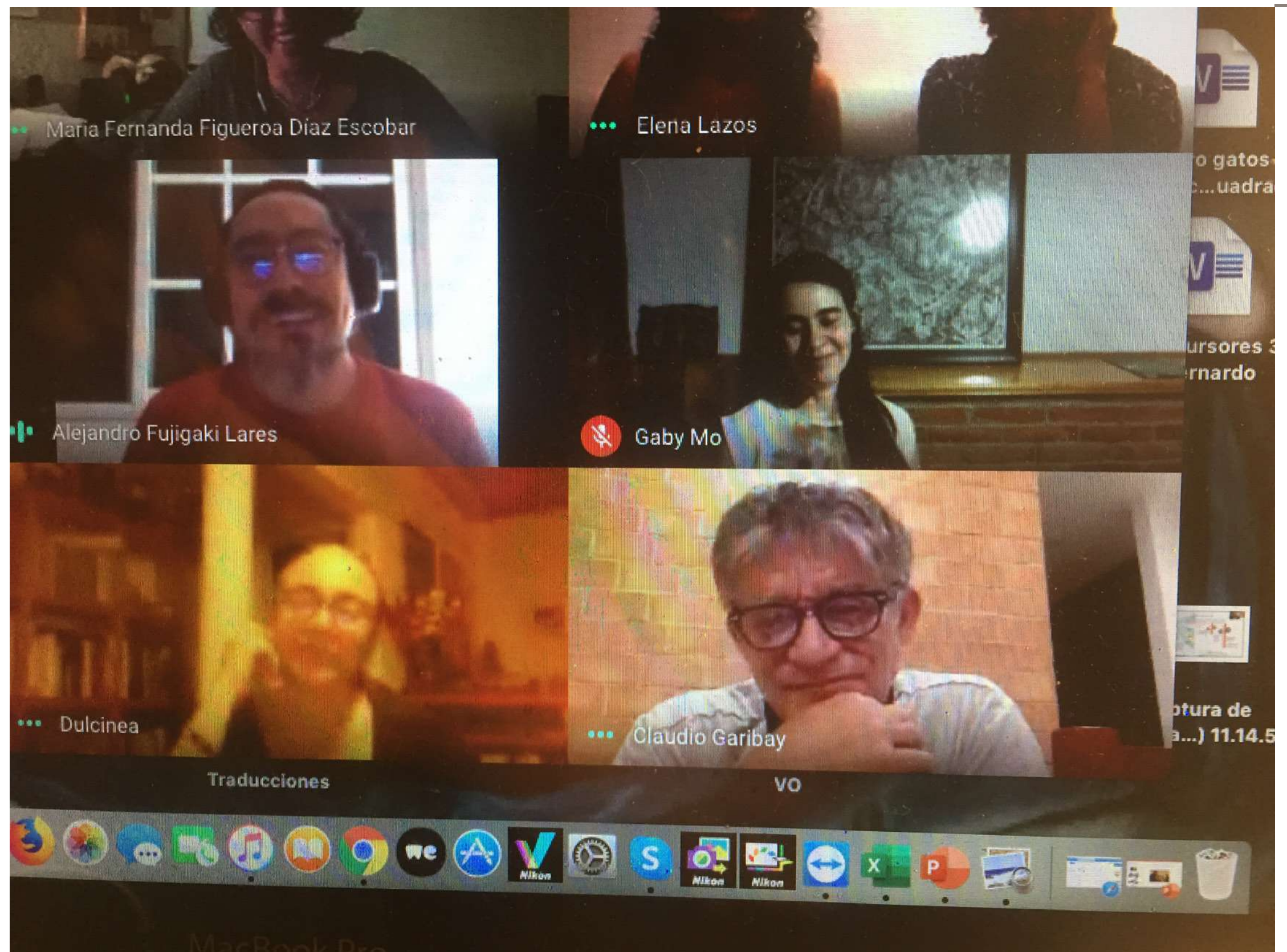
Tan así, que me miro
en todos los espejos con
la misma incertidumbre,
desatando angustias
e inseguridades.
Si pudiera, flotaría.
Pero es imposible.
Estoy atado a mi
propia gravedad.



Veo a otros desde mi resguardo,
como si nada. No los entiendo,
ni me entiendo. No sé si
envidiarlos, compadecerlos o
advertirles.



Los otros con que sí puedo estar pasan delante de mis ojos por una ventana inocua y vital. Así, puedo oír palabras distintas a las mías. Son momentos umbilicales de comunión con el mundo. Compartes, agradeces y por ende existes.



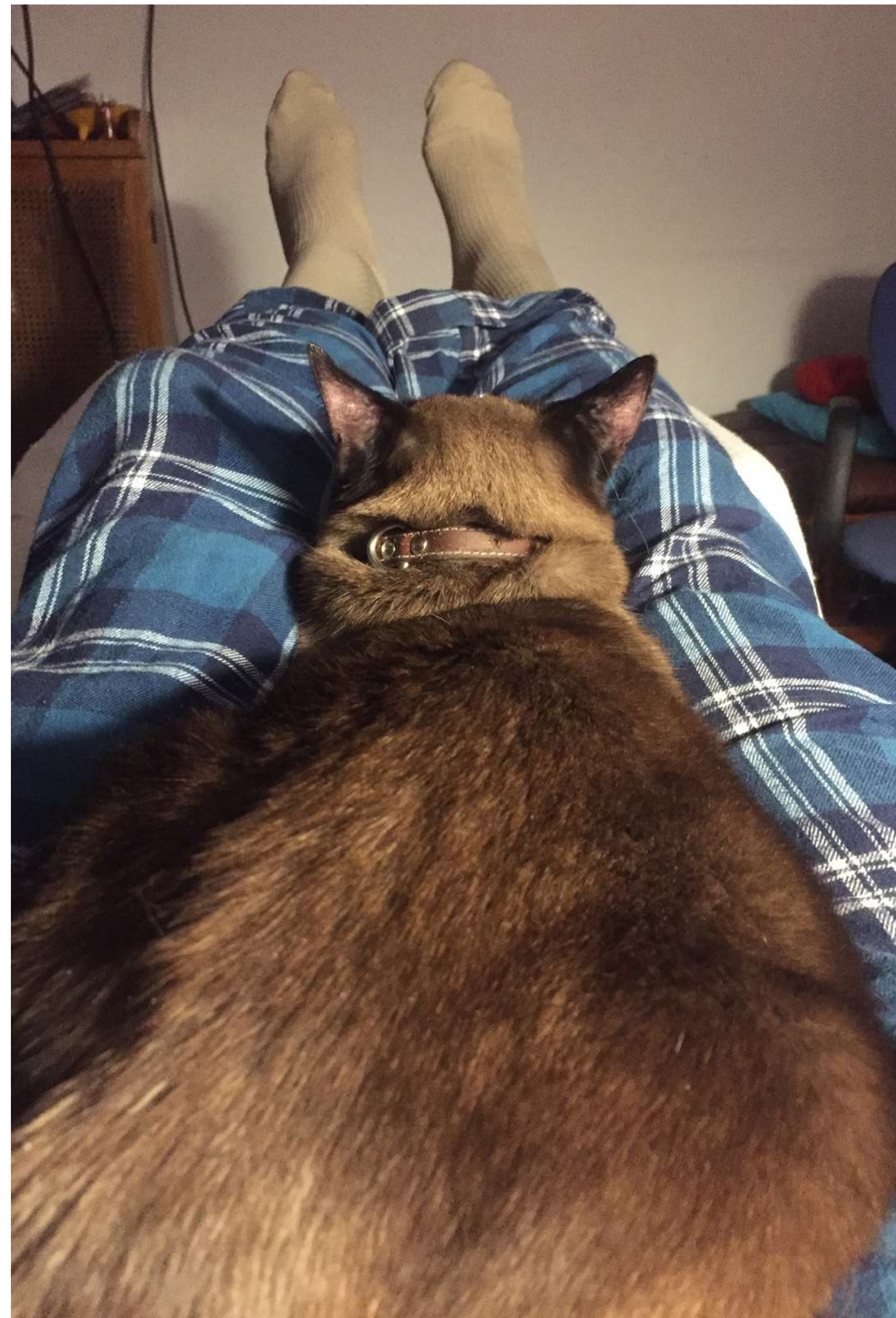
Por fortuna, mi existencia no es ígrima.
También formo parte de una pequeña
banda que, como toda que se respete,
tiene sus previstos e imprevistos.

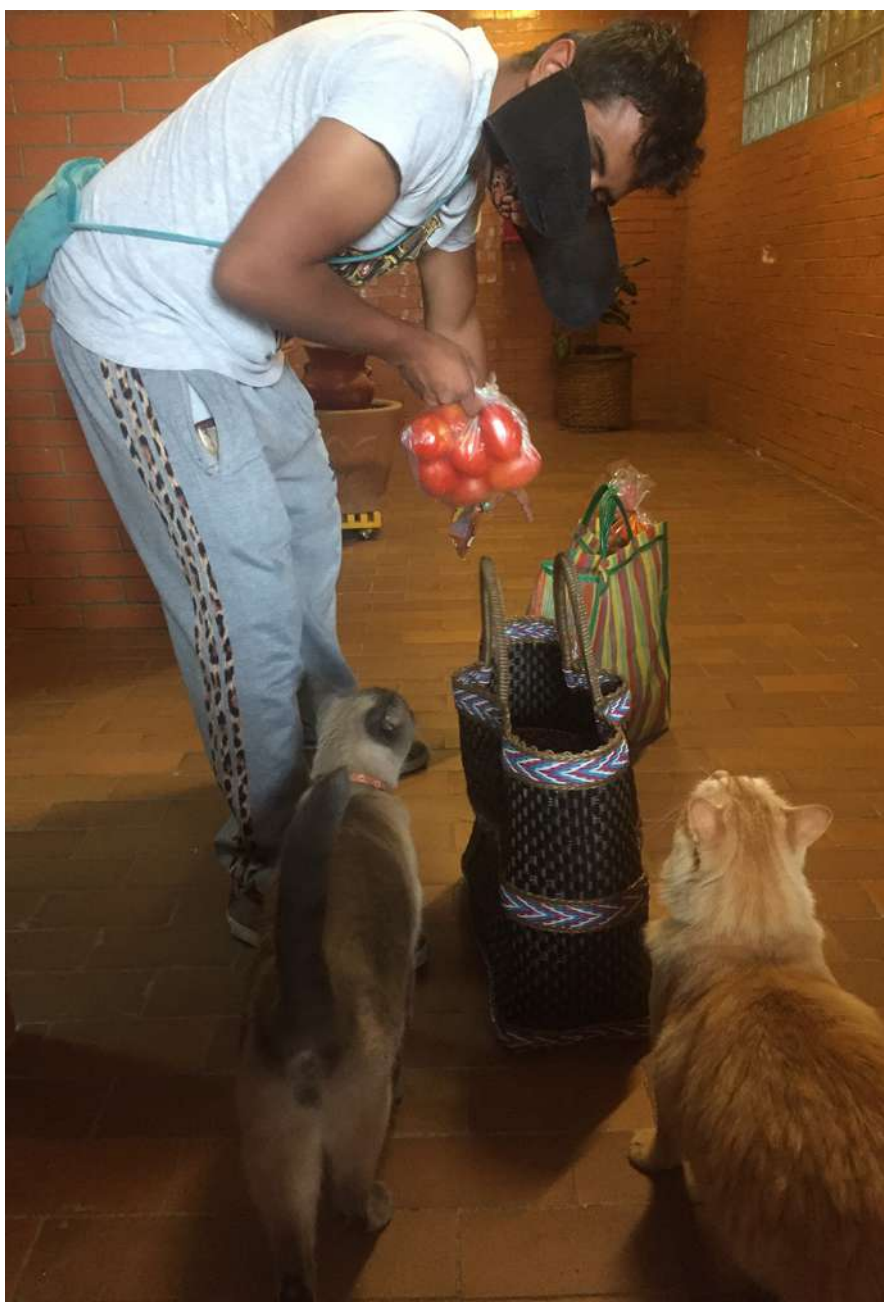
Cuatro felinos, una dama y tres
varonzuelos. Una compañía
invaluable. Muy tranquilos, salvo
los ratos en que
al igual que yo
enloquecen o se deshacen en afecto.

Silentes y a la vez presentes.



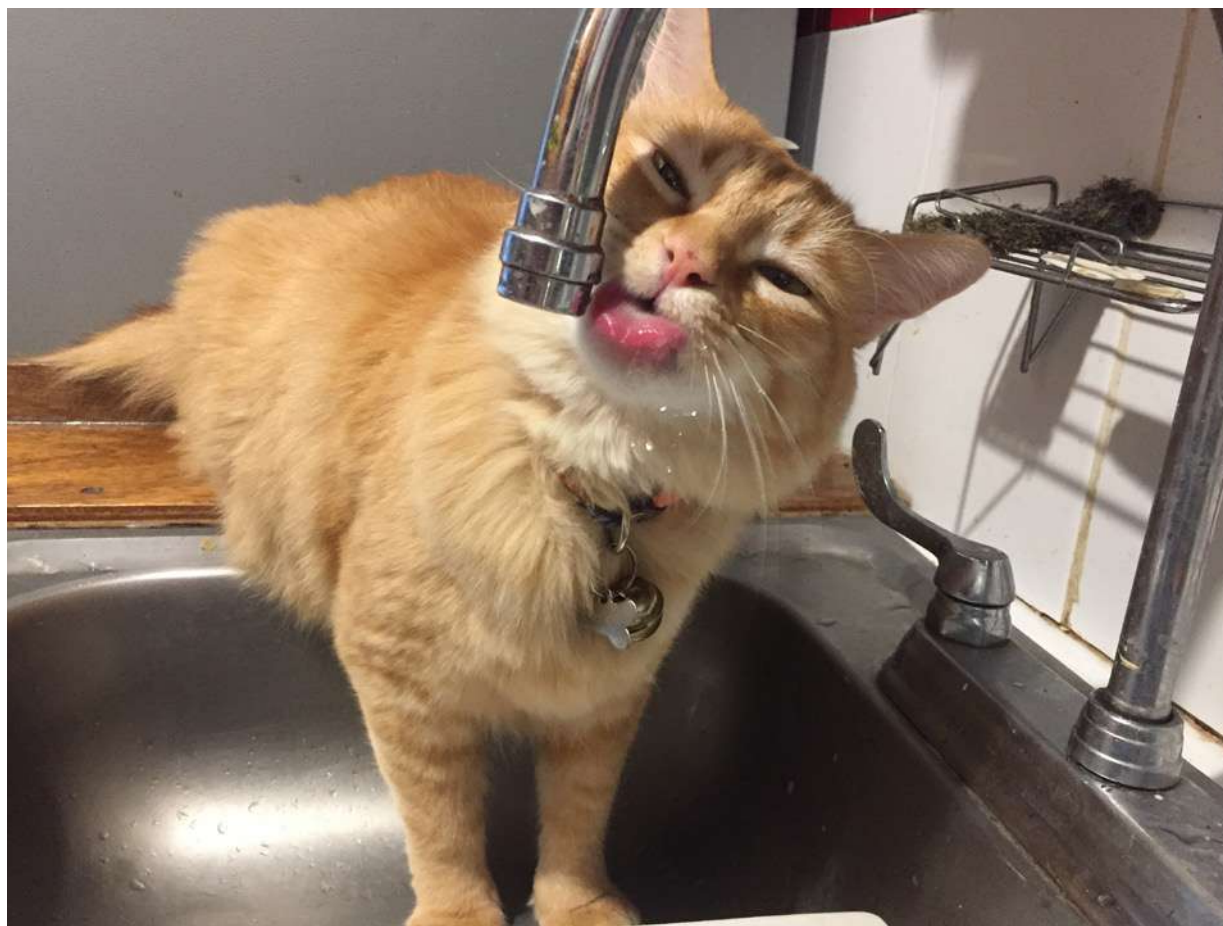
Hay algo muy especial en esta proximidad emocional y sensorial que se comparte con una mascota y que se vive sólo con un ser íntimo. Uno se percata que esa dimensión, tan sensorial como afectiva, permite entender mejor qué es eso de la domesticidad. Que, por cierto, es mutua.





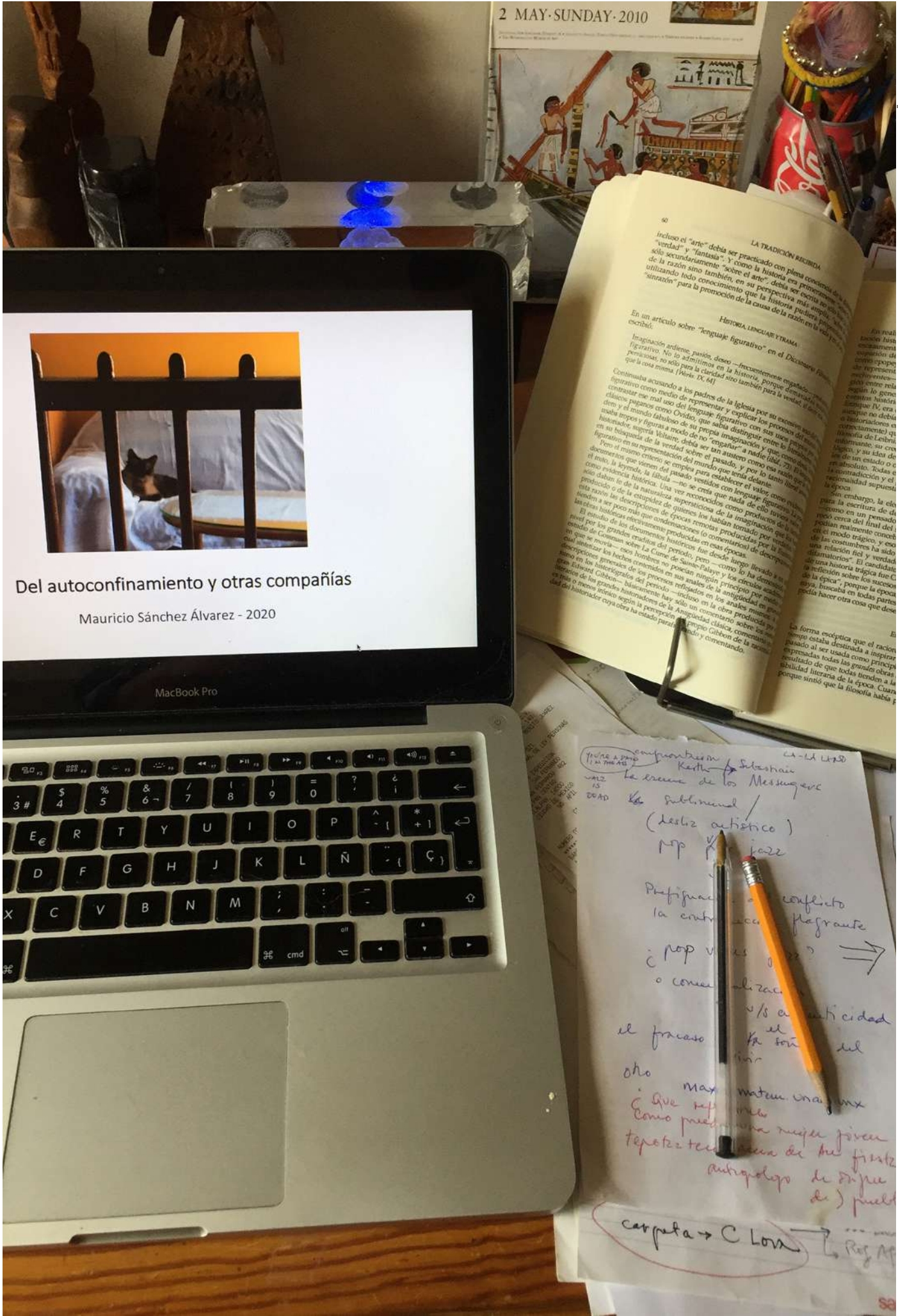
Mi buen amigo y veterinario, Rafa Maya, dice que las mascotas son parte de la familia. Y como tales, así como participan de algunas cosas, también llevan una vida propia.

Un totemismo contemporáneo.





Regreso entonces más tranquilo (parafraseando a Miguel Hernández) de mi corazón a mis asuntos. El peligro y la tragedia continúan al acecho. Sin duda, seguiré ansioso. Pero debo seguir mi camino, comprendiendo que hay buena compañía, inmejorables recuerdos y todavía asuntos de los cuales aprender (y mucho).



Imágenes y guión

Mauricio Sánchez Álvarez

Efectos digitales

Alejandro Peñaloza

Agradecimientos

Academia de Ciencias Socialesy Humanidades del Estado de Morelos

Adriana Tapia Islas

Alejo Santa María

Alisse Waterston

Ana Lilia Escobar de la Cruz

Andrea Isunza Vera

Carol Hendrickson

Cassandra Torrico

Cecilia Rossell

Cedric

Chili Sánchez

Claude Lévi-Strauss

Cristina Echavarría

Doris Cristina Guevara

Elizabeth Joy Chin

Enrique Suárez

Felipe Paz

Francisco Fernández de Castro

Gabriela Vargas

Cetina

Gaby Sánchez

Grange 67

Merlina

Miguel Hernández

Omaira Mindiola

Pato Förster Markmann

QK Rivaud

Rafael Maya

Red de Estudios Sociales sobre el Medio Ambiente

Red de Investigación Audiovisual del CIESAS

Reyna Lara

Ruth Tomàs Cardus

Socorro Hernández

Tarzán

Tere Soria

The Beatles

Vecinos del Edificio 24, Villa Olímpica, Cd Mx

Verónica Bruera

Xavier Sánchez

Yvette Illas

Graciela Bayúgar

Hayden White

Helena Cotler

Gerardo Reséndiz

James Taylor

Jazz

Jeannine Sánchez

Joan Manuel Serrat

Jonathan Fox

José Breton

José Miguel Enríquez

Konrad Lorenz

León Montoya

Lorena Domínguez Barreto

Luis Carlos Sánchez

March Martínez

Mariana Hernández Burg

Mariana Rojas Cortés

Mario Gómez

Mario Rey

Mary Douglas.

WANDERLUST

Resumo: “Wanderlust” retrata a reinvenção do cotidiano de Mayara no isolamento social, consequência da pandemia do novo coronavírus. Tatuado em seu corpo “wanderlust”, palavra alemã para designar o sentimento incontrolável de querer viajar e explorar o mundo, a série fotográfica diz sobre a reelaboração de nossas vidas nesse tempo não planejado, mas sobretudo da vida de Mayara, envolta na contradição de querer estar fora e dever estar dentro.

Palavras-chave: Fotografia; Isolamento social; Pandemia

WANDERLUST

Abstract: “Wanderlust” portrays Mayara’s daily reinvention in social isolation, a consequence of the new coronavirus pandemic. Tattooed on her body “wanderlust”, a German word to designate the uncontrollable feeling of wanting to travel and explore the world, the photographic series tells about the reworking of our lives in that unplanned time, but above all of Mayara’s life, wrapped in the contradiction of wanting to be out and must be inside.

Keywords: Photography; Social isolation; Pandemic

1 - Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFAL) taynalmeida.cs@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7529307168149794>
<https://orcid.org/0000-0002-3494-5905>



Em março de 2020 quando a pandemia da Covid-19 foi noticiada, a incerteza, a imprevisão e a insegurança sobre o que viria pela frente tomaram conta das relações no Brasil e no mundo. O presidente da República dizia ser “só uma gripezinha”, alguns setores da população diziam “fica em casa”, enquanto outros eram obrigados a enfrentar o risco. Um ano após os primeiros decretos de isolamento e distanciamento social, março de 2021, especialmente em âmbito nacional, o impacto do (des)governo da situação pandêmica e demonstra intensa crise social, econômica e sanitária.

Diante da ambiguidade que atravessa o contexto, moldada pelo sacrifício de dever estar dentro (no caso das poucas camadas sociais que puderam aderir ao confinamento social) ou dever estar fora de casa, alguns de nós enfrentam, talvez pela primeira vez, o contato íntimo e forçado com o privado. As diferentes formas de isolamento social que passaram a ser norma foi uma das maneiras que eu, na posição de fotógrafa e confinada, encontrei para documentar o momento.

Ser fotógrafa documental e, sobretudo, discente de antropologia em tempos de pandemia, implica repensar algo tido como fundamental ao modo como estes dois fazeres foram construídos: o deslocamento geográfico e o encontro presencial. “Estar lá”, natureza da descrição etnográfica na perspectiva de Clifford Geertz (2002), ou mesmo, observar participativamente ao modo malinowskiano, torna-se, nesse contexto, uma (im)possibilidade. Como “estar lá” em contato físico com outras pessoas numa situação de pandemia?

Tanto em antropologia quanto em fotografia muito se aprende sobre alteridade, e num momento em que somos forçados, dentre tantas determinações da Covid-19, a romper de modo abrupto com as relações cotidianas “corpo-a-corpo”, um movimento de introspecção é provocado. À comunidade fotográfica, diversos desafios foram lançados nas redes sociais virtuais nos estimulando a fotografar em casa. Às antropólogas e aos antropólogos, o que habitualmente chamamos de “estranhar o familiar” talvez nunca tenha assumido um sentido tão particular.

Para Sylvia Caiuby (2004) a imagem ao se voltar para o real não o reproduz, mas possibilita ver/perceber aquilo que dificilmente é visto. Aproximando o papel da etnografia ao da imagem a autora evidencia como esta “[...] permite ter acesso a uma realidade outra que está como que submersa nas teias de familiaridade que encobrem nosso olhar” (CAIUBY, 2004, p.12).

Do mesmo modo, Roberto DaMatta (1978) chama atenção no ofício do etnólogo para a tarefa de “transformar o familiar em exótico”:

[...] O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder — como etnólogo — estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (DAMATTA, 1978, p. 5)

Me perguntando os “porquês” e ao contrário de “estar lá”, estando aqui em casa, passei a retratar fotograficamente a reinvenção do cotidiano de minha irmã Mayara e a forma como ela (re)apresenta a si mesma, para mim, no contexto de isolamento social. Mayara, aos seus 26 anos é arquiteta e lida constantemente com o cotidiano da cidade. Durante o período inicial da pandemia, ela viajou de Salvador para Maceió, se confinando comigo em nosso apartamento no nordeste brasileiro, Alagoas. Aqui, as banalidades ordinárias vivenciadas em alguns meses desse interminável período são resignificadas, tornando o que pertence à esfera íntima interesse primordial de meu olhar.

Tatuado antes mesmo da pandemia em seu corpo “wanderlust”, neologismo alemão com origem no verbo “wandern”, que significa caminhar, e “lust”, para designar luxúria, a união das palavras representa o sentimento incontrolável de querer viajar e explorar o mundo. A série fotográfica diz, através daquilo que é vivido e representado para a câmera, sobre a reelaboração de nossas vidas nesse tempo não planejado, mas sobretudo da vida de Mayara, envolta na contradição tão comum a esse momento: querer estar fora e dever estar dentro.

Tal como Fabiene Gama (2016) aponta em “Sobre emoções, imagens e sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos”, as produções com informações antropológicas a partir dos “sons, temperaturas, cheiros, gostos, emoções e incorporações” têm sido raras. Nesse sentido, busco através daquilo que se distancia de “formas neutras, objetivas e não engajadas” (GAMA, 2016, p. 118) corporificar essa experiência em casa através das imagens, para então falar (sobre)vivência.

Pelo ócio e pela angústia, como também pelas contradições internas e externas é que, através de meus estranhamentos ao banal, através da arte e de um olhar antropológico sobre as imagens, trago à tona algumas estratégias, enfrentamentos, agenciamentos e reelaborações do cotidiano nessa nova, mas já não tão nova, situação de pandemia. Eu, ociosa com uma câmera na mão fotografando Mayara de perto, e ela ociosa representando a si mesma para mim, aguardando o fim dessa viagem.

Referências

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. n. 27. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, 1978, p. 1–12.

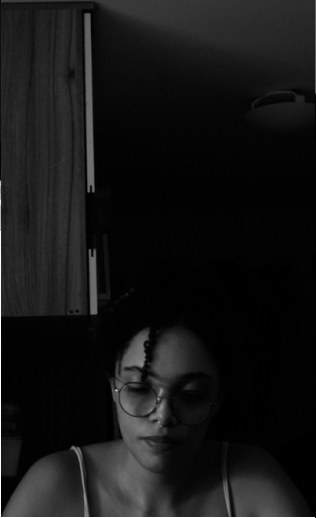
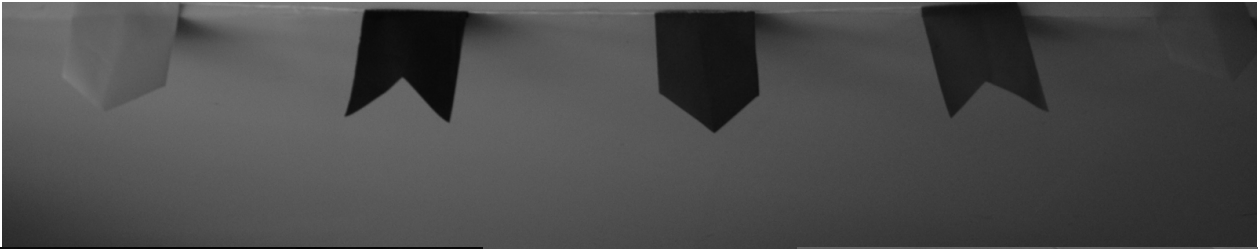
CAIUBY, Silvy. Imagem em foco nas Ciências Sociais. In: SYLVIA, Caiuby Novaes; ANDRÉA, Barbosa; CUNHA, Edgar Teodoro; FERRARI, Flôrcia; SZTUTMAN, Renato; HIKITO, Rose Satiko Gitirana. (Org.). Escrituras da Imagem. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2004, p. 11–18.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. In: Obras e Vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 11–39

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. v. 15. n. 45. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, 2016, p. 116–130.









Uma rua em pandemia: reconfigurações do espaço no Calçadão da Rua Andrade Neves em Pelotas

Resumo: Na Rua Andrade Neves, em Pelotas/RS, num trecho de quatro quadras, existe um espaço destinado ao comércio e à circulação de pessoas chamado Calçadão. Esse foi reformado pela prefeitura, tendo sua estética modificada significativamente. O conjunto fotográfico aqui exposto, mostra o Calçadão durante a pandemia, com seu espaço reconfigurado pelas pessoas que ali circulam e habitam.

Este ensaio visual é produto de uma pesquisa etnográfica de mestrado, realizada por um dos autores, com financiamento da CAPES (2018/2020).

Palavras-chave: Calçadão da Rua Andrade Neves; Pelotas/RS; Cotidiano; Pandemia Covid-19; Reconfiguração do espaço.

A street in a pandemic: reconfigurations of space on the Calçadão of Andrade Neves Street in Pelotas

Abstract: On Andrade Neves Street, in Pelotas/RS, in a space of four blocks, there is a place for commerce and circulation of people called Calçadão. This one was reformed by the city hall, having its aesthetics changed significantly. The photographic set exposed here, then, shows the Calçadão during the pandemic, with its space reconfigured by the people who circulate and live there.

This visual essay is the product of an ethnographic master's research, funded by CAPES (2018/2020).

Keywords: Andrade Neves Street; Pelotas/Brazil; Daily; Covid-19 pandemic; Space reconfiguration.



1 - Doutorando- Programa de Pós-graduação em Antropologia / Universidade Federal de Pelotas Bolsista CAPES (2018/2020)

guilhermerdr.rodrigues@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6251-5825>

<http://lattes.cnpq.br/4913007589951443>

2 - Mestrando PPGAV- Universidade Federal de Pelotas

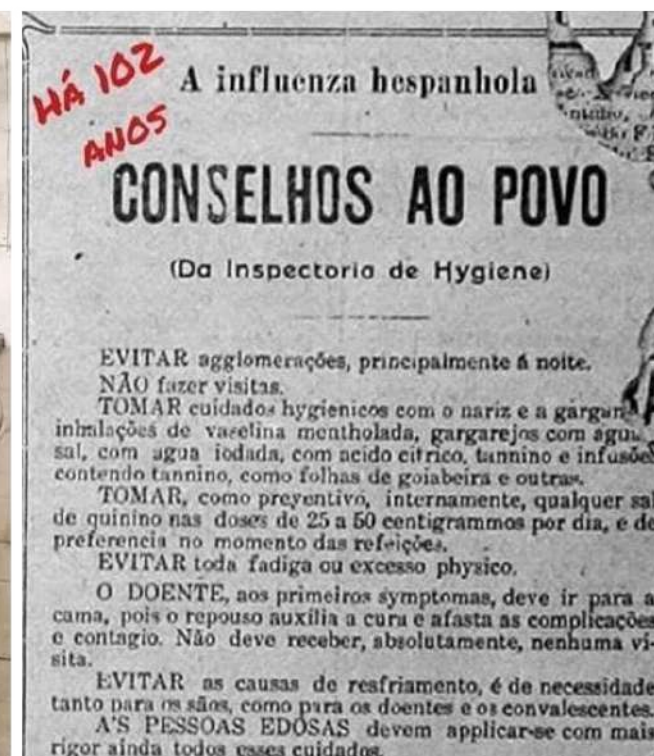
hamilton.bittencourt@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6308-9167>

<http://lattes.cnpq.br/2599990616374783>

Em 2020, fomos surpreendidos por uma crise sanitária: a pandemia de Covid-19. No mês de março daquele ano a Organização Mundial da Saúde — OMS decretou a situação de pandemia, anunciando as proporções de escala mundial de contaminação do novo coronavírus. Um cenário transtornador, por ninguém saber exatamente como lidar com a situação e estimular a imaginação de cenas que parecem ter sido ensaiadas em alguma produção cinematográfica. Não por acaso, pois os números de contaminados e mortos crescem exponencialmente, materializando mais do que no início se imaginou.

Apesar do cenário parecer inédito, não se trata disso. Revisitando livros de história com olhos atentos para o tema, veremos que inúmeras epidemias ocorreram em várias partes do mundo, muitas vezes devastando populações. Um exemplo é a pandemia da Gripe Espanhola, no início do século XX. Sobre ela, circularam algumas informações nos últimos tempos, relacionando com o presente cenário da COVID-19. Uma das lembranças centenárias vieram em imagens. Aqui estão algumas delas, do portal Campo Grande News (2020).



As imagens que compõem essa montagem revelam momentos do cotidiano do século XX, assolado pelo vírus da Gripe Espanhola. As pessoas caminhando na rua, de máscara, em muito lembra os dias atuais. Se não fossem os estilos de roupas e a coloração sépia e preta e branca das fotografias, os transeuntes poderiam ser facilmente realocados para o século XXI. A imagem do hospital não difere do comparativo: lotado, com pessoas acamadas aguardando a extinção do vírus em seus corpos. Hoje, os adicionais de alguns leitos seriam respiradores, equipamento de fundamental importância para os casos mais graves de Covid-19.

No recorte de jornal há uma inscrição vermelha adicionada para fazer um uso exemplar do passado a partir da expressão “há 102 anos” daquela publicação. A lembrança não é em vão: lendo as instruções conferidas à população, percebe-se a semelhança com as regras de hoje em dia para o combate ao vírus. Evitar aglomerações, não fazer visitas, cuidado redobrado com práticas de higiene e atenção especial a idosos são alguns destaques, recomendações também conferidas pela OMS, como basilares no combate ao Covid-19, além do uso de máscaras.

Com o intuito semelhante, a Prefeitura de Pelotas investiu em publicidade para interação através de redes sociais. O recorte de jornal centenário parece ter sido atualizado. A motivação é para que as pessoas fiquem em casa, demonstrando que o contágio é um assunto sério, questão de saúde pública e que não deve ser minimizado. Além disso, chama atenção para o negacionismo associado à invisibilidade do vírus.



A fotografia utilizada de fundo mostra o Calçadão da Rua Andrade Neves. Mais precisamente, a quadra entre as ruas Lobo da Costa e Marechal Floriano. Sobre a foto, foram inseridas figuras vermelhas, representando o formato do vírus. Um texto grafado na parte de cima questiona: “Se o vírus fosse visível, você sairia de casa?”. A questão é válida, pois muitas pessoas minimizam o poder de contágio do vírus, desafiando as orientações de órgãos e instituições competentes. Mas a essa questão colocada no cartaz respondemos, em imagens. As fotografias foram feitas no mês de maio de 2020, a fim de observar e registrar como as pessoas passaram a se relacionar, então, com o Calçadão da Rua Andrade Neves. Para nossa surpresa, havia alta circulação, até mesmo com aglomeração de pessoas. Hoje, início de 2021, a recorrência do movimento das pessoas fora de casa, frequentando praias, áreas comerciais como o Calçadão, shoppings, etc, traz uma sensação de naturalização desse fluxo, como um retorno à normalidade, apesar do caráter devastador da pandemia que persiste.







Todas as imagens mostram uma reconfiguração da ocupação dos espaços do Calçadão da Rua Andrade Neves, motivo de constante conflito com a fiscalização municipal. As duas primeiras fotos, especificamente, mostram ao fundo um carrinho de churrasquinho, na esquina da Lobo da Costa. Prática ilegal, pois a legislação permanece a mesma, padronizando o que é comida de rua nesse lugar. Apenas podem ser comercializados crepes, churros e pipocas. Contudo, estava lá. Talvez se trate de alguma dinâmica de flexibilização por parte da fiscalização. “Vistas grossas”, como se diz popularmente. Sobre isso, as fotos seguintes mostram a esquina da Loja Gang. A banca ali montada está dividindo espaço com o crepes do Seu Sérgio, a Pipoca da Le-léli e a viatura da guarda municipal, que trabalha em conjunto com a fiscalização. Uma composição contraditória, porém presente. De alguma forma, a situação da pandemia parece ter colocado em suspensão as rígidas normas de ocupação do espaço.

Na continuidade da sequência de imagens, não há contradição com o que vem sendo dito. Lojas a céu aberto, no tradicional estilo ambulante: áreas do chão organizadas com produtos, suportes para pendurar mercadorias, bancas e carrinhos. E, claro, o mais importante para tudo isso funcionar: pessoas! Um fluxo intenso de circulação, gerando oportunidade de comércio para os vendedores ambulantes. Esses que reinventam suas ofertas diante da emergência do consumo: agora há muitas máscaras à venda, variadas por cores, estampas e tamanhos. São essas algumas cenas das vivências desse novo cotidiano. Sobrevivências urbanas em tempos de pandemia.

Referências

CAMPO Grande News. Pandemia: usamos as mesmas armas do século XIX. Campo Grande, 04 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/pandemia-usamos-as-mesmas-armas-do-seculo-xix>. Acessado em: 08 jan 2021

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Dossiê 1 de Imagem. Anais do GT 26: Antropologia Visual e da Imagem. II Reunião de Antropologia do Mercosul. 1997.

RODRIGUES, Guilherme R. de. Se essa rua fosse minha: uma etnografia sobre comida de rua na cidade de Pelotas. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

SAMAIN, Etienne. Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes antropológicos, v. 1, n. 2, p. 23–60, 1995.

_____. In: ALVES, André. Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re) visitado. Campinas: Editora Unicamp/São Paulo: 2004. p. 521–539.

Agnès Varda em Curitiba: montagem de pesquisa

Resumo: No doutorado, investiguei mulheres no circuito de cinema de Curitiba entre 1976 e 1989. Neste ensaio apresento colagens produzidas no último ano da investigação, feitas com alguns dos documentos que foram coletados na pesquisa de campo. Os resultados apresentam narrativas e visualidades construídas na pesquisa, com pistas e fragmentos sobre o que fizeram mulheres no cinema.

Palavras-chave: Mulheres no cinema. Cinema em Curitiba. Montagem. Colagem.

Agnès Varda in Curitiba: research montage

Abstract: My doctoral research was on women in the Curitiba cinema, between 1976 and 1989. In this essay, I present collages produced with documents collected for the research. The results present some of the narratives and visualities constructed in the research, with clues and fragments of what women in the cinema did.

Keywords: Women in Film. Cinema in Curitiba. Montage. Collage.



¹ - É professora no Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE/UTFPR), com estágio sanduíche na Universidade de Barcelona (UB). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

oianafranca@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8174-1446>

<http://lattes.cnpq.br/5511666385207029>

Em uma nota de coluna social de 1969 no Diário do Paraná, um dos jornais de maior circulação da época em Curitiba, há seis linhas para um anúncio inusitado: a cineasta Agnès Varda estaria prestes a visitar o Paraná. Queria conhecer de perto Vila Velha e Foz do Iguaçu. O texto me encheu de esperança, “não duvidem, pois a famosa diretora de cinema Agnès Varda pretende nos visitar ainda esta semana”. Naquele ano, Agnès já tinha dirigido filmes como La Pointe Courte, Cleo das 5 às 7 e As Duas Faces da Felicidade, e estabelecido uma considerável reputação como cineasta, sendo conhecida como a única mulher da Nouvelle Vague, o celebrado movimento francês de cinema de vanguarda. Se a visita de Agnès ao Paraná aconteceu, não pude confirmar em fonte alguma, é muito provável que não. Mas uma imagem me perseguiu por dias. Agnès de óculos escuros, caminhando pela cinelândia da Rua das Flores, parando curiosa para ver os filmes que estariam em cartaz no Cine Palácio ou no Cine Avenida, para em seguida encontrar alguém que a levaria conhecer um pouco do moderno centro da cidade e, depois, cair na estrada para uma tarde de passeios, entre colunas e muralhas de pedra de Vila Velha, o famoso parque arqueológico de Ponta Grossa. O rumor que foi parar no jornal, suponho, tinha relação com a passagem de Agnès pelo Brasil naquele ano. Poucas semanas antes, havia chegado à Guanabara, na companhia do marido e cineasta Jacques Demy, para o II Festival Internacional de Filmes no Rio de Janeiro, onde Agnès também tomou mate na praia e tirou fotografias com uma câmera que carregava para todo lado. (FRANÇA, 2021, p. 10).

O início da pandemia em 2020 coincidiu com o começo do último ano da minha pesquisa de doutorado, uma investigação sobre mulheres no circuito de cinema de Curitiba, entre 1976 e 1989. O trecho anterior é também o primeiro parágrafo da tese. Nele, partindo de recortes de jornal, conto sobre coisas que não aconteceram. Talvez você ache uma bobagem começar uma tese desse modo. Eu não vejo assim. Embora muitas vezes os textos acadêmicos se esforcem para tirá-la de cena, a imaginação é uma ferramenta de pesquisa, como também discorre Charles Wright Mills no ensaio “Sobre o artesanato intelectual” (2009).

Uma das colagens que apresento articula a possível visita de Agnès Varda à Curitiba, mas também embaralha a figura dessa cineasta extraordinária às histórias de cinema protagonizadas por Berenice Mendes, Dirce Thomaz, Fernanda Morini, Heloisa Passos, Josina Melo, Jussara Locatelli, Lu Rufalco, Solange Stecz, Vilma Nogueira, e pelo grupo Irmãos Wagner, do qual fazem parte Elizabeth, Ingrid, Rosane e Muti Wagner.

Com exceção de Muti, todas são mulheres trabalhando atrás de câmeras. Além disso, as colagens aludem aos recortes arbitrários e aos limites incontornáveis que circunscrevem qualquer investigação. Mobilizam também narrativas e visualidades construídas no decorrer da pesquisa, contendo pistas e fragmentos do que fizeram mulheres no cinema.

O conjunto de colagens que apresento é parte dos processos e dos resultados da pesquisa, e foi produzido no último ano de doutoramento. Um ano pandêmico, confinado e encolhido, no qual a imaginação não foi apenas exercício de pesquisa, mas também um modo de enfrentar a pandemia, o confinamento e o encolhimento de tantas experiências. Além de escrever, elaborei essas colagens com pedaços de jornais, revistas e fotografias, associando alguns dos documentos coletados durante a pesquisa de campo da investigação.

Ao escrever, entendi que não só os filmes, mas também os textos são feitos de gestos de montagem, produzindo determinados sentidos, a depender como os fragmentos são recortados e justapostos. Mas esta ideia não é nova, foi há muito tempo elaborada por Eisenstein (2002), quando “O sentido do filme” foi publicado pela primeira vez, em 1942. No livro, o autor argumenta que a montagem é propriedade de todas as artes. Eisenstein entendia ainda que “nos períodos de reconstrução ativa da vida, a montagem ganha entre os métodos de construção da arte uma importância e uma intensidade que não cessam de crescer” (AVELLAR, 2002, p. 11). Assim, assumi a montagem como um método indispensável para contar histórias de mulheres, que em tantos tempos e lugares passaram por interdições e ocultamentos sistemáticos.

Conta José Carlos Avellar que durante a Segunda Guerra, em 1941, Eisenstein, ao lado de outros cineastas soviéticos, partiu de trem de Moscou, deixando para trás uma cidade bombardeada. Uma das suas missões durante a guerra seria proteger da destruição nazista rolos de filme e uma parte da cultura cinematográfica. Pensava o cineasta que em tempos de guerra era preciso preservar as histórias e as imagens, sugerindo que “todos deveriam

gritar um grito semelhante para salvar os filmes e as reflexões de toda a gente que trabalha em cinema” (AVELLAR, 2002, p. 10).

Mesmo diante de circunstâncias tão trágicas e complexas no Brasil, foi preciso seguir regando as plantas e lavando a louça, finalizar uma tese e produzir este ensaio. Movimentos que faço com a esperança de que, ao acessar essas narrativas sobre o passado, ainda que sob uma luz incerta e bruxuleante, possamos vislumbrar outros futuros, com mais pesquisas, mais histórias e mais mulheres com câmeras na mão, com suas imagens ocupando os imaginários e os cinemas do mundo todo.

Acervos

Acervo O Globo, Casa da Memória de Curitiba, Cinemateca de Curitiba, Biblioteca Pública do Paraná, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acervos pessoais de Fernando Severo, Heloisa Passos, Irmãos Wagner, Josina Melo e Vilma Nogueira.

Referências

AVELLAR, José Carlos. Introdução, seria impossível viver. In: EISENSTEIN, Serguei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

EISENSTEIN, Serguei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

FRANÇA, A. C. C. V. de. Berenice e Lu em arquivos de cinema. Fotocronografias, v. 06, p. 1, 2020.

FRANÇA, Ana Cláudia Camila Veiga de. Mulheres no circuito de cinema em Curitiba entre 1976 e 1989. 2021. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) — Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

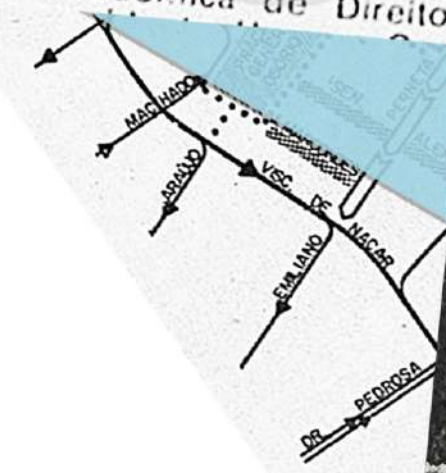
O cinema desmistificado

"O que nos interessa é aquilo que é duro de ver", diz Berenice Mendes. Determinado momento, o filme mostra uma mulher que trabalha



o mando é das mulheres

homem, independente, agora devem estar muito contentes. E que a ABD-PR já é uma realidade. A primeira diretoria eleita pelos associados em votação democrática foi empossada segunda-feira última, dia 20, na sede da entidade, na rua Presidente Farias. E o presidente eleito é uma mulher: Berenice Mendes, acadêmica de Direito.



Romance/Cinema

Teatro

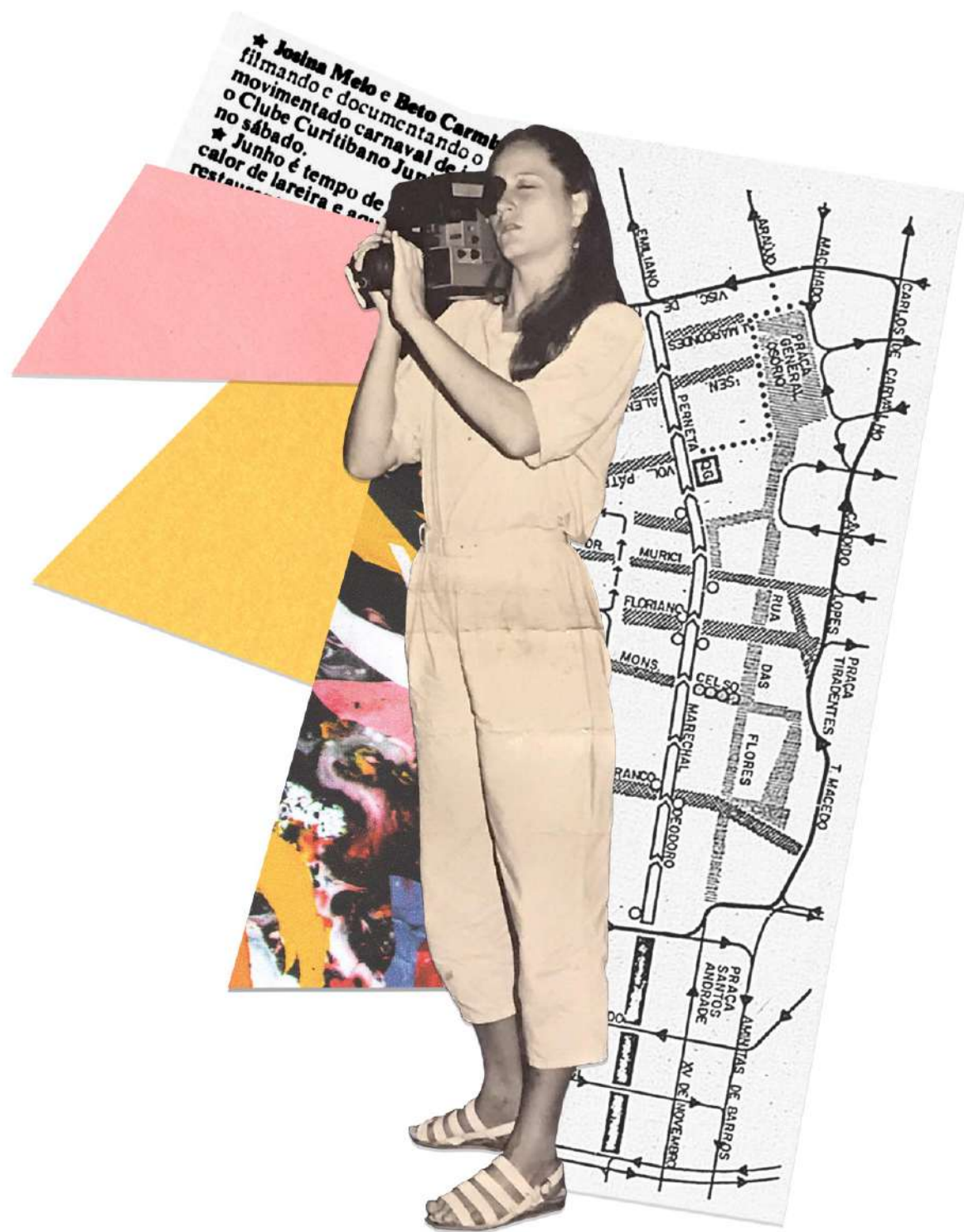
ASTOR - "Uma Mulher Solteira" (An Unmarried Woman) 1978, direção de Paul Mazursky, com Jill Clayburgh, Alan Rickman, Michael Murphy e Cliff Gorman. Lançamento. Sobre os impasses de uma mulher de meia idade que o marido a abandonou. Grande desempenho de Clayburgh no papel. Censura: 16h30, 18h30 e 20h30. da Pátria, for...

Dirce Thomáz, está atuando na peça "Flagrantes do Rio", em cartaz no Teatro do Sesi.

Família Wagner, a vida em filmes

Tendo se revelado há menos de três anos no cinema de animação em Curitiba, os irmãos Wagner são hoje os cineastas mais premiados na bitola do superoito no Brasil.





Nova geração

Heloisa Azevedo Passos (foto) faz parte de uma nova geração de "videomakers" curitibanos que podem levar o Paraná aos próximos festivais de vídeo. "Tablóide", no Almanaque

As imagens de Heloísa

"A loira fantasma"

Jussara Locatelli e Fernanda Morini

PRIMEIRO FILME
Este é o primeiro filme de Fernanda Morini, que até agora só dirigiu documentários, assim como é a primeira vez que Jussara Locatelli faz cinema. Não é exagero dizer que começaram muito bem, pois concorreram com gente que está na estrada há muito tempo. O filme só deve ser lançado aqui em agosto, porque logo depois do Festival de Brasília, que vai de 3 a 9 de julho, ele concorrerá, também, ao Festival de Gramado. A gente fica torcendo. Parabéns meninas!



Ecdise e recolhimento, ou tudo que nasce é rebento

Resumo: A narrativa que apresento neste ensaio é expressão das memórias e sensações vividas durante a pandemia da Covid-19 no Brasil e reúne fotografias, autorretratos, aquarelas e montagens. Trata-se de percurso por curvas e labirintos que é resultado de movimento contínuo e simultâneo de olhar para fora e caminhar para dentro. O conjunto de imagens compõem uma narrativa bioinspirada, onde a passagem do tempo é buscada nos gestos e fragmentos conectados por linhas fantasma de universos em transformação.

Palavras-chave: recolhimento, narrativa fotográfica, memória, ciclos da vida, maternidade

Resumen: La narrativa que presento en este ensayo es una expresión de los recuerdos y sensaciones vividas durante la pandemia del Covid-19 en Brasil e incluye fotografías, autorretratos, acuarelas y montajes. Un recorrido por curvas y laberintos en un movimiento simultáneo de mirar hacia afuera y caminar hacia el interior. El conjunto de imágenes produce una narrativa bioinspirada en que se busca reflexionar sobre la passage del tiempo partiendo de gestos y fragmentos conectados por líneas fantasma de universos en transformación.

Palabras-clave: quietud, narrativa fotografica, memoria, ciclos de vida, maternidad

Ecdysis and retreat, or everything that is born is a rebento

Abstract: The present essay is one narrative of images of expressing the reflections, memories, imaginations and sensations experienced during the Covid-19 pandemic in Brazil and brings together photographs, self-portraits, watercolors and montages. A path through curves and labyrinths that is a product of a continuous and simultaneous movement from look to outside and walk inside. A set of images composed of a bioinspired narrative, where a thought the passage of time across sought after forms, gestures and fragments connected by the phantom lines of universes in transformation.

Keywords: retreat, photographic narrative, memory, life cycles, motherhood

¹ - Pesquisadora de pós-doutorado no PPGAS/Museu Nacional — UFRJ e bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) entre 2016 e 2021. É mãe da Violeta e, em breve, do Ramiro. Vivenciou as luas de março de 2020 a abril de 2021 entre um apartamento no Rio de Janeiro (RJ) e um sítio na zona rural de Machado (MG).
adsgutterres@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2228621863003175>
<https://orcid.org/0000-0002-8043-0881>

No futuro, como você descreveria o que estamos vivendo hoje para uma pessoa que ainda não nasceu?

Essa foi uma das questões que me inquietaram em 2020. Angustiada com as consequências da pandemia da Covid-19 e pelo desejo de dialogar com outras pessoas sobre a experiência da quarentena, reuni algumas dessas questões-angústias em um formulário e divulguei o link entre amigxs e conhecidxs pedindo que elxs também divulgassem. Chamei essa iniciativa de projeto e dei um nome a ela: rebento mundo². Durante o mês de abril de 2020 recebi cerca de sessenta respostas tanto de pessoas que estavam em home-office como eu quanto daquelas que precisavam sair para trabalhar. Meu objetivo era, um ano após serem respondidas, reenviar para cada participante as respostas dadas naquele período. O diálogo que esse curto projeto promoveu dentro de uma rede expandida de relações sociais foi seminal e certamente vibra nas imagens deste ensaio.

No texto *O amanhã não está à venda*, escrito sobre e durante esse momento da pandemia, Ailton Krenak (2020) diz que o que vivemos pode ser obra de uma mãe amorosa pedindo ao “filho, silêncio”. Para ele, “a terra está falando isso para a humanidade”: está pedindo silêncio; e para Krenak, “esse também é o significado do recolhimento”.

Desde o dia 16 de março de 2020 que eu e minha família estamos recolhidas. Foi quando iniciamos um processo de desfazer-nos das pequenas certezas em meio a uma tragédia coletiva e nacional em que a produção desigual da vida e da morte ganhou proporções inéditas. Um ano após o início desse recolhimento ainda estamos em silêncio, mas já criamos algumas estratégias para seguir. Tal como ressaltou Bruno Latour “a última coisa a se fazer seria retomar de forma idêntica o que fazíamos antes”. Em texto sobre a pandemia, o autor (2020) também constrói o seu formulário de questões, nos provocando a escrever sobre algumas delas. Instigando que nos tornemos,

por conta própria, “interruptores da globalização”, Latour nos convida a imaginar “gestos-barreiras” que possam encerrar cada elemento de um modo de produção que não queremos mais reproduzir.

A narrativa que apresento neste ensaio é expressão das reflexões, memórias, imaginações e sensações vividas neste período e reúne fotografias, autor-retratos, aquarelas e montagens. Também é possível que a narrativa seja resultado das perguntas que me fiz, dos privilégios que engendram minha trajetória, do silêncio, do recolhimento, do percurso por curvas e labirintos num movimento contínuo e concomitante de olhar para fora e caminhar para dentro. O conjunto de imagens compõem uma narrativa bioinspirada (Mancuso, 2019), onde a passagem do tempo é buscada nas expressões, formas, gestos, fragmentos conectados por linhas fantasmas (Ingold, 2015) de universos em transformação. A natureza efêmera dessas linhas liga os nodos de memórias sobrepostas, minhas e dos seres que compuseram essa narrativa, expondo suas marcas, silhuetas³, formas e gestos no mundo. É nesse trajeto que o exoesqueleto da cigarra, abandonado entre os líquens do tronco do jerivá, se conecta com as flores da jabuticabeira temporã, a placenta que nutriu um ser e as formas daquela que abriga outro; que as curvas da vagem seca de sibipiruna em homologia se aproximam das formas arredondadas do ventre, da criança que pinta e dos rizomas coloridos da pintura. Nos autorretratos o silêncio que atordoa e abençoa, onde a narradora é, ao mesmo tempo, incógnita e super nominada (Agamben, 2012). Seguindo as trilhas de Aby Warburg no qual a cultura é sempre um processo de *Nachleben* (Agamben, 1998, p. 19–21), as narrativas são estratégias de transmissão e sobrevivência onde os símbolos compõem a vida da memória social. As imagens que compõem este ensaio são uma expressão dessa estratégia e simbolizam meu processo de recolhimento. Como integrantes de diferentes coletividades, o que encontramos e enfrentamos nesse processo pode ser um caminho para possíveis futuros. E nesse caminho, que possamos seguir as palavras de Krenak: primeiro cuidado, depois coragem.

2 - O nome do projeto foi livremente inspirado na canção “Rebento” de Gilberto Gil, lançada no álbum “Realce” de 1979. Nesse link é possível acessar o formulário que elaborei para o projeto e algumas linhas sobre o objetivo dele: <https://forms.gle/FkyDcdY6yMwPzhro8>.

3 - Aqui faço referência a obra da artista Ana Mendieta, principalmente em *Siluetas Series* (1973–1980), em que ela trabalha o corpo, sua silhueta e as paisagens naturais como expressão de sua arte e engajamento feminista.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Image and silence. *Diacritcs*, Vol. 40.2, p. 94–98, 2012.

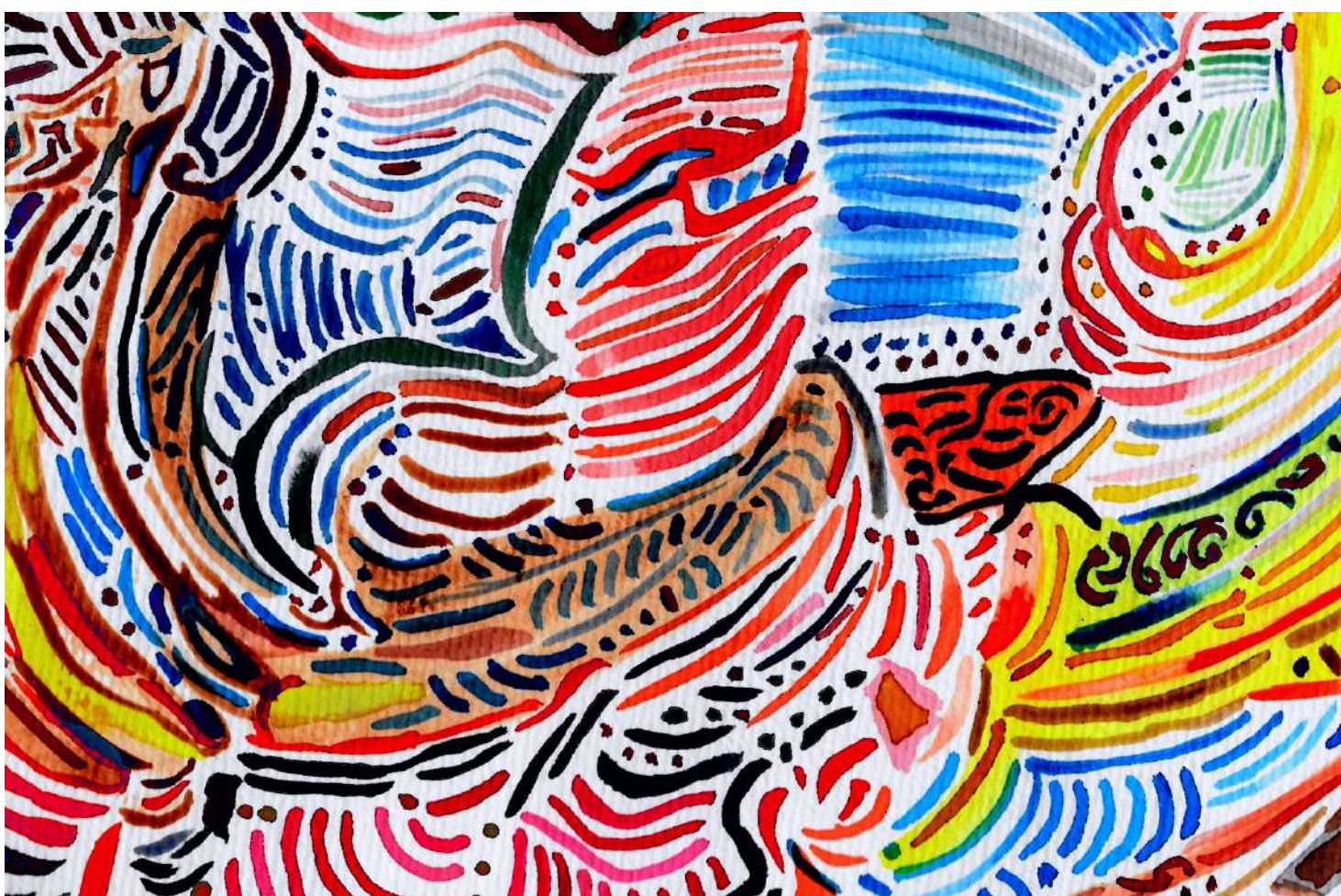
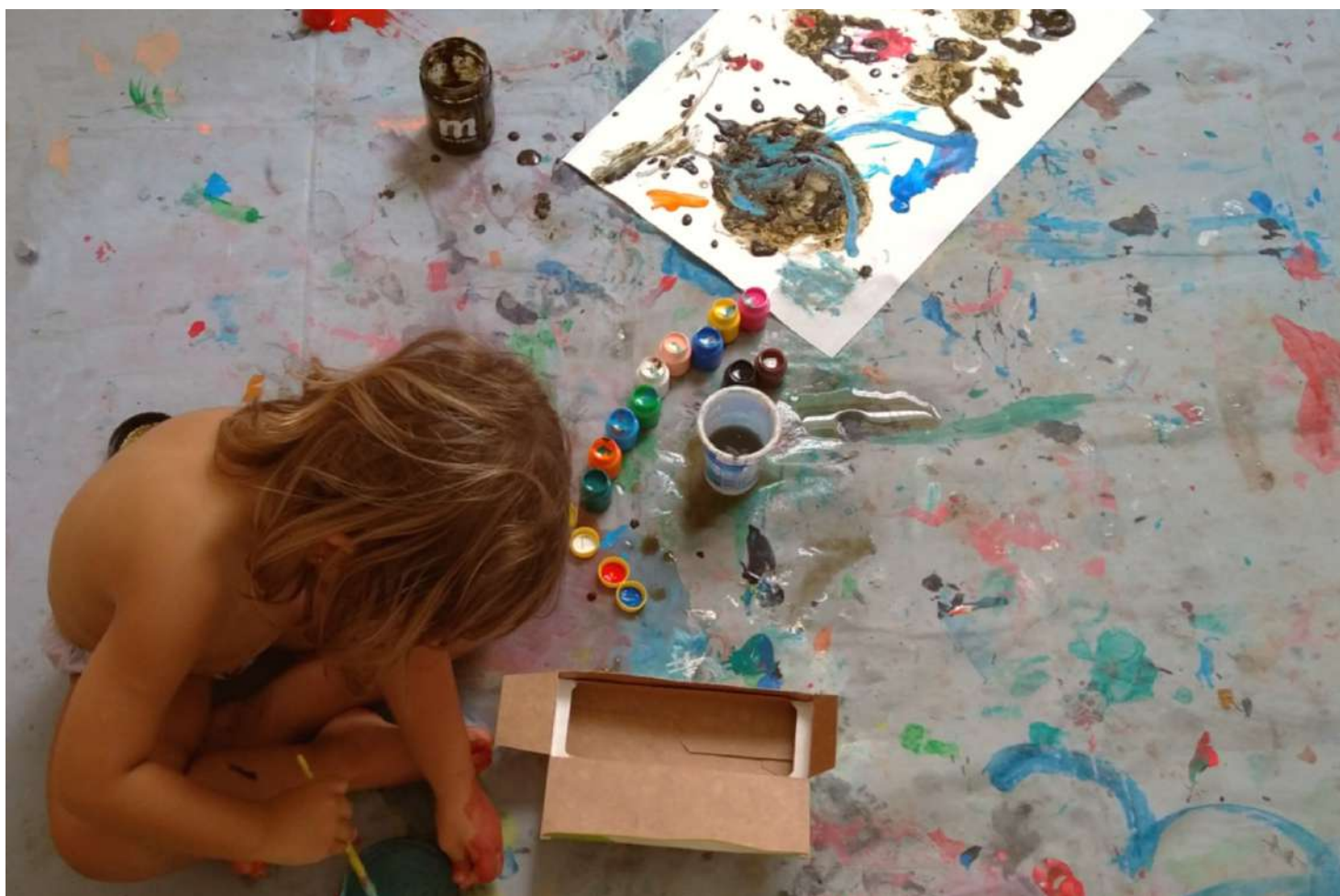
AGAMBEN, Giorgio. Image et mémoire. Paris: Editions Hoëbeke, 1998.

INGOLD, Tim. Líneas: Una breve historia. Barcelona: Gedisa Editorial, 2015.

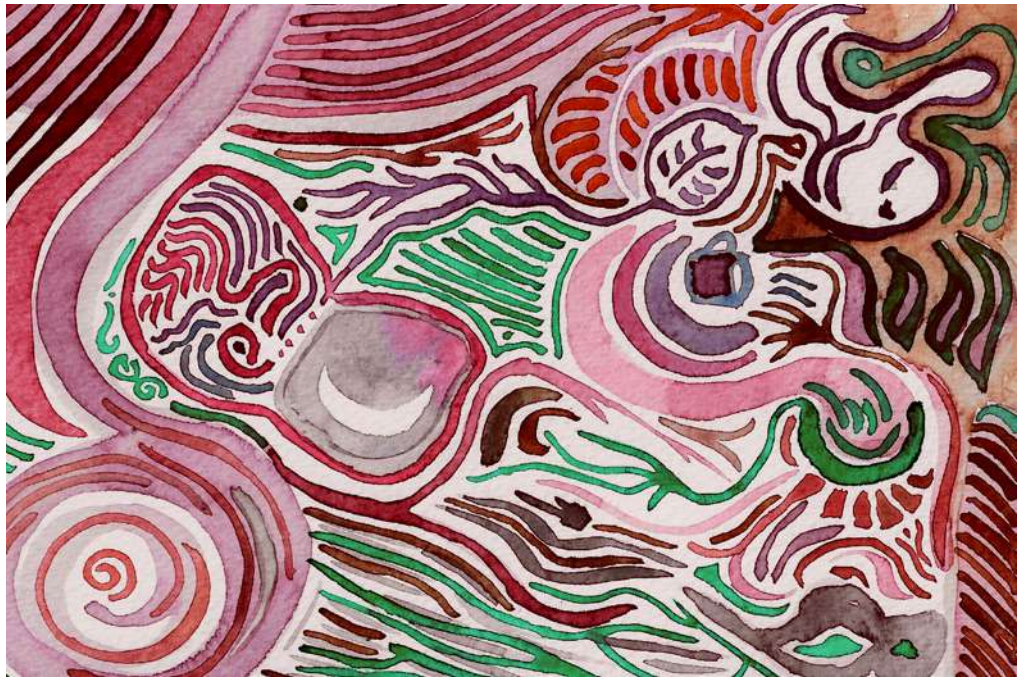
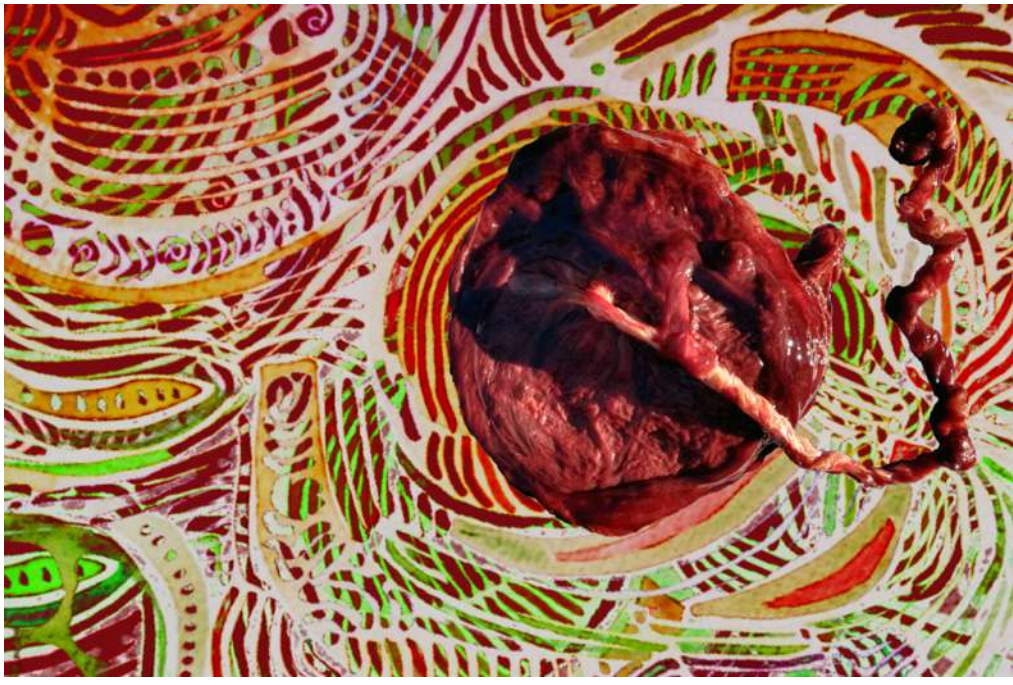
KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Tradução de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. 2020. Disponível em http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf Acessado em 18 de abril de 2021.

MANCUSO, Stefano. Revolução das plantas: Um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

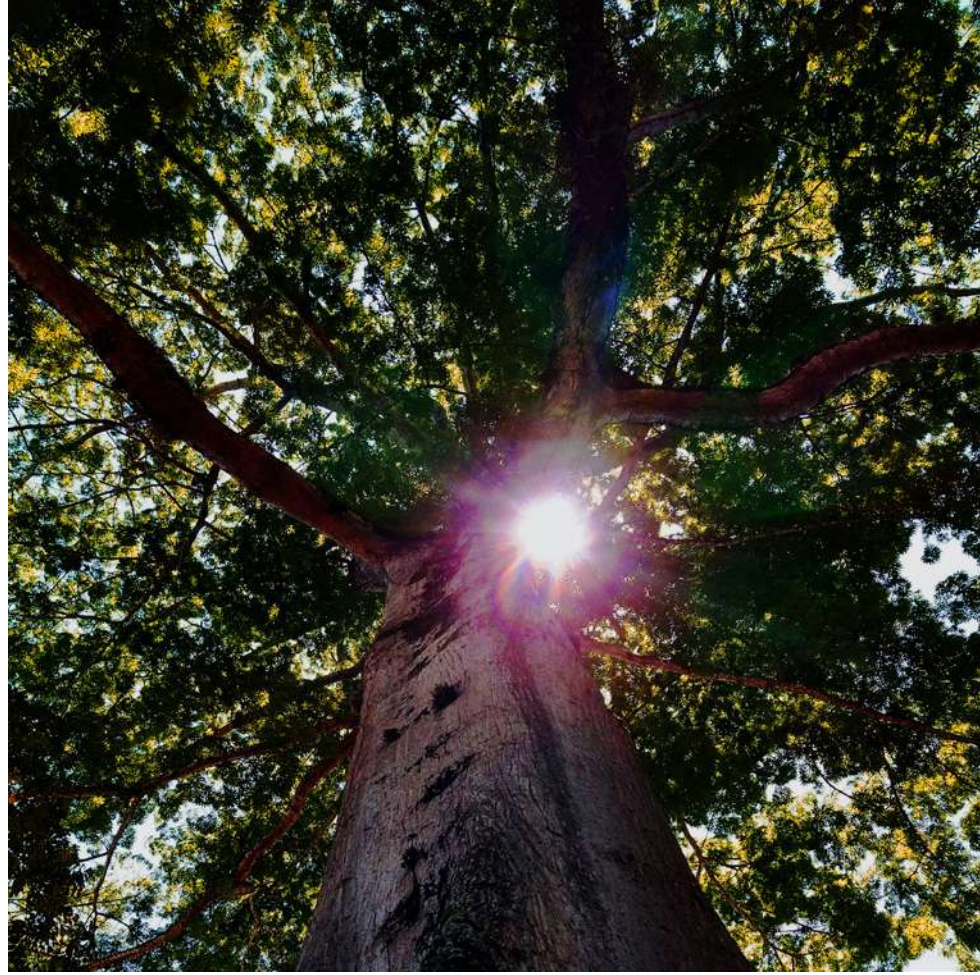
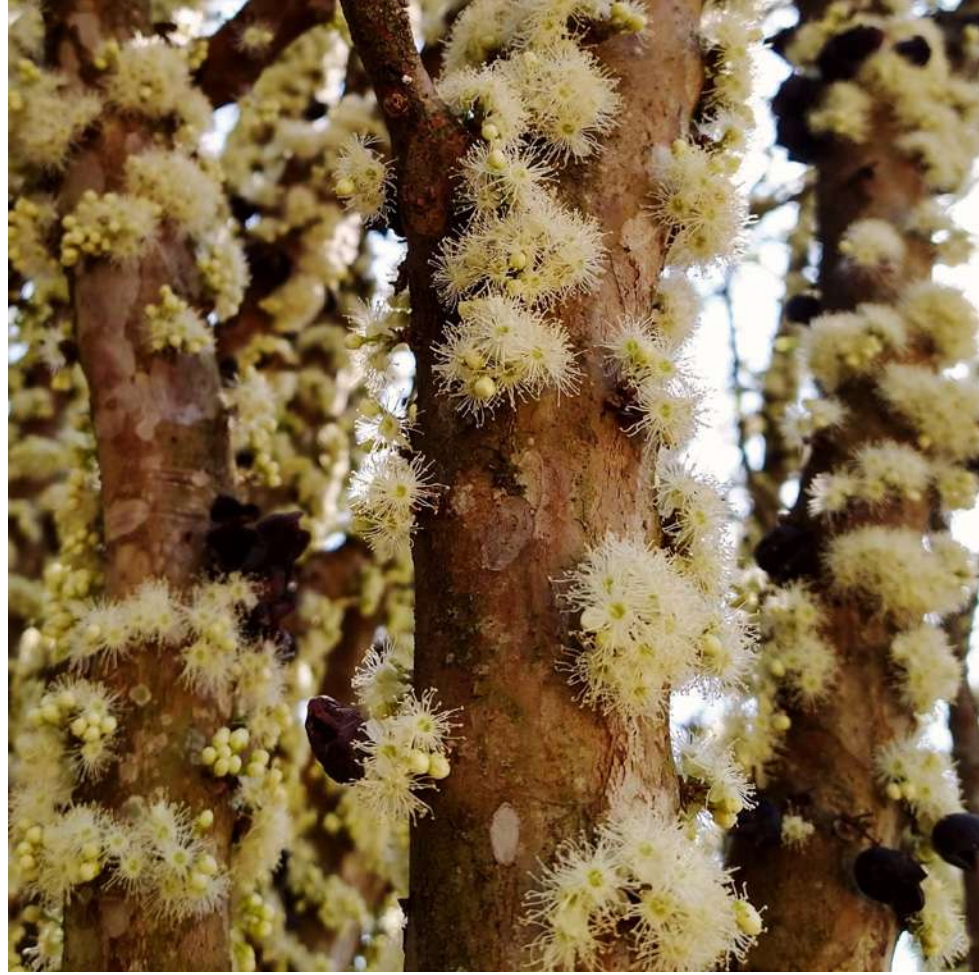












Antes o em-casa não existia - 21 dias de pandemia e mais

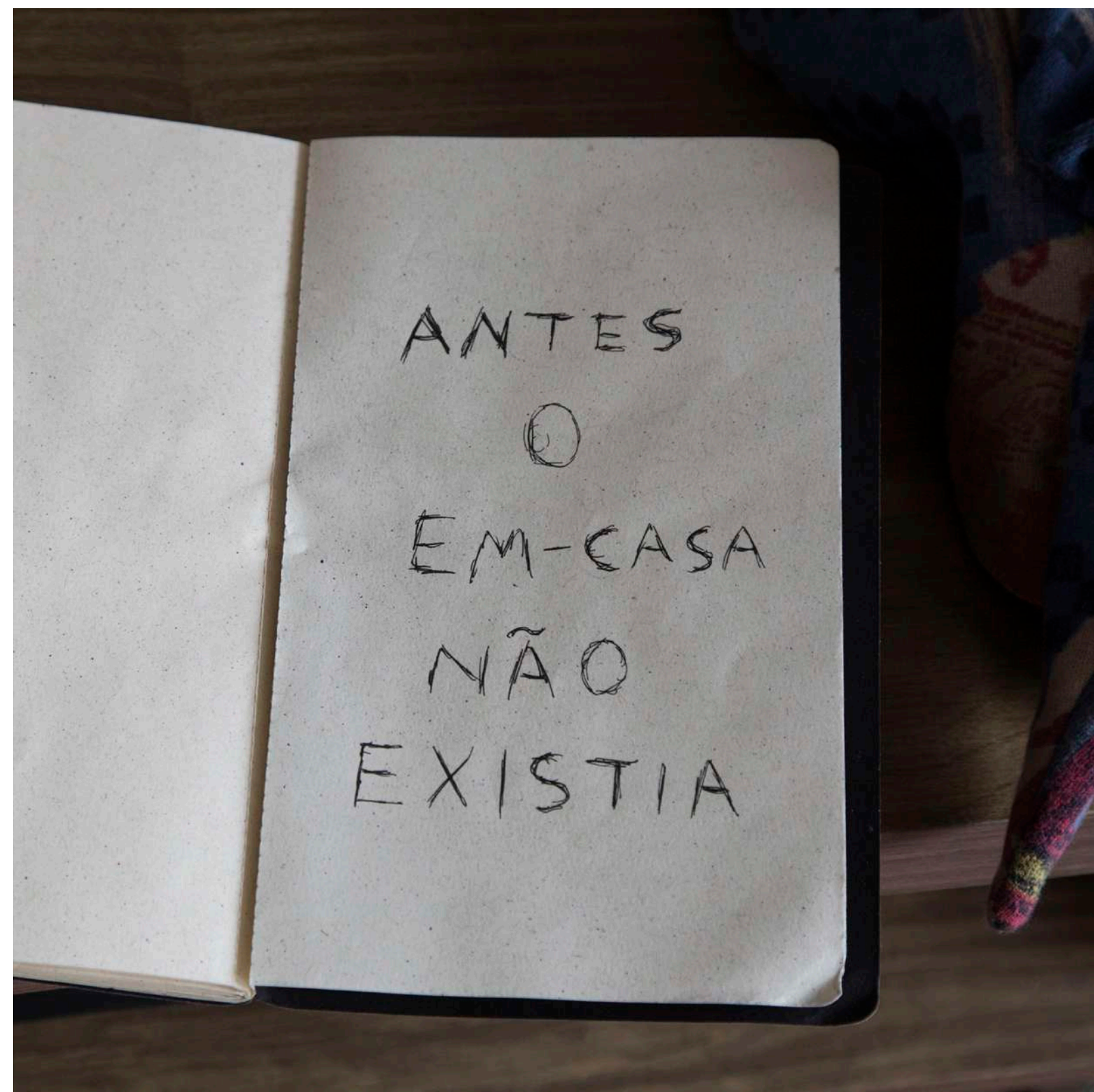
Resumo: A intenção deste texto é fazer aparecer um pouco do que envolveu a realização da série de fotografias nomeada Antes o Em-Casa Não Existia. Desenhar e fotografar foram modos de conhecer de habitar o território (DELEUZE; GUATTARI, 2012) das novas configurações dos dias pelo distanciamento social necessário pela pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: território, desenho, fotografia

There was no in home before — 21 days of a pandemic and more

Abstract: Here is presented part of the context of the photographic series Antes o Em-Casa Não Existia. Drawing and photography were ways to inhabit that territory (DELEUZE; GUATTARI, 2012) affected by the necessity of social distancing due to the COVID-19 pandemic.

Keywords: territory, drawing, photography



1 - Mestrando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas.
wagnerprevitali@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7141730522834344>
<https://orcid.org/0000-0003-4929-7696>

Mas o em-casa não preexiste: foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 122)

A intenção deste texto é fazer aparecer um pouco do que envolveu a realização das imagens aqui apresentadas. O ensaio consiste na aproximação de vinte e duas fotografias de desenhos realizados por três semanas, durante o período de distanciamento social. Os desenhos foram realizados um por dia, e aqui estão sendo mostrados em sete trípticos, cada um contando com três dias, mais uma fotografia individual que abre a narrativa. A montagem de uma narrativa visual sobre o tempo íntimo da/na casa surge de alguns lugares. O motivador inicial foi a produção de um trabalho poético sobre a Pandemia, proposto para a disciplina de Antropologia da arte, cursada no bacharelado em Antropologia da UFPel (2020/2). Me interessei pelo papel e caneta, depois pela câmera, para pensar aqueles momentos. Os desenhos e as fotografias aconteceram durante vinte e um dias, entre os meses de agosto e setembro de 2020, compreendendo o primeiro semestre de atividades a distância iniciado com a pandemia de COVID-19.

A proposta dos dias foi pela crença popular de que realizar algum hábito por vinte e um dias seguidos tornariam ele assimilável, mais cotidiano. Era uma brincadeira indireta com a necessidade de assimilar a pandemia e suas necessidades. Aquele primeiro período da crise me instigava a observar o cotidiano de forma mais íntima, olhar com atenção para os dias. É importante dizer que desenho e fotografia andaram juntos desde o início como processos complementares. A fotografia não serve apenas para documentar os desenhos, ela complementa o sentido, dando a ver também o ato de desenhar como parte desse cotidiano alterado. O segundo lugar de onde parte essa narrativa é o grupo de pesquisa Subjetividade e diferença: agenciamentos artísticos, audiovisuais e filosóficos (2020/2), onde realizávamos o estudo do texto “Acerca do Ritornelo” de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012). Ao ser realizado durante o distanciamento social, fui instigado a uma reconfiguração dos dias, uma vez que as recomendações para conter o avanço da pandemia de COVID-19 gerou um movimento de recolhimento, popularmente identificado pela hashtag #FiqueEmCasa.

Aqui aplico os conceitos de ritornelo, que estabelece relação com território — ora começar um, ora habitar um, ora sair ao desconhecido — pensando a formação desse território a partir da casa no contexto da pandemia. A casa, agora modificada pela pandemia, pode ser um começo de “ordem no caos” (DELEUZE; GUATTARI, p. 122), mesmo que o caos insista em querer entrar pela porta ou pelos sites de notícias. “É muito importante, quando o caos ameaça, traçar um território transportável e pneumático” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 135), como no isolamento, em que buscamos manter uma “distância crítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 135) daquilo que ameaça, “manter à distância as forças do caos que batem a porta” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 134). Começo num pequeno território, sobre folhas não usadas em um caderno de esboços e duas canetas nanquim, uma 0.7, outra 0.3. Ritornelo é “Todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 139), cria um universo possível de ser habitável.

Desenhar também é um modo de conhecer, e no conhecimento pelo desenho o que está em jogo é o processo vivido ao desenhar, pois nele “o tempo é alongado pela imersão do observador numa relação com quem (ou o quê) observa” (BERGER, 2005, p. 70–1 apud KUSCHNIR, 2016, p. 9). Ou, como explica Karina Kuschmir (2016, p.9), o desenho no caderno é indissociável do olhar e da imaginação de quem desenha. Aqui, o desenho é influenciado pelo cotidiano do isolamento, acolhe e acompanha a necessidade de compreensão dessa experiência estranha “O caderno está intimamente relacionado com seu portador, ambos (autor e objeto) imersos numa viagem em busca da observação e da vivência em um cotidiano estrangeiro.” (ibid, 2016, p. 8). Muita coisa faz parte desse território sendo habitado: as compras secando depois de chegarem do mercado, as reuniões e aulas por videoconferência, o lançamento de uma música nova que empolgou, as palavras escritas de conversas, de leituras, de pensamentos.

Para compartilhar os desenhos recorri à fotografia digital, o que acionou outra forma de pensar a imagem. Ondina Leal (2013, p. 69) escreve que as “imagens são indissociáveis de paisagens”, quando uma fotografia evoca

paisagens exige do autor um “reenquadramento desta paisagem desterritorializada”. Colocados próximos aos ambientes onde foram realizados os desenhos, a imagem fotográfica redescobre o cotidiano desenhado como paisagem de um tempo concentrado que se expande para além do caderno de esboços, mobilizando “imagens das imagens” (LEAL, 2013, p. 69). Imagens, como diz Etienne Samain, que “pertencem à ordem das coisas vivas” (2012, p. 157), e que, portanto, não apresentam algo definitivo, “toda imagem se choca” (SAMAIN, 158) com o vivo ativando diferentes operações.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol 4. Editora 34, 2012.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 5, n. 2, p. 5–13, 2016.

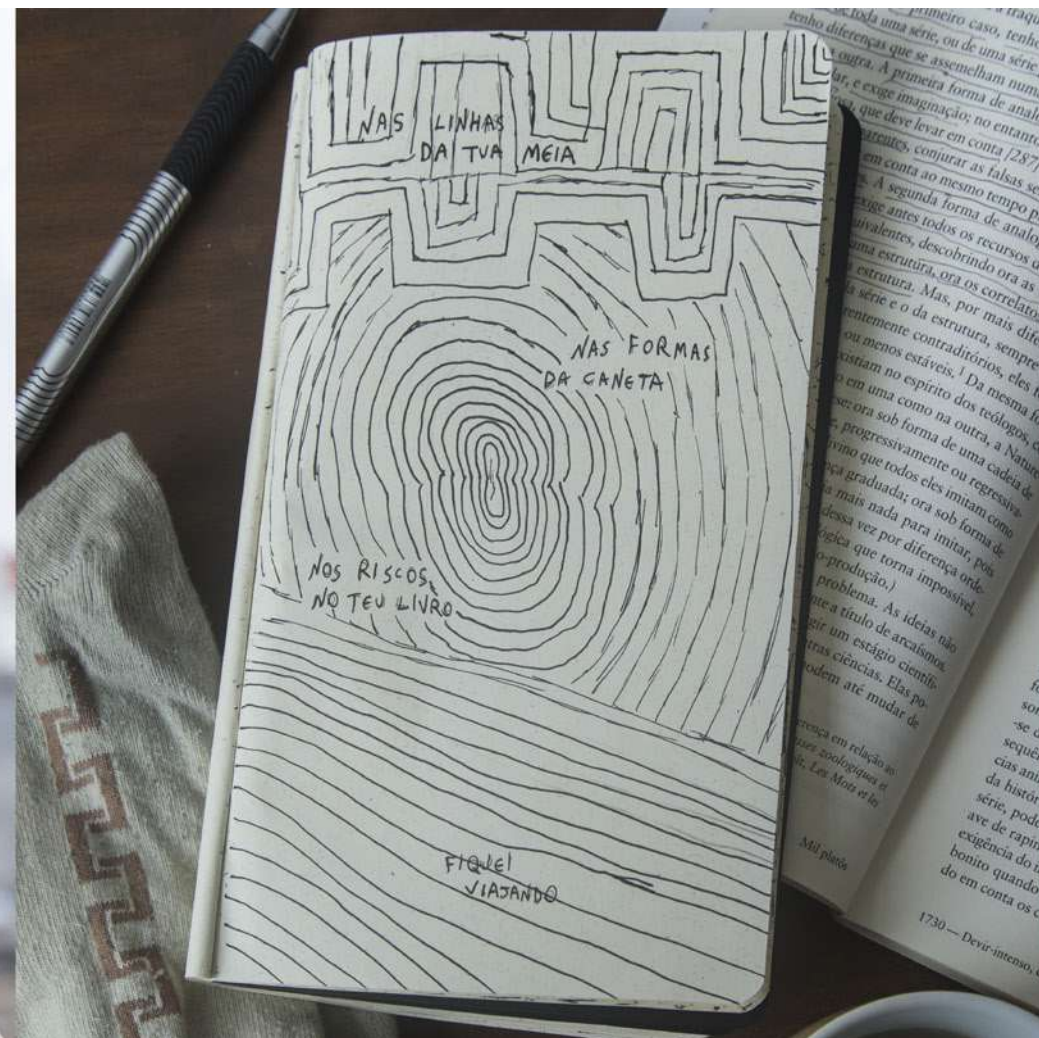
LEAL, Ondina Fachel. Paisagem etnográfica: Imagens, inscrições e memória nos cadernos de campo. Iluminuras, v. 14, n. 34, 2013.

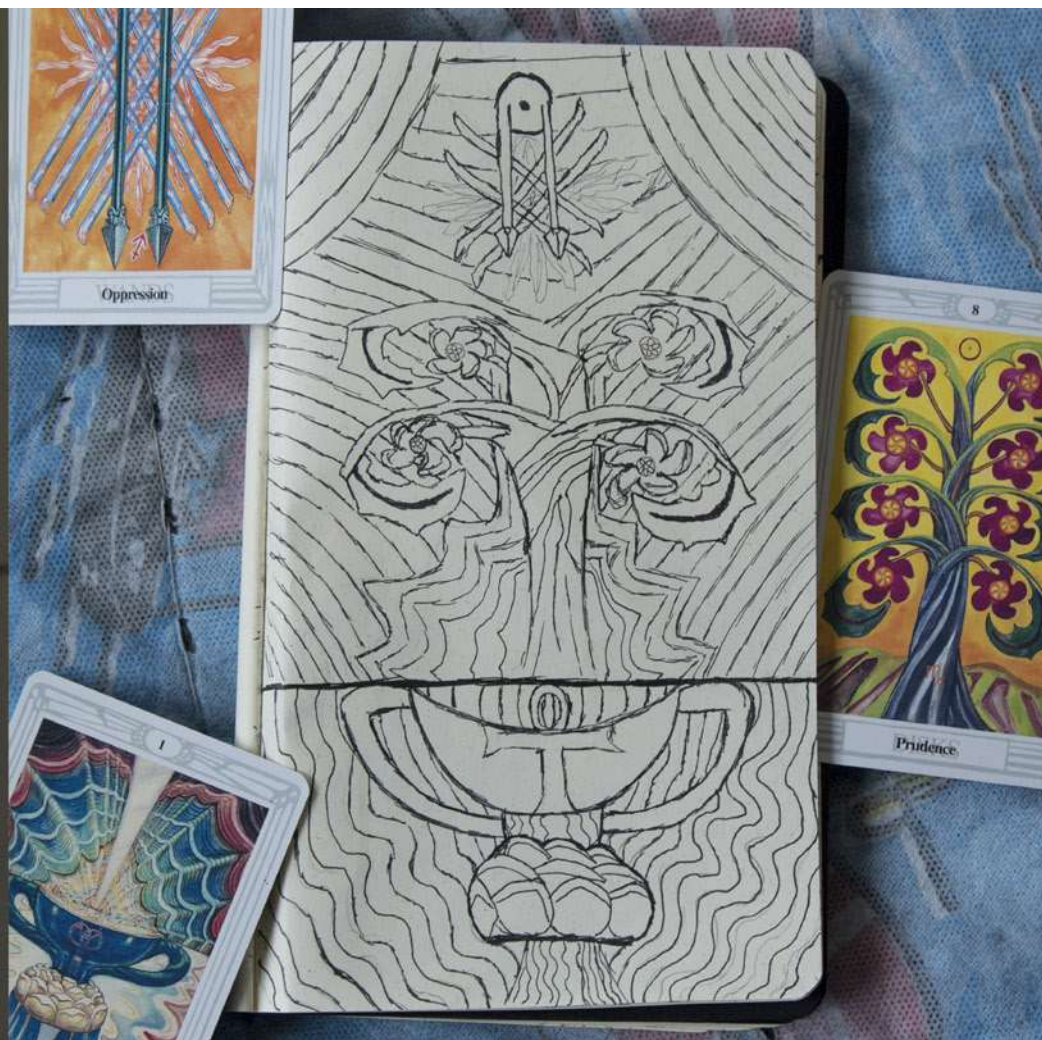
SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. Visualidades, v. 10, n. 1, 2012.



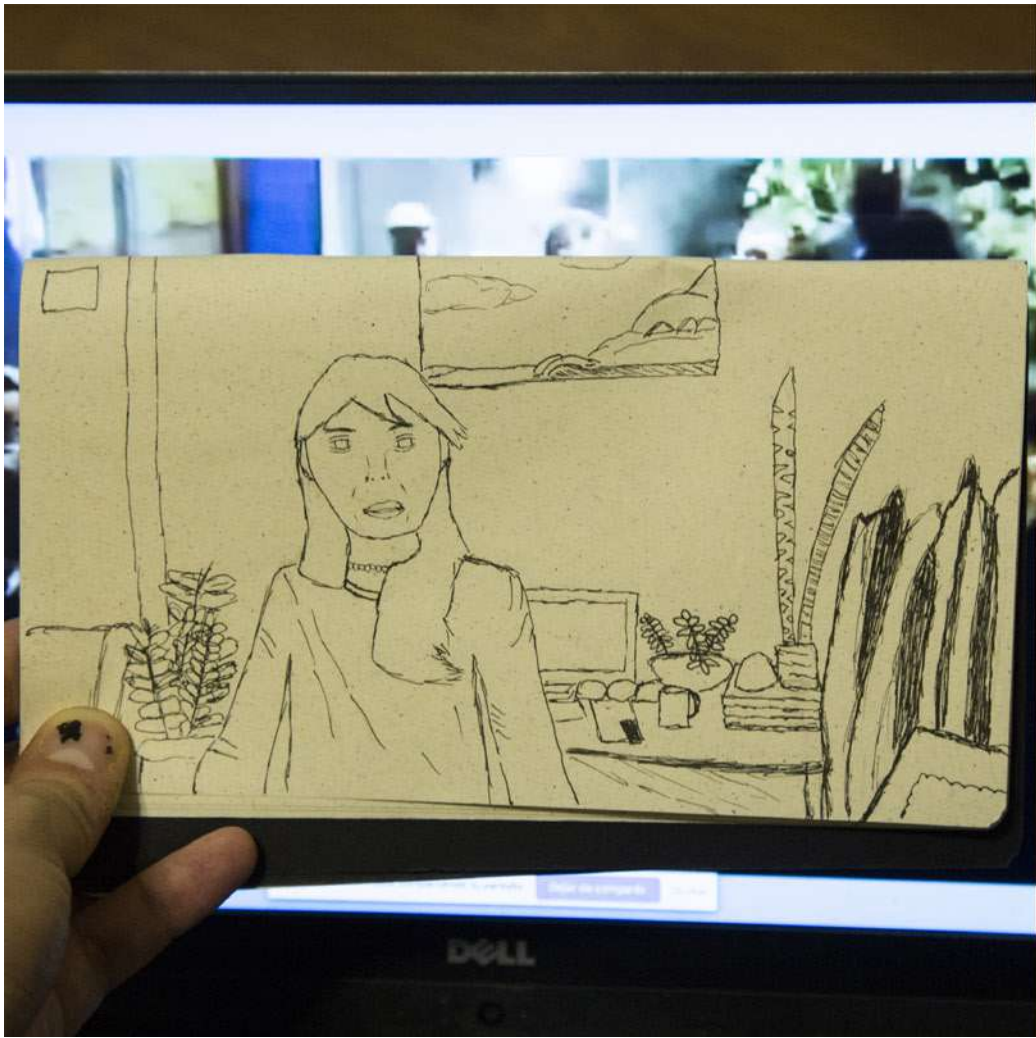












Daniele Borges Bezerra ¹
 Alexsânder Nakaóka Elias ²

Grafias-rastro como reinvenção das vivências pandêmicas

Resumo: No final de 2019, uma nova síndrome respiratória disseminou-se, alterando o modo de vida globalmente. Especialmente no Brasil, tivemos nossas experiências remodeladas e passamos a viver cerceados de liberdade e segurança, isolados, em quarentena. Esse perigo sanitário, acentuado por uma necropolítica promovida pelo governo federal, nos colocou em um lugar de liminaridade, de onde clamamos por socorro. Assim, as pranchas visuais aqui apresentadas resultam de uma reelaboração “poliestética” (política-ética-estética), articulando rastros das memórias individual e coletiva. Para tanto, partimos de obras publicadas pelo projeto “Pandemia de Narrativas: vida em quarentena”, que tem o Instagram como seu meio privilegiado de documentação e compartilhamento das vivências em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Pandemia de Narrativas; pranchas visuais; grafias; Covid-19; quarentena.

Trace-spellings as reinvention of pandemic experiences

Abstract: In late 2019, a new respiratory syndrome spread, changing the way of life globally. Especially in Brazil, our experiences changed and we started to live without freedom and security, isolated, in quarantine. This health danger, accentuated by a necropolitics promoted by the federal government, fixed us in a place of liminality, from which we scream for help. Thus, the visual boards presented here result from a “poly-aesthetic” (political-ethical-aesthetic) re-elaboration, articulating traces of individual and collective memories. To do so, we start with works published by the project “Pandemia of Narratives: life in quarantine”, which has Instagram as its privileged means of documenting and sharing experiences in times of pandemic.

Keywords: Pandemic of narratives; visual boards; spellings; Covid-19; quarantine.

1 - Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural, Coordenadora Adjunta do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/UFPel); borgesfotografia@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0001-6278-3838>;
<http://lattes.cnpq.br/0831071373455034>

2 - Doutor em Antropologia Social (Unicamp, 2018) / Mestre em Fotografia e Cinema (Unicamp, 2013) — Pesquisador do LA'GRIMA/Unicamp; NA-VISUAL/Ufrgs e LEPPAIS/UFPel; alexdefabri@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0001-6746-0464>;
<http://lattes.cnpq.br/9631991512840338>



Em dezembro de 2019, espalharam-se pelo mundo notícias acerca de uma nova síndrome respiratória que logo foi identificada como uma mutação do Coronavírus³, vírus causador da gripe. Rapidamente o novo patógeno, identificado como SARS-CoV-2, se alastrou pelo mundo e, em março de 2020, a situação foi declarada como pandêmica pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a doença infecciosa recebeu o nome de Covid-19⁴. Desde então, nossos modos de vida alteraram-se e passamos a viver cerceados, afetados por uma torrente de notícias diárias, administrando a vida e as emoções que a atravessam, entre curvas que sobem e descem ilustrando os níveis de transmissão e mortalidade provocados pelo vírus e as suas variantes. Em 2021 a promessa de imunização com o desenvolvimento das vacinas renovou os ânimos levando-nos a “respirar” mais aliviados, com a expectativa de retorno a, então considerada, normalidade.

Em paralelo a esse processo de mudanças globais, que atualiza termos como isolamento social, quarentena, distanciamento social e lockdown, começamos a perceber que as desigualdades, marcadas por posições de gênero, étnico-raciais e nível econômico, são potencializadas. E, assim como a pandemia se dissemina de modo exponencial, também a violência, a omissão, o negacionismo e os abusos multiplicam-se. Observa-se o “(des)valor” (PELBART, 2007) da própria condição humana circulando não mais de modo subterrâneo. Passamos a ressignificar a noção de normalidade. No Brasil, mas não apenas, é impossível pensarmos a pandemia sem relacioná-la à política, tanto a cotidiana, que parte de ações individuais; quanto à esfera política nacional que, a partir de suas medidas e omissões, define “quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2003). A dissonância política no país tornou-se, assim, evidente, e o colapso sanitário nos leva a refletir, a partir de uma ecologia da vida (BATESON, 2000; VELHO, 2001; INGOLD, 2000; 2012), na crise humana em que nos encontramos (Cf. KRENAK, 2019).

3 - No total, incluindo a sua nova variante, sete coronavírus humanos (HCoV)s já foram identificados no momento da redação deste ensaio, em junho de 2021.

4 - Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, que tem como principais sintomas: febre, cansaço e tosse seca, que se manifesta de forma leve em 80% dos casos. Mas uma em cada seis pessoas desenvolve a forma grave da doença, que tem se mostrado extremamente mortal. Para mais informações, acesse: <https://www.paho.org/pt/covid19#sintomas>.

Ao fazer isso, uma parte de nós resiste, projeta melhores horizontes, deseja outros futuros possíveis. E é nesse sentido que as memórias em processo sobre as vivências do presente tornam-se reservas narrativas para o futuro, testemunhos que todos temos condições de agenciar. Mas também trazem à tona antigos fantasmas, sobrevivências de tempos sombrios, em que a morte, a violência e o negacionismo são incitadas enquanto política de Estado. Portanto, as memórias aqui ensaiadas sobre a pandemia são fulgurações, em forma narrativa, que tornam tangíveis por meio de múltiplas grafias-rastro, o improvável, o imprevisto, a (in)crível circunstância em que nos encontramos. Mais do que registros para a memória, são tomadas de posição que enaltecem o gesto criador, insistindo em nos fazer imaginar o que foi, mas também o que será “apesar de tudo” (DIDI-HUBERMAN, 2003).

As pranchas visuais apresentadas neste ensaio são produto de uma reelaboração poética que articula, a partir de um engajamento ético-estético, rastros e inscrições da memória individual e coletiva, produzidas na fricção entre formas de expressão e afetos de outras pessoas e as nossas próprias afecções. Para isso, partimos de obras publicadas pelo projeto⁵ Pandemia de Narrativas: vida em quarentena⁶, que tem o Instagram como seu meio privilegiado de registro/documentação e compartilhamento das experiências em tempos de pandemia. Ademais, o projeto possui narrativas de diversos países, colocando em evidência o caráter transcontinental da experiência em que, por meio da comunicação ubíqua possibilitada pela World Wide Web, é possível acessar pontos de contato entre distintas formas de viver e narrar a pandemia.

5 - Trata-se de um projeto de extensão, idealizado pela pesquisadora Daniele Borges Bezerra, durante o seu estágio pós-doutoral (2019–2020) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Cultural da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt- UFPel), que está vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), sob a coordenação da Dra. Cláudia Turra Magni. Agradecemos a todos os artistas que contribuíram com o projeto e fazem parte deste ensaio.

6 - Disponível em: . Acesso em jun. de 2021.

Referências

BATESON, Gregory. Steps to an Ecology of Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 2000 [1972].

DIDI-HUBERMAN, Georges. Images malgré tout. Les Éditions de Minuit, 2003.

INGOLD, Tim. The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge.

INGOLD, TIM. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: Horizontes Antropológicos 18(37), 2012.

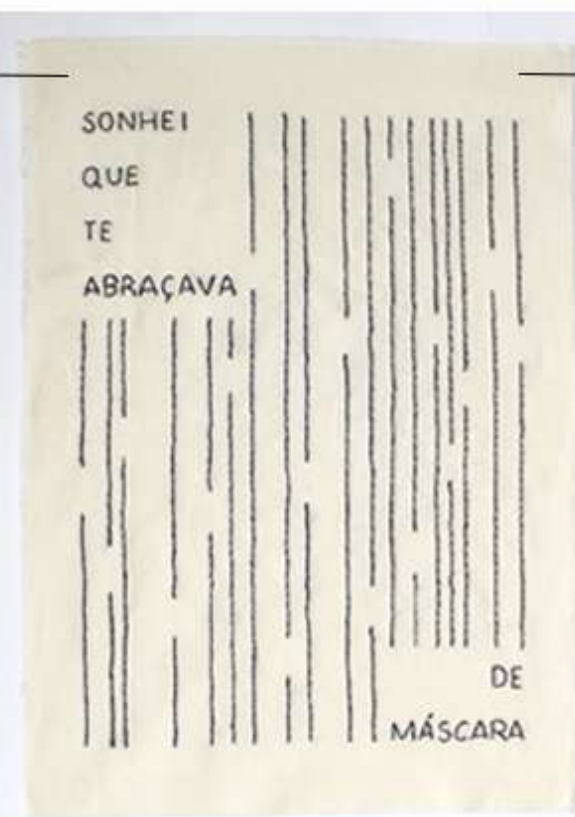
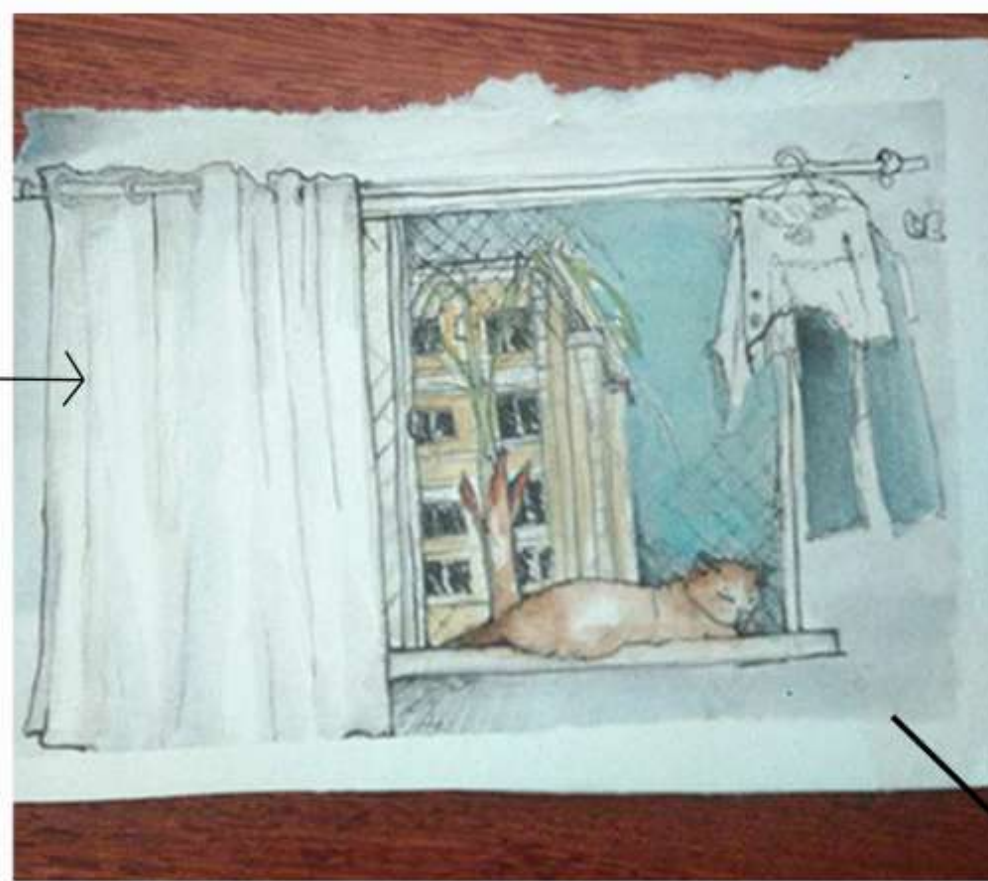
INGOLD, Tim. Estar vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

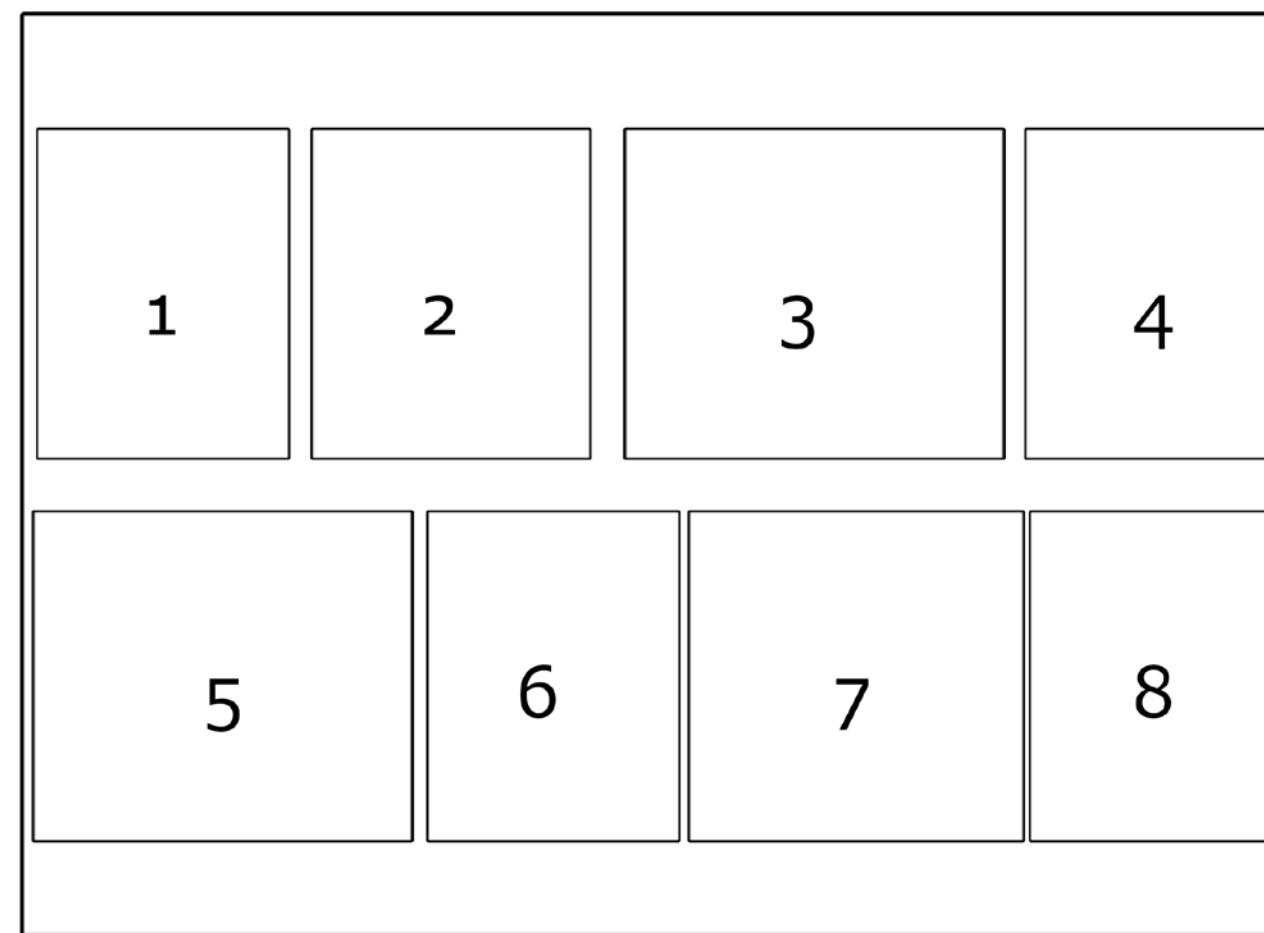
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

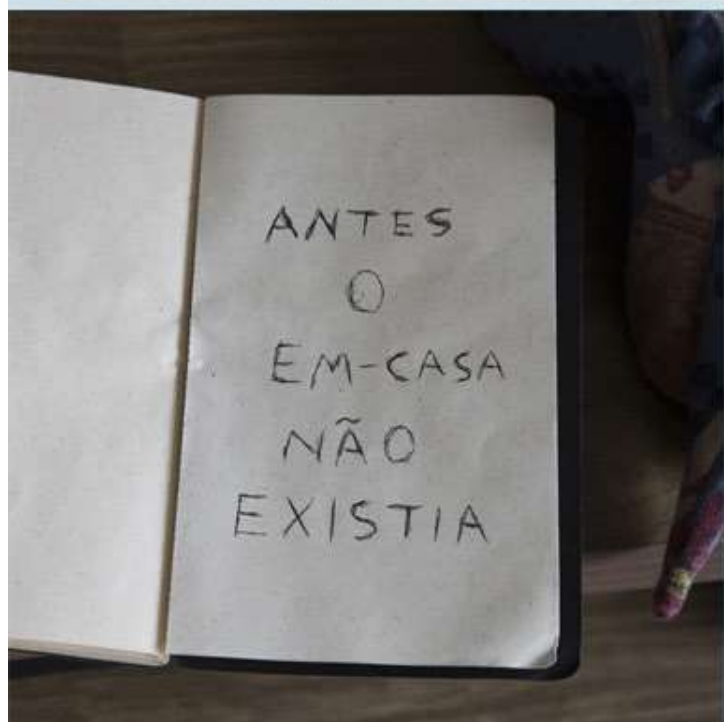
PELBART, Peter Pál. Vida nua, vida besta, uma vida. Trópico, 2007, p. 1–5.

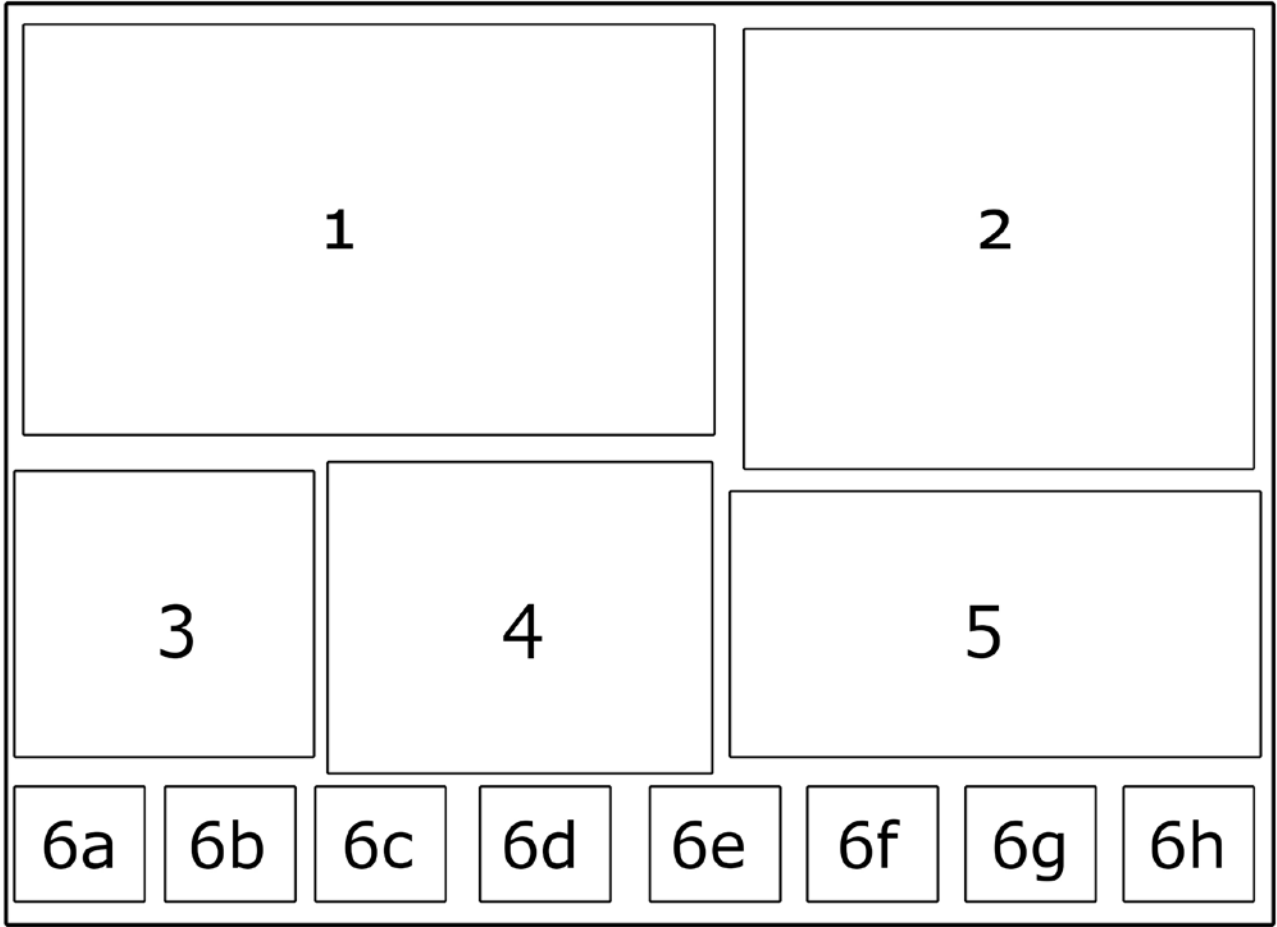
VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. In: Mana. Rio de Janeiro, 7(2), outubro de 2001, p. 133–140.



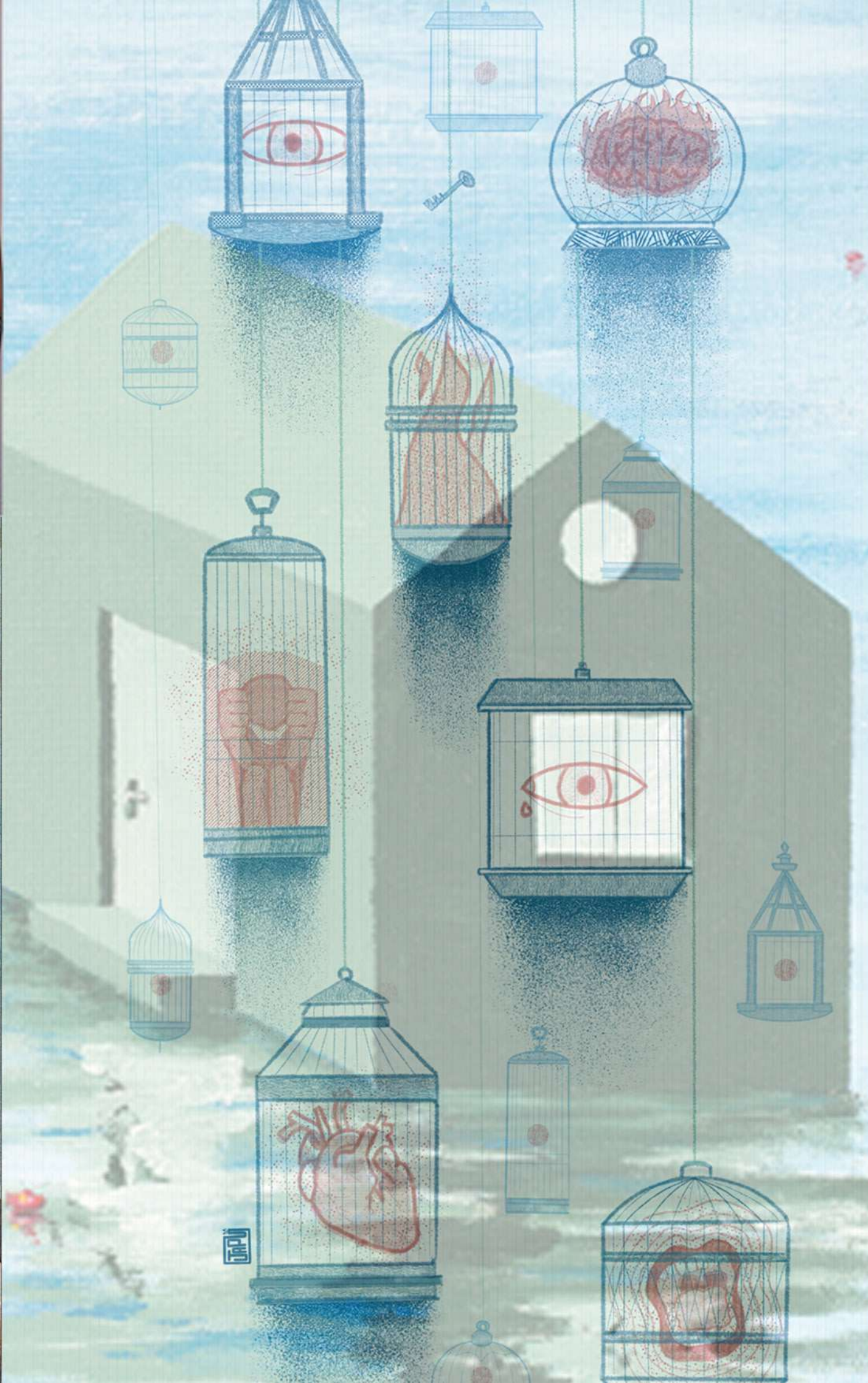


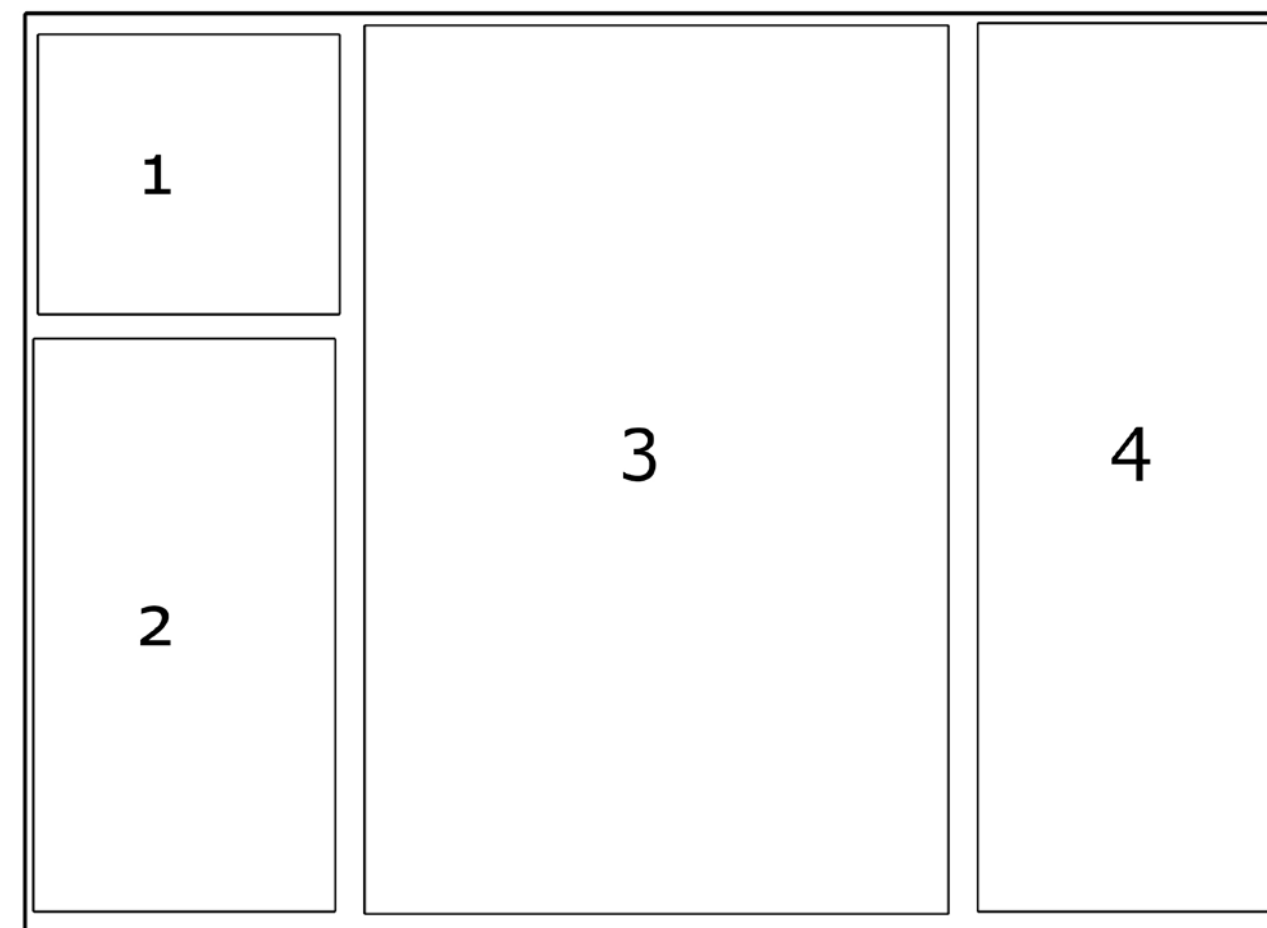
- 1- Carmen Giongo - "Queria ser janela...", Porto Alegre/RS, Brasil (2020).
- 2- Ana Teixeira - Convivência, São Paulo/SP, Brasil (2020).
- 3- Leila Patrícia - Sem título, Natal/RN, Brasil (2020).
- 4- Carolina Assis - Viver é dançar conforme o caos, Belo Horizonte/MG, Brasil (2021).
- 5- Natasha Azambuja - Negacionismo, Florianópolis/SC, Brasil (2020).
- 6- Francine Albernaz - Isolamento, Rio de Janeiro/RJ, Brasil (2020).
- 7- Duda Gimenes - Frustração, Rio de Janeiro/RJ, Brasil (2020).
- 8- Sophia Pinheiro - Sem título, Rio de Janeiro/RJ, Brasil (2020).





- 1- Lucas Landau - Vizinhança, Rio de Janeiro/RJ, Brasil (2020).
- 2- Kaísa Andrade - Sem título, Aracajú/SE, Brasil (2020).
- 3- Wagner Previtali - Antes o em-casa não existia, Pelotas/RS, Brasil (2020).
- 4- Alex Nakaóka - Sem título, Campinas/SP, Brasil (2020).
- 5- Marcelo Alves - Sem título, Rio de Janeiro/RJ, Brasil (2020).
- 6a, 6b, 6c, 6d, 6e, 6f, 6g, 6h- Priscila Moreira - Uma vida atrás das grades, Porto Alegre/RS, Brasil (2020).





1- Priscila Moreira - Meus olhos são as janelas desse mundo, Porto Alegre/RS, Brasil (2020).

2- Deia Corazzini - Parábola para o fim do mundo, Florianópolis, SC, Brasil (2020).

3- Sobreposição: Cândido - Isolamento I, Ilha de Boipeba/BA, Brasil (2021) e Julio Pazmino - Superpoderoso, Quito, Equador (2020).

4- Cândido - Meu próprio lar, Ilha de Boipeba/BA, Brasil (2020).



GUNTAS SEM RES

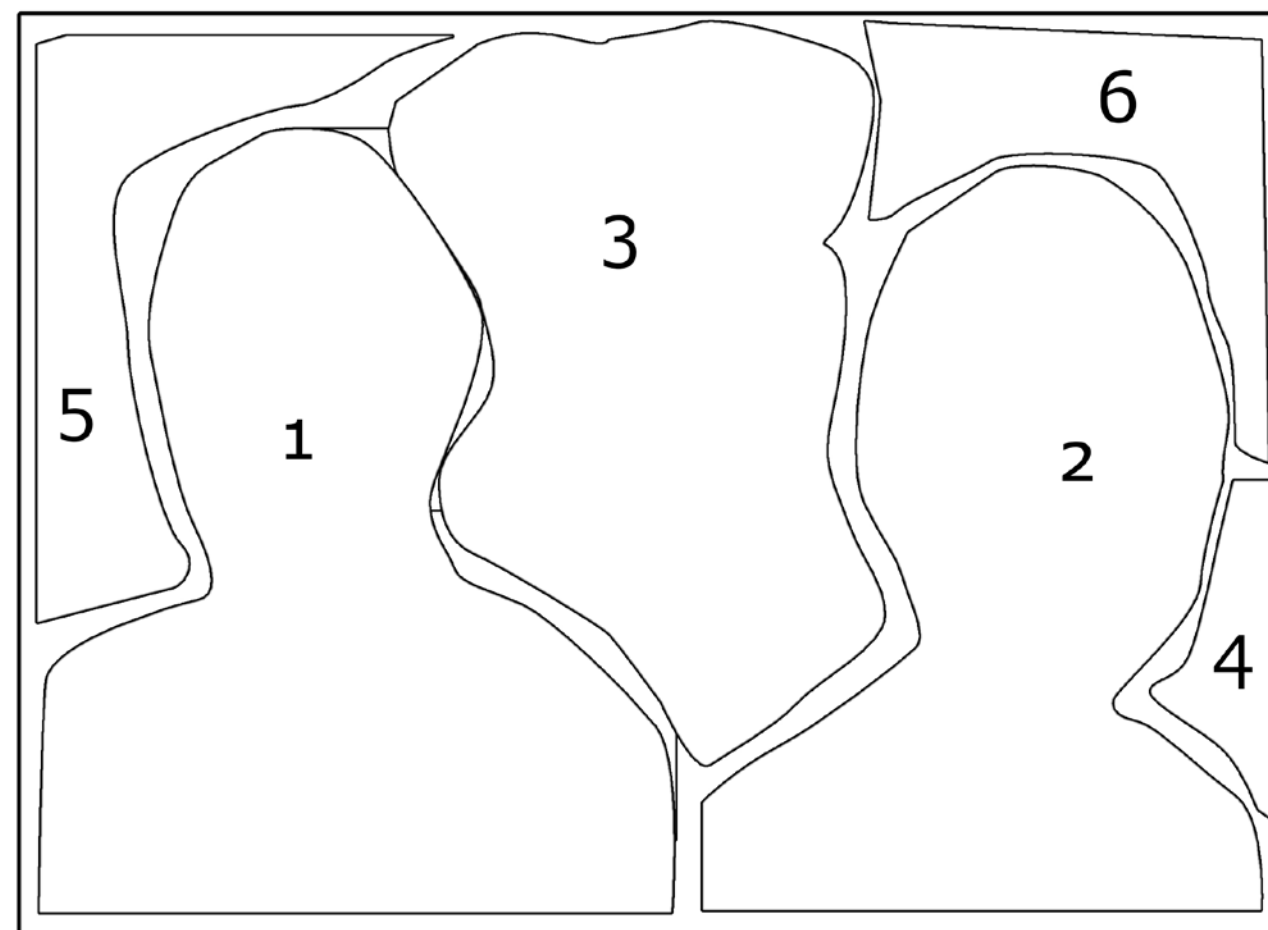
FALTA DE MEMÓRIA

SENTIMENTO DE ABANDONO

SÓ PENSO EM

essa lógica de descarte





1- Renata Malachias - [Re]tratos, São Paulo/SP, Brasil (2020).

2- Susanne Gabler - See me, Wismar, Alemanha (2020).

3- Priscila Natany - Abraço, São João Del Rei/MG, Brasil (2020).

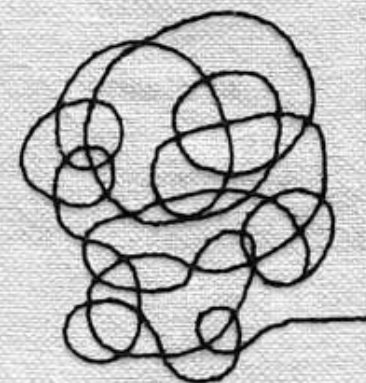
4- Maria Dobrovolskaya - Sem título, Country City/Tel Aviv, Israel (2021).

5- Alexandre Machado - Sem título, São Pedro do Sul/RS, Brasil (2020).

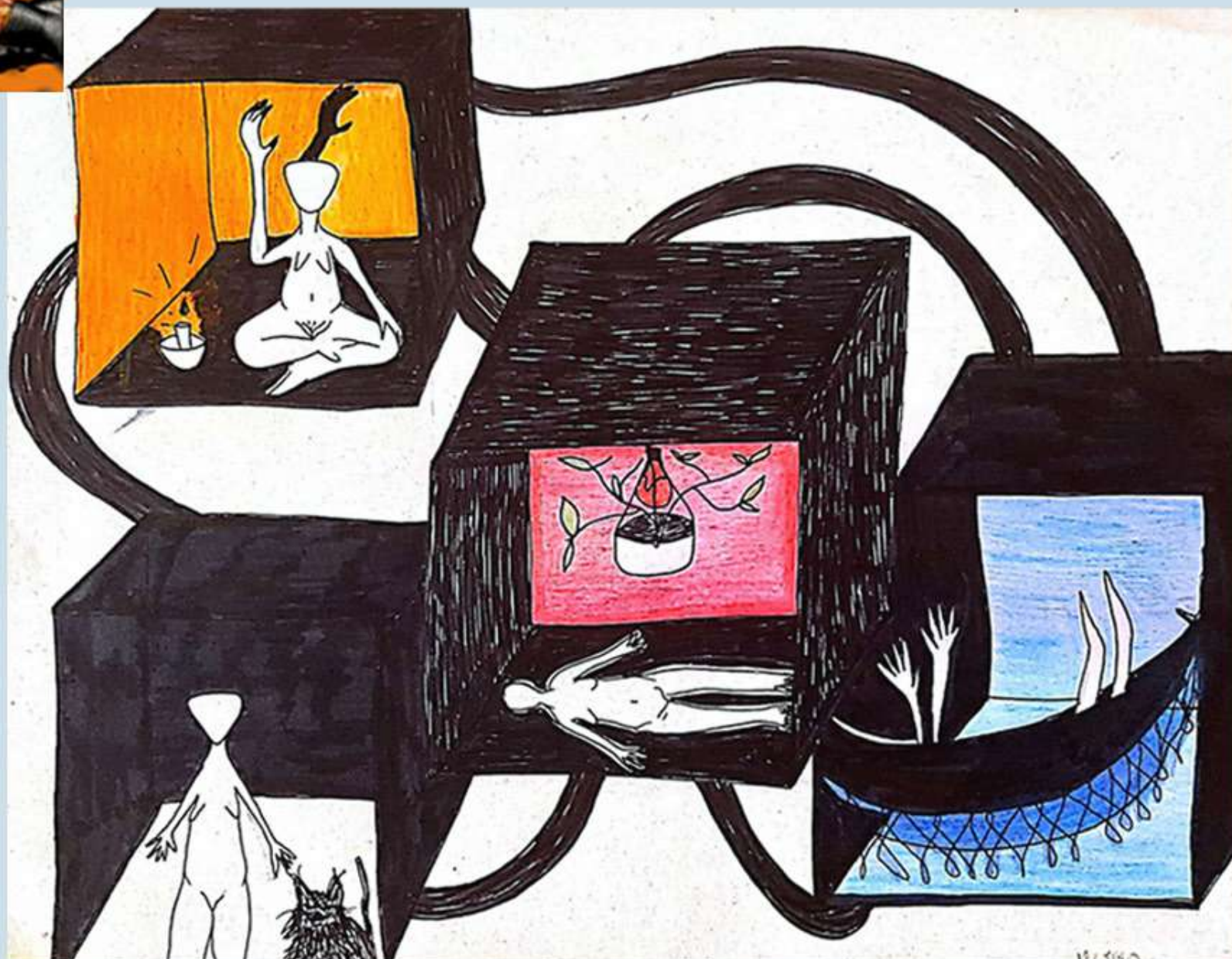
6- Jéssica Sandoval - Bordelois detalle, Buenos Aires, Argentina (2020).

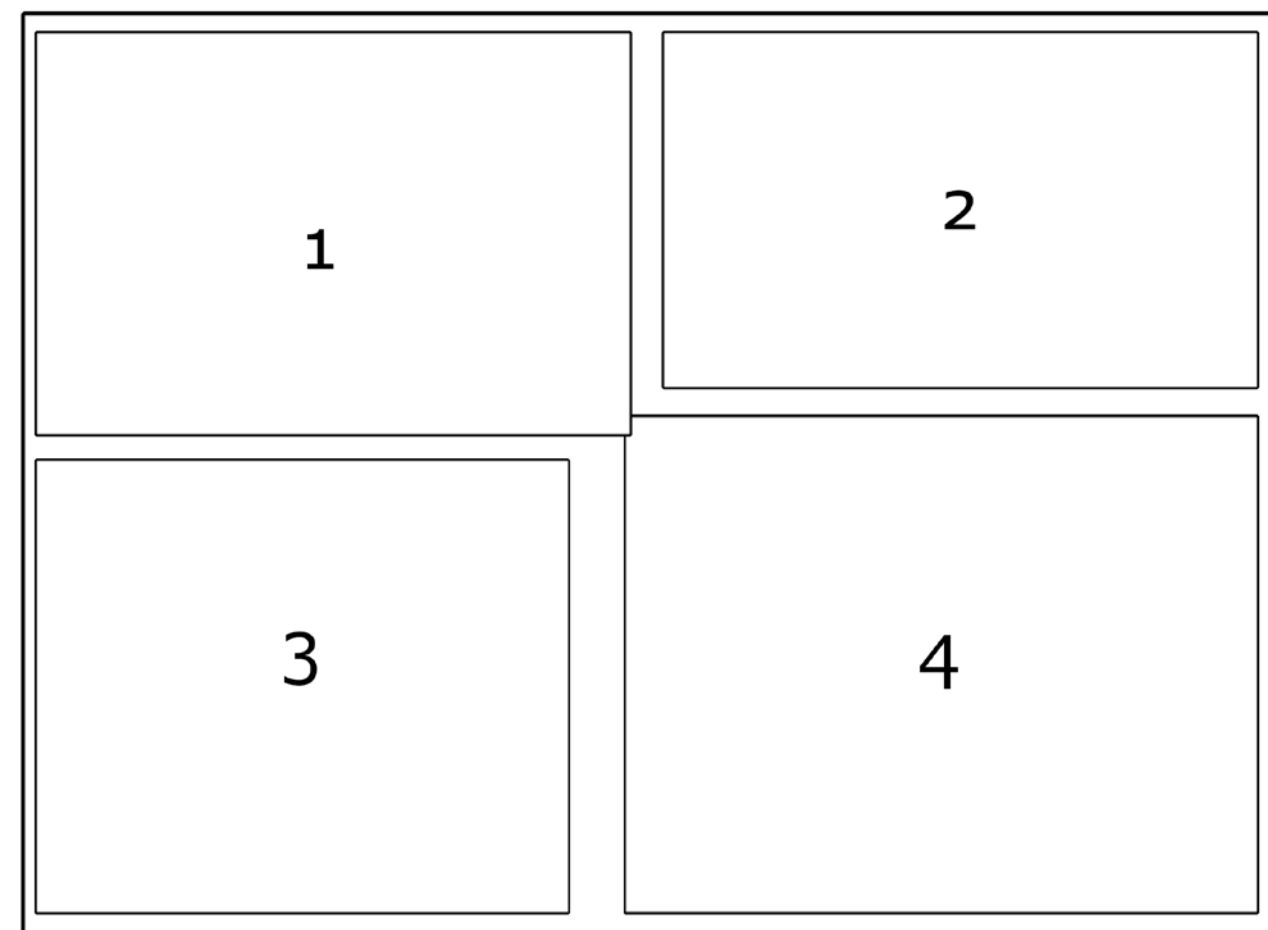


DISTANCIAMENTO



TEMPOS DE ESPERA





1- Alexandra Maia - Eu o tempo todo, Fortaleza/CE, Brasil (2020).

2- Yuli Anastassakis - Tempos de espera, Rio de Janeiro/RJ, Brasil (2021).

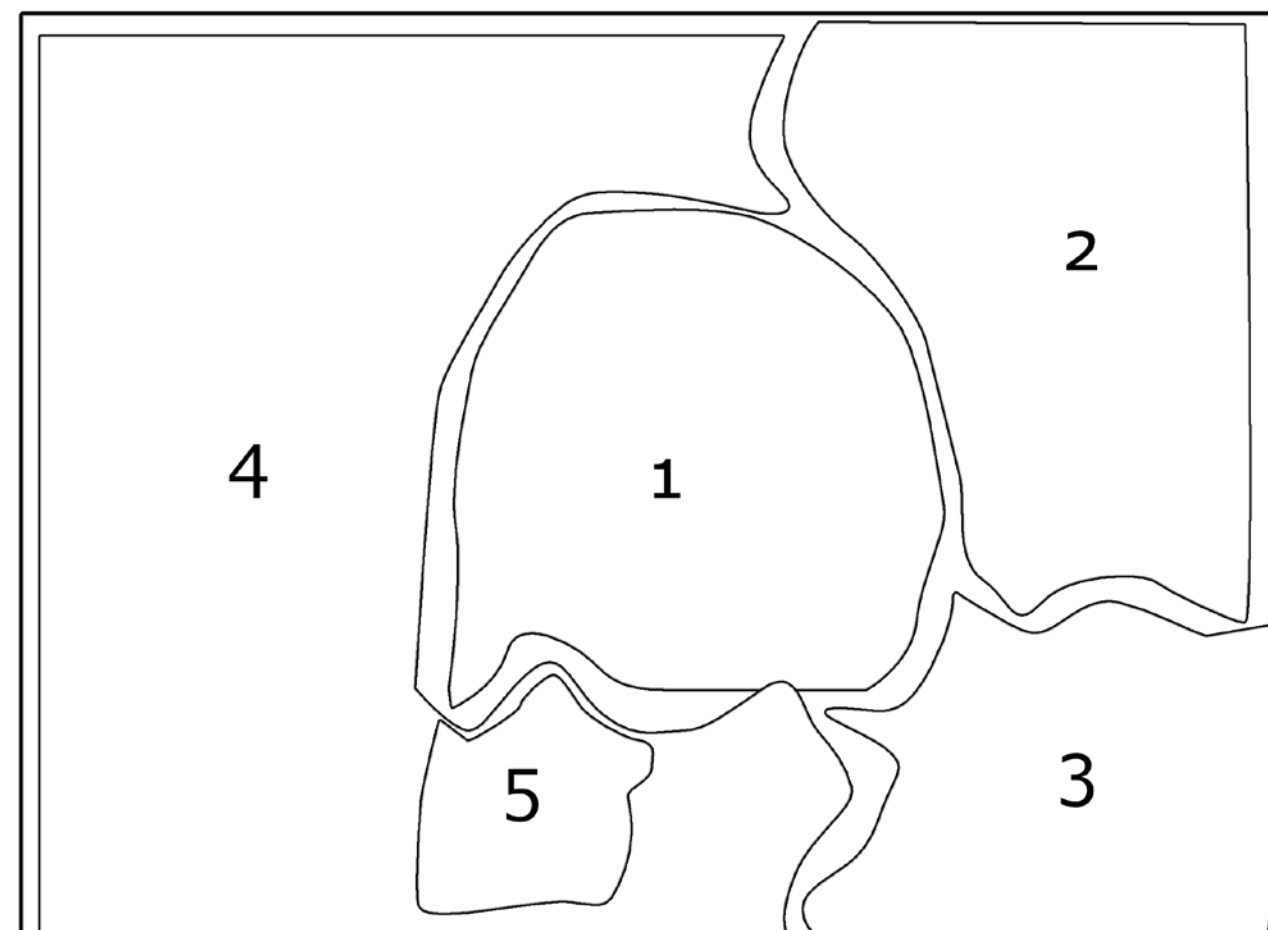
3- Deia Corazzini - Parábola para o fim do mundo, Florianópolis/SC, Brasil (2020).

4- Wemilly Soares - Sem título, Pelotas/RS, Brasil (2020).



lote: covid-19
Nome: Maria dos Santos
Idade: 46
Motivo: Médica
Onde pegou: Linha de frente ao combate do Coronavírus





- 1- Gabriela Delcin Pires - Lote Covid-19, Joinvile/SC, Brasil (2020).
- 2- Kunumi MC/Angry Films - Xondaro Ka'aguy Reguá, Brasil (2020).
- 3- Olisa Corcoran - Give me liberty or give me covid!, Durham/North Carolina, Estados Unidos (2020).
- 4- Kim Bechstein - Sem título, Groningen, Holanda (2020).
- 5- João Bacelar - Covid Séries, Lisboa, Portugal (2020).

(SOBRE) VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE
PANDEMIA: MEMÓRIAS EM ENSAIO

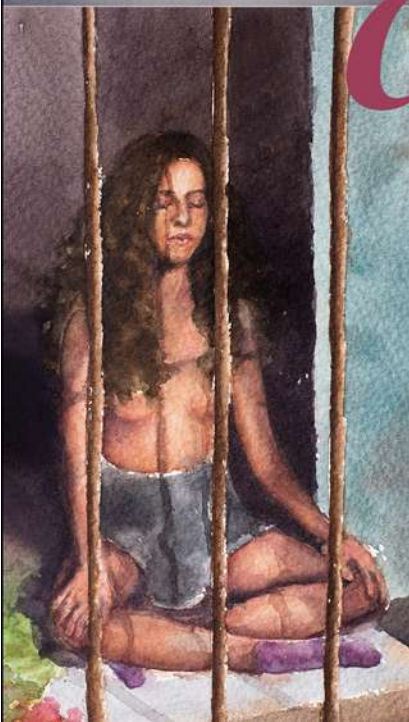
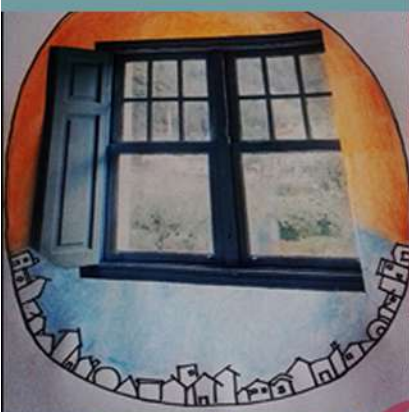


foto cromo grafias

